



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARLUCE SILVINO

SALVE SANT'ANA GLORIOSA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA FESTA E A
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CAICÓ/RN

FORTALEZA

2023

MARLUCE SILVINO

SALVE SANT'ANA GLORIOSA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA FESTA E A PRODUÇÃO
DO ESPAÇO URBANO EM CAICÓ/RN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de doutor. Área de concentração Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Dr. José Borzacchiello da Silva.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S594s Silvino, Marluce.
Salve Sant'Ana Gloriosa: : a ressignificação da festa e a produção do espaço urbano em Caicó/RN. / Marluce Silvino. – 2023.
129 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.
1. Geografia Humana. 2. Festas Religiosas. 3. Produção do Espaço. 4. Festa de Sant'Ana. 5. Caicó/RN. I. Título.

CDD 910

MARLUCE SILVINO

SALVE SANT'ANA GLORIOSA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA FESTA E A PRODUÇÃO
DO ESPAÇO URBANO EM CAICÓ/RN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de doutor. Área de concentração Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em 15/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dra Rita de Cassia da Conceição Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof^a Dra Ione Rodrigues Diniz Morais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Edenilson Dutra de Moura
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Prof.Dr. Tiago Estevam Gonçalves
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Ao Felipe Luiz, meu Pipe.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui não foi feito sozinho, muitas mãos se entrelaçaram no percurso sendo fruto de inúmeras trocas e vivências; a primeira e mais relevante foi com o querido professor José Borzacchiello, nós dois sabemos das lutas enfrentadas no decorrer dessa escrita; o nascimento de um filho, a pandemia, e outras tantas questões. Tiveram dias que as palavras dele foram as únicas forças que eu tive para continuar. Nunca ouvi ou li nenhuma palavra ríspida ou crítica, ele sempre dizia: fique bem, cuide-se e a família como esta? Obrigada, Zé por ser mais que orientador, pelo cuidado quase de pai e por acreditar em mim nas horas em que nem eu acreditava.

A turma que ingressou em 2018 no programa criou um vínculo maravilhoso, muitas amizades foram feitas naquele banco da cantina enquanto tomávamos um café ou nas demoradas refeições feitas no R.U. Formamos um grupo que se apoiou nas disciplinas e na vida fora dos muros da Universidade. Em especial Fernanda, Wanderson, Jeferson, Magno, Jacqui e Leudinha vocês foram com certeza a leveza daqueles tempos e os guardarei sempre em meu coração. Jânio, meu “conterrâneo de curso”, obrigada não só pela ajuda nos mapas como pelas risadas e momentos que sua alegria foram um alento nas incertezas.

Aos docentes do programa, meus agradecimentos e a coordenação nas pessoas de Edilene, Erandi e professor Christian, coordenador na época vocês sempre foram gentis com nossas dificuldades nas burocracias acadêmicas. O professor em especial colaborou na qualificação e na iluminação de muitas dessas ideias, obrigada. Á Funcap pela bolsa que financiou boa parte deste trabalho.

E por fim não pelo grau de importância, mas por que faltam formas de expressar tanta gratidão, aos meus familiares alicerce de toda essa história. E ao Frankly, com quem divido mais de 15 anos de história, dedico não esse texto, mas minha trajetória acadêmica até aqui pois sei que foi um sonho que ele sonhou e lutou para que eu realizasse como se fosse dele, obrigada!

E ao meu pequeno Felipe, que me ensina tanto todos os dias, pela pureza como revela que a vida é simples e que precisamos uns dos outros sempre, por me ensinar sobre gratidão, empatia, respeito, amor e também sobre a resiliência.

RESUMO

Pensar a organização do espaço urbano através das práticas culturais, a exemplo das festas religiosas é a leitura que essa tese realiza. As festas têm abordagens diferenciadas de acordo com a escala do lugar, em cidades maiores ou metrópoles; logo, se apresentam de um modo totalmente distinto daquele que revelam nas cidades do interior do país, sendo nestas últimas muitas vezes o acontecer de maior efervescência social. A cidade de Caicó, no interior do Rio Grande do Norte, realiza todos os anos, no fim do mês de julho, os festejos em devoção à Sant'Ana, e movimenta não só a cidade como toda a região; chega até a incorporar, no contexto turístico, visitantes de lugares mais distantes. As comemorações são ancoradas na tradição religiosa/católica que é marca conhecida da cidade juntamente com seus atributos culturais/tradicionais como a carne de sol, o queijo e o bordado. Ao ser realizada, a Festa impacta diferentes aspectos, não apenas o setor econômico, com os fluxos de pessoas e produtos, mas também a própria estrutura socioespacial do lugar, que se reorganiza para vivenciar esse momento. Cientes disso, objetivamos entender de que forma a Festa de Sant'Ana se ressignifica com o passar do tempo e os desdobramentos na produção espacial da cidade de Caicó, em virtude desse fenômeno. A metodologia parte da tríade espaço concebido, percebido e vivido, pautando-se em Lefebvre (2006), dentre outros autores clássicos, a citar Claval (2014), que sustenta a discussão sobre a cultura e o espaço geográfico. Nos procedimentos, exploramos a pesquisa documental (desde revistas, encartes, bibliografias locais) e empírica com a observação em campo e exploração do objeto estudado e realização de entrevistas. Nesse contexto, afirmamos que a construção histórica de Caicó está ligada à religiosidade e ao surgimento da Festa de Sant'Ana como marcos que definem a percepção de cidade. E, com o passar dos anos, se consolida como a vitrine da identidade que se reafirma a cada festejo.

Palavras-chave: produção do espaço; cidade; urbano; Caicó; festa de Sant'Ana.

ABSTRACT

Thinking about the organization of urban space through cultural practices, such as religious festivals, is the interpretation that this thesis carries out. These festivals have different approaches according to the scale of the place: in larger cities or metropolises they are presented in a totally different way from that revealed in the cities of the interior of the country, being, in the latter, often the event of greater social effervescence. The city of Caicó, in the interior of Rio Grande do Norte, Brazil, holds every year, at the end of July, the festivities in devotion to Sant'Ana, which gathers not only the city, but the entire region; even incorporates, in the touristic context, visitors from more distant places. The celebrations are anchored in the religious Catholic tradition that is the city's well-known mark, along with its cultural/traditional attributes, such as carne-de-sol, cheese and embroidery. When held, the festival impacts different aspects of society, not only in the Economics, with the flows of people and products, but also in the socio-spatial structure of the place, that reorganizes itself to experience this moment. Aware of this, the objective of this work is to understand how the Festival of Sant'Ana is re-signified with the passage of time and the developments in the spatial production of the city of Caicó by virtue of this phenomenon. The methodology is based on the triad of conceived, perceived and lived space, based on Lefebvre (2006), among other classic authors, including Claval (2014), which supports the discussion about culture and geographic space. In the procedures we explore documentary research (from magazines, periodicals, local bibliographies) and empirical, with field observation and exploration of the object studied. In this context, it is stated that the historical construction of Caicó is linked to religiosity and the emergence of the Festival of Sant'Ana as landmarks that define the perception of the city. Over the years, those aspects consolidate themselves as the showcase for the local identity that reaffirms itself at each celebration.

Keywords: production of space; city; urban; Caicó; feast of Sant'Ana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Igreja de Sant’Ana em 1936	43
Figura 2 –	Atual Catedral de Sant’Ana	44
Figura 3 –	Monumento Réplica do Arco do Triunfo em Caicó	45
Figura 4 –	Linha do tempo da festa nos séculos 18 e 19.....	50
Figura 5 –	Trecho do poema de Hilda Araújo	53
Figura 6 –	Exemplar digitalizado do Jornal a Fôlha de 28.07.1956	54
Figura 7 –	Planta da cidade com destaque do Complexo Turístico	57
Figura 8 –	Planta do Complexo Turístico	61
Figura 9 –	Mosaico de fotos do Complexo Turístico.....	63
Figura 10 –	Vendedores ambulantes na Festa de Sant’Ana	67
Figura 11 –	Feirinha de Sant’Ana ao lado da Catedral	69
Figura 12 –	Feirinha de Sant’Ana no Complexo Turístico	70
Figura 13 –	Mosaico de estandes na Famuse	72
Figura 14 –	Tipos de espaços vividos no catolicismo	74
Figura 15 –	Chegada dos peregrinos	77
Figura 16 –	Pavilhão de Sant’Ana	78
Figura 17 –	Cavalgada de Sant’Ana	79
Figura 18 –	Procissão de Sant’Ana	83
Figura 19 –	Estandarte de Sant’Ana nas residências em 2020	93
Figura 20 –	Bispo e imagem se preparam para sobrevoar a cidade	94
Figura 21 –	Procissão individual de M.M.S	97
Figura 22 –	Almoço de Sant’Ana em <i>Drive Thru</i>	104
Figura 23 –	Suvenires da Festa de Sant’Ana em 2020/2021	105
Figura 24 –	Devotos na trilha caminhos de Sant’Ana	108
Figura 25 –	Distribuição das mesas a venda na Feirinha	110
Figura 26 –	Festa “TBT do Safadão” no Complexo Turístico	113
Figura 27 –	Restaurante suspenso no Complexo Turístico	114

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização de Caicó-RN	34
Mapa 2 – Bairros de Caicó	39
Mapa 3 – Trajeto da Procissão	82
Mapa 4 – Cidades pertencentes à Diocese de Caicó	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRACAS	Comitê Regional das Associações e Cooperativas Artesanais do Seridó
IBGE	Instituto Brasileiro de geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FAMUSE	Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó
FUNARTE	Fundação Nacional das Artes
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O TEMPO, A CIDADE E A HISTÓRIA DA FESTA DE SANT'ANA.....	27
2.1	O tempo, o espaço e a festa na cidade.....	27
2.2	A Festa, o caicoense e a devoção à Sant'Ana	40
2.3	Narrativas da cidade: as memórias caicoenses sobre a festa de Sant'Ana	46
3	O CONCEBIDO, O PERCEDIBO E O VIVIDO NAS TERRAS DE SANT'ANA.....	58
3.1	Espaço concebido e as transformações na cidade pelo poder público para a Festa de Sant'Ana	58
3.2	O espaço percebido e a reprodução da festa pelo comércio: entre os bailes e as feiras	64
3.3	O vivido: os espaços de representação na terra de Sant'Ana	73
4	A CIDADE E A FESTA NA CONTEMPORANEIDADE.....	86
4.1	Cada casa uma catedral: impactos da pandemia na festa de Sant'Ana.....	86
4.2	A economia da festa e cidade no ciberespaço: entre lives e qrcode.....	98
4.3	A festa e as novas especializações após pandemia.....	107
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
	REFERÊNCIAS.....	121
	APÊNDICE A - ENTREVISTA DIRECIONADA AO REPRESENTANTE RELIGIOSO DA PARÓQUIA.....	126
	APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PARTICIPANTE.....	128

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho disserta sobre a relação entre a festa de Sant'Ana, no município de Caicó, localizado no estado do Rio Grande do Norte, e as mudanças socio espaciais que esta ocasiona. A festa em questão é considerada uma das maiores do interior potiguar e ocorre tradicionalmente nos dez últimos dias do mês de julho, dinamizando a economia, gerando fluxo de pessoas e de mercadorias e atraindo visitantes de todo o país, como aponta o IPHAN (no entanto, o público principal é composto por pessoas da região que foram embora e que retornam anualmente para vivenciar a festa e reencontrar família e amigos).

Destaca-se que a religiosidade católica, característica marcante nas cidades do interior norte-rio-grandense, é revelada pelas comemorações de seus padroeiros, festas estas como sabe-se, realizadas também de norte ao sul do Brasil. Seguindo essa regra, Caicó anualmente celebra a Festa de Sant'Ana que foi se consolidando com o passar dos tempos e torna-se tradição, é a reafirmação da cultura não só local, mas regional já que influência também as cidades em seu entorno.

A festa acontece ocupando dimensões diversas, são formas e funções perenes ou temporárias que reorganizam o espaço geográfico criando centralidades na reprodução do espaço urbano; e pode-se salientar que algumas contradições são vistas no evento festivo: nem todos têm acesso a alguns espaços como os shows, com ingressos de alto valor e, em contrapartida, a essência do evento que seria o religioso, e por essa natureza estaria ao alcance de todos, quando na verdade, se apresenta de forma elitizada.

Ao mesmo tempo que apresenta contrariedades, demonstra coexistências, a festa é vista como o símbolo da tradição cultural/religiosa. Ela representa o comportamento que persiste no tempo, mesclando-se com outras formas de expressões oriundas de outras realidades, a exemplo, tem-se o Baile dos Coroas e, recentemente, a Noite Branca. Deste modo, observa-se o local e o global que combinam e se completam dando nova face à Festa de Sant'Ana. No momento festivo, a religiosidade é mercantilizada, seja nas diversas feiras, nos shows musicais, no comércio como um todo e até mesmo na procissão, ritual de maior devoção, impactando a dinâmica econômica da cidade.

Nesse sentido, a tese compreende como a Festa de Sant'Ana em Caicó/RN, sendo um evento simbólico e identitário que cria novas espacialidades e transforma o

urbano através da produção do espaço. A festa, antes realizada nos arredores da catedral e proximidades, tem na construção do Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana a sede para a maioria dos eventos públicos/gratuitos.

O lugar do religioso/sagrado, já bem demarcado e protagonista, ganha, após essa construção, um coadjuvante que será o lugar oficial do lazer/profano; assim, a festa se ressignifica sobretudo pela apropriação do turismo e revela novas dinâmicas (econômicas, sociais e culturais) que são o recorte de pesquisa desta escrita. Tendo em vista as diferentes temporalidades que se revelam durante a Festa, como fruto de um processo social histórico, escolhemos o método de análise regressivo – progressivo de Lefebvre.

A discussão, pautada na tríade **espaço concebido, percebido, e vivido** do mesmo autor, nos permite, a partir do recorte espacial escolhido, compreender que o espaço é socialmente produzido e historicamente determinado pelo capital. Sobre o espaço percebido, destacamos que este advém da percepção que se tem das práticas espaciais. Em outras palavras, a forma como uma sociedade enxerga seu espaço.

De acordo com Lefebvre (2006), são pelas práticas que a sociedade aprende a decifrar seu espaço. A esse respeito, Serpa (2005, p. 222) acentua que “o espaço percebido está relacionado diretamente aos objetos e aos fenômenos imediatos, carecendo de elaborações simbólicas de cunho complexo”. Desse modo, o espaço percebido é gerado a partir das vivências, da noção valorativa que têm os fenômenos e acontecimentos.

Em relação ao espaço concebido, Schimid (2012, p. 102) observa que esse é “um ato do pensamento”, que se antes era percebido, agora, passa a ser construído. Se o percebido se dá no campo dos sentidos, o espaço concebido é a materialização do conjunto de signos que elaboram um espaço simbólico. Esse mesmo autor ainda revela que nenhum espaço concedido concretamente não foi antes concebido no intelecto do ser humano.

O espaço vivido é, por sua vez, aquele onde as vivências acontecem e é neste espaço que se dão “os conflitos e as lutas” (SERPA, 2014, p. 222). É na vida cotidiana que o terceiro campo da produção do espaço revela a experiência vivida do espaço, refere-se ao “mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana” (SCHMID, 2012, p. 102). O espaço vivido é onde acontecem as transformações e as problemáticas. É nessa cotidianidade do espaço vivido que os

indivíduos constroem e desconstroem o percebido e o concebido num constante ciclo de reinvenção do espaço.

Esse é o método do qual partimos e que nos leva a compreender a dinamicidade do espaço que é construído, comercializado e também vivenciado pelos diferentes agentes sociais. Sobre esse espaço, Santos (1988, p. 25) afirma que “resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento”. Sendo o conceito chave da ciência geográfica e permitindo a leitura do mundo, o espaço é:

Algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (SANTOS, 2008, p. 46).

Esse é o momento histórico no qual se dispõe de técnicas que interligam e criam um novo espaço mundo, como assegura Santos (2004, p. 25):

Na história da humanidade é a primeira vez que tal conjunto de técnicas envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença. Isso, aliás, contamina a forma de existência das outras técnicas, mais atrasadas. As técnicas características do nosso tempo, presentes que sejam em um só ponto do território, têm uma influência marcante sobre o resto do país, o que é bem diferente das situações anteriores.

As técnicas no contexto citado revelam a essência de um espaço que está inserido num meio técnico-científico-informacional, dentro de uma lógica global e que cria horizontalidades e verticalidades, espaços homogêneos e heterogêneos, com fluxos e funcionalidades específicas. Sobressaem-se rugosidades, formas que se cristalizam e permanecem como os espaços tombados e ao mesmo tempo espaços estrategicamente voláteis que são construídos já com a perspectiva de ser desconstruídos, feitos para não durar. E, tem-se mais além, o que ele vai chamar de *ciberespaço*: o espaço virtual que mora dentro de computadores e meios digitais.

Outra abordagem para se entender o espaço é a linha de Harvey (2012). Para esse, o espaço pode ser relativo e ao mesmo tempo absoluto. Espaço absoluto é o concreto, contém forma, é a materialização das ideias e projeções humanas. Já o relativo é relacional, é o espaço que liga os objetos, as formas. O autor corrobora com

as reflexões anteriormente expostas de Lefebvre de um espaço que é tríduo; é material, mas é também a representação (o que se concebe) e o espaço dos sentidos e sensações (o que é vivido).

Essas características do espaço contêm como apontamos uma temporalidade: os eventos e movimentos vão acontecer em um determinado tempo, tempo este que é cronológico e, também, social. Para Corrêa (2019, p. 285):

Tempo e espaço são elementos para a existência de processos e formas tanto criados pela natureza como pela ação humana. Sem tempo e espaço nada existe ou se reproduz. Ambos, tempo e espaço, têm sido objetos da física, filosofia e de outros campos do conhecimento, tendo, no entanto, recebido uma relativamente pequena atenção entre os geógrafos, a despeito da superfície da Terra, morada do Homem, ser uma notável expressão da ação do tempo e do espaço.

O autor chama atenção para o fato de que mesmo sendo tempo e espaço imbricados, a geografia, a despeito de outras ciências, tem dado ao primeiro conceito um lugar de pouco destaque; talvez por receio de entrar num objeto de estudo de sua ciência irmã; a história; ou ainda pelo desejo de ruptura da geografia historiográfica, pouco dedica a compreender os complexos processos e se deter à catalogar os eventos e fenômenos. Se pensarmos na geografia física, o tempo tem sido mais abordado nos estudos relacionados ao tempo mesmo cronológico, ao tempo da natureza. No entanto, para os estudos dos fenômenos humanos/culturais, entender as diferentes temporalidades dos eventos sociais é imprescindível. A temporalidade, conforme Corrêa (2019, p. 287):

[...] diz respeito aos atributos associados ao tempo. Assim, refere-se diretamente ao movimento e aos processos, ainda que relacionando-se à pausa e à forma. A temporalidade está, assim, manifestando-se na espacialidade. Três atributos podem, ao menos, caracterizar a temporalidade: criação, desenvolvimento e transformação. Não se trata de uma transposição pura e simples de atributos da biologia, especialmente se considerarmos o espaço, visto como *lócus* da ação humana.

Quando procuramos fazer uma leitura do espaço, a observância dos três atributos do tempo que o autor cita são fundamentais para compreender o processo: se temos um acontecer humano como a Festa, por exemplo, reconhecer o processo de sua criação possibilita entender o porquê de sua permanência e o que de fato

viabiliza a Festa. Santos (2006) vai tratar o tempo a partir da ideia de momento, instante ou ação dos fenômenos. Para ele:

Os homens não percorrem as mesmas distâncias no mesmo tempo, dependendo dos meios com que contam. Mas, no espaço geográfico, se as temporalidades não são as mesmas, para os diversos agentes sociais, elas, todavia se dão de modo simultâneo. Constatamos, de um lado, uma assincronia na sequência temporal dos diversos vetores e, de outro lado, a sincronia de sua existência comum, num dado momento (SANTOS, 2006, p. 104).

O autor revela que mesmo o tempo, no formato cronológico, sendo o mesmo para todos, o acontecer dos fenômenos revela temporalidades distintas pois estas ocorreram de acordo com os recursos, meios e técnicas que cada um dispunham. O tempo como as coisas se sucedem é abstrato e já o tempo como as coisas são simultâneas é concreto. O mais relevante disso tudo como aponta Santos (2006, p. 104) é que: “O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço [...] relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo.”

O espaço contém um tempo: as temporalidades que revelam a vida no espaço. É no decorrer do tempo que tudo se desenrola e pelo uso das técnicas/ferramentas se produzem os lugares; os primeiros habitantes deste planeta foram se adaptando e adaptando os recursos naturais ao seu modo de vida, criando os territórios, que depois tornaram-se cidades. A cidade é um conceito que para ser esmiuçado requer a revisão do tempo.

As cidades surgem por intermédio da convivência em grupos e para a troca do que era excedente. Também por segurança, estar em comunidade era mais apropriado em tempos remotos, como concorda Santos (1992, p. 97):

No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu pedaço de Natureza os elementos indispensáveis à sua própria sobrevivência. Organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos. A cada constelação de recursos correspondia um modelo particular.

Ao passo que essas necessidades foram se desfazendo e outras configurações foram surgindo chegamos a um momento em que a cidade é o principal ponto do espaço de aglomerados humanos e onde se destaca a mundialização das técnicas e

decisões mundiais. Vale salientar que cidade e urbano são distintos embora a cidade esteja contida no espaço urbano e esta:

Pode ser entendida como um espaço social onde todos os moradores teriam, a priori, o direito de ir e vir, de compartilhar a cultura, a riqueza, os bens de serviços, desfrutar do conhecimento coletivo, direito ao trabalho e a participação nas decisões do uso dos espaços da cidade (SILVA, 2004, p.5).

A cidade, partindo dessa definição, seria o local concreto onde as ações se materializam. Por sua vez, o urbano seria definido ou demarcado por leis, decretos; porém, no âmbito do abstrato. A cidade terá assim incontáveis definições, será inicialmente como um imã, um tempo que liga todos ao seu redor, e depois como uma escrita, são as ruas, casas feitas de tijolos, prossegue e torna-se um agente político, centro de decisões e afirmação de poder, e para além da perspectiva político administrativa, a cidade torna-se também o espaço da grande produção e local de disputa pela apropriação e produção do espaço, assim consta em Rolnik (1988).

Dentre as definições contidas em Rolnik (1988), algo é evidente: a cidade se apresenta como centralidade, se torna o local onde o grande capital constrói suas empresas, fixa-se os núcleos financeiros, como revela Havey (2005). Quando elaboramos essa ideia, logo pensamos que as cidades serão sempre mega cidades ou metrópoles, mas, na realidade de muitos países como no Brasil, as cidades são criadas em escalas muito distintas: umas são bem pequenas no quesito territorial e já outra, no aspecto populacional, sobre isso, Lencione (2008, p. 112) revela:

Na conceituação de cidade, excluindo-se, portanto, a idéia que nega a incorporação da população voltada às lides do campo, bem como a de tamanho da população, mantém - se as idéias de aglomerado, sedentarismo, mercado e administração pública, que parecem constituir referências importantes na conceituação de cidade.

Nesse sentido, as cidades também serão médias e pequenas e a centralidade será no sentido do seu papel econômico, financeiro, tecnológico, na oferta de serviços frente à região. E, dentro dessas cidades, existiram ainda os espaços centrais e as periferias. Essas questões decorrem da dinâmica de desenvolvimento de cada cidade com base na produção do espaço e para se entender as centralidades, é necessário ver que não existem sem as áreas periféricas. Esse processo é constante, a

morfologia da cidade muda conforme a necessidade vigente e tem grande influência da valorização fundiária e mercadológica, como aponta Sposito (2001, p. 85):

Essa nova morfologia caracteriza-se pela expansão do tecido urbano, de forma intensa, mas descontínua. Os espaços urbanos se redefinem. Ao invés de aglomerações urbanas que designam contiguidade e adensamento populacional, de infraestruturas e equipamentos, produzem-se largas tramas urbanas que se redefinem por uma estruturação polinucleada, interna e externamente articulada por amplos sistemas de transporte e comunicação.

Além desse fenômeno, também outro chama a atenção: o surgimento de centralidades dentro das periferias. São as zonas mais dinâmicas dentro dos bairros onde destaca-se o comércio voltado para serviços básicos da população, como correspondentes bancários que fazem o papel dos grandes bancos, lojas varejistas, farmácias, supermercado e escolas.

O comércio é o ponto de maior apoio nesse contexto, pois ao encontrar tudo que se necessita no bairro, a ida até o centro da cidade não se faz necessária. Nas cidades pequenas, onde os transportes públicos são muitas vezes inexistentes, essa opção é a mais viável. As atividades comerciais, juntamente com a especulação imobiliária, o mercado e o poder público serão os principais agentes de transformação do espaço urbano.

Nos últimos cinquenta anos, o Brasil se revela predominantemente urbano embora pensar nesse urbano seja levar em conta que boa parte da nação não se encontra nas infladas metrópoles do país e sim em cidades médias e até pequenas. Como citado anteriormente, isso nos revela um ser e viver no urbano que tem características específicas e em alguns lugares nota-se ainda enraizada a questão da tradição e da cultura.

Desse modo, a definição do fenômeno urbano conforme Corrêa (1995, p. 9): “Eis o que é o espaço urbano; fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas”. O espaço urbano é a soma de diferentes usos da terra e que o autor acima vai denominá-las de formas espaciais, essas formas se originam desses condicionantes que irão se reproduzindo noutros espaços.

E a produção do espaço no contexto atual se dá pela produção do capital, sobre isto Santos (1994, p. 88) afirma: “não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho”. O espaço então se reproduz

a partir das relações sociais que se realizam nesse espaço. Lefebvre (2006, p.34) sobre isso diz o seguinte:

E esse espaço seria abstrato? Sim, mas ele é também real, a mercadoria e o dinheiro, essas abstrações concretas. Ele seria concreto? Sim, mas não da mesma maneira que um objeto, um produto qualquer. Ele é instrumental? Decerto, mas não como o conhecimento, ele transcende a instrumentalidade. Ele seria redutível a uma projeção- a uma objetivação do saber? Sim e não: o saber objetivado num produto não coincide mais com o conhecimento teórico. O espaço contém relações sociais.

Então, na produção do espaço, a sociedade e a materialidade do espaço (natureza preservada ou modificada) interagem de tal forma que é inviável a compreensão de uma dimensão sem a outra. A junção de ambos concretiza formas espaciais, estas segundo Lefebvre (2008) definem a essencialidade do fenômeno urbano é a centralidade.

O urbano não é a produção, embora ao passo que esses espaços crescem, alavancam a busca pelo consumo de bens e serviços. Assim, o comércio é fator determinante na produção do espaço urbano. Ortigoza (2010, p. 221), sobre isso, afirma:

Valorizar o consumo como categoria de análise geográfica é entender definitivamente seu real papel na produção do espaço urbano. Não há dúvida de que há um forte nexos entre a geografia e o consumo, pode-se assumir até mesmo a existência de uma “geografia do consumo” a qual pressupõe uma forte e permanente ligação entre a pressão do consumo no cotidiano da sociedade contemporânea e a produção do espaço.

Estudar o consumo e cidade, de acordo com a autora, tem se tornado uma realidade tão consistente que se pode pensar na existência de uma geografia do consumo. Numa sociedade em que os produtos e as mercadorias já são confeccionados com um curto prazo de validade, o consumo se torna ainda mais pungente. O consumo, segundo Cortez (2009, p. 36), “[...] está presente nas diversas esferas da vida social, econômica, cultural e política. Nesse processo, os serviços públicos, as relações sociais, a natureza, o tempo e o próprio corpo humano transformam-se em mercadorias”. O espaço do urbano e do consumo se entrelaçam na realidade atual modificando a cidade. Com isso, surgem cotidianamente novas

lojas, shopping center e até as calçadas das ruas tornam-se estabelecimentos comerciais, assim salienta Ortigoza (2009, p. 21):

O processo de produção toma o urbano, provocando, por meio da normatização da vida cotidiana, a generalização da mercadoria. Nesse movimento as relações sociais passam a ser mediadas por mercadorias, pois o consumo é capturado e subjuga a vida em todos os seus momentos.

Esse paradigma econômico modifica o urbano baseado na lógica de que o consumo faz surgir cotidianamente novas lojas, shopping center e vai tomando todos os espaços de convivência da cidade.

Enquanto pensamos na corrida imparável que o capital percorre para tudo transformar em lucro, algumas ações vão de encontro a essa tendência: é o arque rival da liquidez e de massificação cultural. Afirma-se o consumo da tradicionalidade; são os produtos/objetos ligados às questões culturais, que revelem uma tradição envolvida em simbolismos, pois isso acessa os campos sentimentais da memória e da identidade. A memória pode ser individual ou coletiva e esses podem ser eventos que o domínio político cria para afirmar a grandeza das histórias ou acontecimentos que passam de um ente querido e vão se perpetuando como hábitos culturais; danças, comidas e ensinamentos sociais. E, pela sua relevância, criam identidades, como afirma Pollak (1992, p. 204):

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

A memória, como revela Pollak (1992), é a linha que costura os eventos contidos no imaginário, seja ele individual, de um grupo, ou até mesmo de um lugar/cidade e o elemento constituinte do sentimento de identidade. O acesso a essa memória faz com que os grupos sociais se sintam contidos em uma determinada cultura, a grande pergunta que se faz é para onde vamos, mas outra tal qual

importante é de onde viemos e as memórias são a chave para abrir esse portal. Então, o que seriam as memórias e como se concretizam? Essa é uma pergunta cuja resposta está no entendimento do que é simbólico.

A compreensão daquilo que é simbólico parte então da visão que se tem das coisas e do mundo; resulta das experiências que vivemos no decorrer da vida. De acordo com Laraia (2008, p. 68), “o modo de viver e ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural”. A cultura, entendida como agente modelador do comportamento humano, é, segundo Chauí (1984, p. 11), “sempre atrelada a um conjunto de práticas, ideias e sentimentos que exprimem as relações simbólicas dos homens com a realidade”. É um complexo que envolve arte, costumes e crenças, tendo duas dimensões: uma que é vivenciada (no campo dos sentidos) e outra formal (material). A materialização da cultura se dá não apenas através de objetos como ferramentas e instrumentos, mas também por meio da sua espacialização.

Enquanto espacialização, os eventos religiosos cumprem, há muito tempo, o papel de construir e perpetuar a cultura através da construção de espaços sagrados. Para Rosendahl (2012, p. 73), o “sagrado irrompe em determinados espaços, qualificando-os em uma dimensão religiosa, a religião imprime uma ordem ao espaço”. Os espaços sagrados que abrangem também os eventos e as manifestações são uma expressão da fé, motivação ímpar do culto a qualquer entidade religiosa. A fé é uma força mística incomum que demanda rituais (OLIVEIRA, 2004), como as festas religiosas.

Ocorre, atualmente, uma disseminação intensa das manifestações religiosas, sobretudo pela irradiação que essa espiritualidade provoca. E, percorrendo esse caminho, o turismo, que é uma atividade econômica, encontra-se com a religião. A fé, como nos apontou Oliveira (2004), faz com que as pessoas percorram longas distâncias em grandes viagens em busca de algo que transcende o cotidiano. Essas viagens, com o desenrolar do tempo, tornaram-se turismo. O turismo se apropria dos eventos religiosos e transforma-os em territórios turísticos. Segundo Silveira (2007), o turismo religioso é uma prática antiga e que requer a hospedagem do visitante.

A visitação é diferenciada, no entanto, pois o turista já chega à localidade com um prévio conhecimento do que o espaço representa. Ele vem motivado pela crença, num símbolo ou imagem – o que o move é a fé. O atrativo é verdadeiramente um

pretexto, uma motivação que se apresenta como a satisfação de uma necessidade espiritual. Os lugares para esses turistas são considerados especiais, geralmente templos ou santuários, sejam eles naturais, como grutas milagrosas ou até mesmo o caminho percorrido por Cristo em Jerusalém, ou construídos intencionalmente pelo homem, sendo considerados lugares sagrados e místicos (o Vaticano, a título de exemplo).

Esses espaços para serem turísticos conciliam a complexidade do imaginário dos indivíduos com a construção de monumentos arquitetônicos. O visitante utiliza os diversos serviços ofertados pelo turismo, mas devemos salientar que o destino final, a razão de estar ali é puramente religiosa; é a busca por entidades divinas, forças místicas e sagradas (OLIVEIRA, 2004). Entretanto sendo o turismo uma atividade capitalista ocorre a oferta de outras segmentações que são incluídas no “pacote” de visitação que leve o devoto a ser também um agente consumidor dos espaços e produtos.

Os lugares religiosos onde ocorrem o turismo são formas espaciais que foram apropriadas pela ação dos agentes produtores da atividade. Esses espaços são dotados de valor simbólico, são formas simbólicas espaciais. Corrêa (2007, p. 9) afirma que as formas simbólicas podem ser espacializadas quando:

Constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shopping centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais.

Formas simbólicas são representações da realidade, resultam do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre pessoas de um mesmo grupo cultural, conforme aponta Correa (2007, p. 7): “as formas simbólicas são signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, e os conceitos, os significados”. Os significados são criados pelos grupos sociais como forma de representação; cada grupo tem suas próprias e únicas expressões, são esses significados que dão vida e razão as formas espaciais. Em outras palavras, é a vivência que dá sentido ao espaço.

As formas simbólicas podem ser imateriais ou materiais. Neste último caso, podemos apontar os espaços sagrados como lugares onde a religião impera. Estes

espaços podem ser definidos, como um campo de forças e de valores que elevam o homem religioso acima de si mesmo. A religião impera em determinados espaços, qualificando-os em uma dimensão religiosa e a religiosidade nesse caso cria um campo de força, assim consolida-se o território simbólico religioso. Segundo Haesbaert (1997, p. 42):

O território envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar [e político-econômico, deveríamos acrescentar].

O território simbólico/religioso se efetiva quando o poder do sagrado se manifesta enquanto um agente modelador do espaço (ROSENDAHL, 2012). A sacralização se espacializa e ocorrem manifestações como as festas religiosas; estas são a efetivação do território simbólico, pois se consolidam num tempo e num espaço que se moldam para esse fim. As festas são, segundo Oliveira (2006, p. 121), “a contextualização de um rito; e enquanto tal a veiculação de um acontecimento sagrado”.

Quando ocorre a festividade, a cultura então se materializa e o território passa a ser delimitado pela fé. De acordo com Oliveira, Lima e Carneiro (2013, p. 20), “A festa religiosa é uma expressão popular massiva, que modifica o espaço, que mostra expressão e que está identificada enquanto prática de cultura”. Nesse contexto, as festas são a herança cultural do povo que as promove; elas são patrimônio. A esse respeito, Berdoulay (2012, p. 122) explica que “o patrimônio cultural ou histórico corresponde a expressão concreta do trabalho de memória que fazem as sociedades”. Mas não é apenas uma herança do passado, ela nos remete a pensar no futuro, as festas são patrimônios imateriais.

Enquanto vetores que canalizam outros espaços, as festas, na esfera religiosa, atraem os olhares do turismo. E, à luz de seus conceitos, a geografia busca compreender como o turismo provoca mudanças no espaço que são idealizadas como meio de crescimento econômico.

Sobre isso, Santos (2006, p. 54) afirma que a ação intencional é “movimento consciente e voluntário” do agente na direção das coisas, é a ação de apoderar-se daquilo que lhe representa certa importância”. Essas mudanças podem ser conceituadas como produções espaciais. E o turismo é uma das formas encontradas

pelo capitalismo para produzir e reproduzir os espaços. Carlos (2002, p. 180), ao relacionar as formas de utilização do espaço como turismo, afirma que:

O turismo representa a conquista de uma importante parcela do espaço, que se transforma em mercadoria (ou que entra no circuito da troca) e, nesse sentido, alguns lugares só tem existência real por causa de sua trocabilidade, isto é, enquanto mercadoria que se consome.

A atividade turística utiliza-se do espaço que é consumido e transformado em mercadoria. Essa apropriação é condicionada pelos atrativos existentes, à busca pelas particularidades do destino turístico. Assim, as grandes motivações se repetem: são praias, patrimônio arquitetônico, o que diferencia é o arranjo que o homem faz do seu lugar; e é isso que torna cada lugar único (YÁZIGI, 2003).

Nesse caminho do espaço como alvo constante da produção capitalista, seja pelo turismo ou demais atividades econômicas, os eventos simbólicos, religiosos e festivos, como no recorte espacial desta tese, revelam a mercantilização da fé. O ato de festejar e todas as paragens que esta requer em si já exigem um investimento, não apenas nos cortejos religiosos, mas somando-se o consumo em torno de eventos sociais em clubes, praças e no comércio, vê-se o quanto a atividade é religiosa e tem como imperativo a devoção à santa Avó, porém é também fonte de renda e geração de emprego que impacta na dinâmica da cidade e se revela como um mercado, uma produção econômica da festa.

Essas reflexões, embasadas na seguinte metodologia, nortearam a escrita da tese cuja sequência de procedimentos está dividida em três etapas. Sendo a primeira: a busca junto à Diocese de Caicó registros históricos sobre a origem da festa; pesquisa na plataforma digital de acervos de jornais e revistas da UFRN e pela aquisição de revistas impressas que circulavam na cidade de Caicó nos últimos vinte anos.

Segunda etapa: pesquisa de campo com registros fotográficos e uso de entrevistas semiestruturadas direcionadas ao representante paroquial da catedral de Sant'Ana, ao representante midiático e organizador da festa, a organizadora da FAMUSE - Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó, e com devotos. Essa etapa promoveu a transcrição da importância da festa na organização e consolidação do espaço urbano de Caicó a partir dos olhares dessas figuras, salientando que a descoberta desses resultados partem de uma pesquisa qualitativa, não houve o

anseio de quantificar tendo em vista que o fenômeno estudado se encontra na esfera da subjetividade (a religiosidade e a fé) e a escolha se deu pela representatividade que as falas desses indivíduos tem sobre a festa.

Metodologicamente, a escolha da tríade lefebviana ¹ foi a escolha pela dinamicidade com a qual o objeto de estudo transborda a questão econômica e se inter-relaciona às vivências para se consolidar. Sobre os procedimentos se fez necessário repensar algumas etapas, pois as ações esbarraram nas dificuldades impostas pelo isolamento social em detrimento da pandemia por causa da Covid19. Isso, no entanto, não impossibilitou a pesquisa, mas a reestruturou, pois acompanhamos a realização de duas Festas (2020/2021) numa modalidade nunca realizada antes na cidade, que foi no formato virtual.

Com base nestas questões metodológicas e diálogos conceituais apresentamos a Tese intitulada “Salve Sant’Ana de Caicó: a resignificação da festa e as transformações no espaço urbano” subdividida em quatro capítulos. Sendo o capítulo inicial a Introdução, que apresenta as bases de reflexão e sistematização deste estudo.

O capítulo dois apresenta a festa num contexto histórico, entendendo qual a representação que os caicoenses têm da festa de sua padroeira, o que os registros antigos revelam sobre o acontecer festivos em tempos remotos. Ademais, é apresentada a origem da cidade e seu desenvolvimento até os dias atuais com a configuração dos bairros e as principais atividades econômicas desenvolvidas.

No capítulo seguinte, pensa-se o espaço pela trilogia do concebido, percebido e vivido. Primeiro como a festa é **concebida**: de que modo o poder público elenca prioridades em suas obras e estruturação urbana para o momento festivo e como é **percebida** a relevância na esfera econômica que é sentida pelos comerciantes de grande investimento bem como pelos pequenos vendedores do comércio ambulante. Por último, há a análise dos eventos que revelam o **vivido**: considera os diversos festejos sociais, compreende a tradição e a modernidade a partir dos acontecimentos que resistem ao transcorrer do tempo tal qual a procissão, as novenas, a caminhada entre cidades dos peregrinos de Sant’Ana.

¹ Uma ressalva deve ser feita, a teoria não fora utilizada por completo e sim feita a adaptação do método à realidade do objeto analisado, isso justifica por que não iniciamos partido do presente, mostrando a festa atualmente, e buscando o passado para retornar e explicar essa relação, no entanto escolhemos primeiro descrever a festa na história pra assim poder entender como foi sendo resignificada.

O quarto e último capítulo, o mais desafiador, faz a leitura e reflexão da festa e da cidade nos anos de 2020/2021, quando da pandemia que exigiu a reclusão social e o isolamento revelando a potência da festa que se reinventa e se mostra como uma luz em tempo de escuridão. Aqui, vemos os eventos no formato remoto, a novidade do *Qrcode*, e como cada casa tornou-se uma catedral. Por fim, trazemos a festa em 2022/2023 e como ressurgem os eventos após os desafios dos anos anteriores.

Essa estrutura dá forma à Tese sobre a Festa como o evento de maior destaque social/cultural e que também promove uma mudança significativa na estrutura espacial e econômica de Caicó. O ressignificar da festa, que muda, mas permanece. Ela é grandiosa, como afirma padre Gleiber, “em julho é Natal em Caicó”. Essa fala de um caicoense, religioso e intelectual converge com a atmosfera que se vive nos dez últimos dias do mês de julho e esta tese revelará que, mesmo em um contexto de pandemia, a Festa de Sant’Ana se mantém acessa, se reinventa e permanece como o momento em que a cidade se torna grandiosa no contexto cultural e econômico, e se consagra como a vitrine das festas católicas, no interior do Rio Grande do Norte

CAPÍTULO 2 – O TEMPO, A CIDADE E A HISTÓRIA DA FESTA DE SANT'ANA

2



² Procissão de Sant'Ana no final do século XIX registrada por José Ezelino.

CAPÍTULO 2 – O TEMPO, A CIDADE E A HISTÓRIA DA FESTA DE SANTA'ANA

Neste capítulo, discutimos a relação indissociável entre espaço e tempo, tendo como lastro conceitual da escrita a reflexão sobre a cidade, a festa e seu desenrolar com o passar dos anos, na cidade de Caicó. O enfoque aqui se dá em compreender, à luz da geografia, o surgimento e a consolidação da cidade, em seus eventos culturais, religiosos e sociais.

2.1 O Tempo, o espaço e a festa cidade

A cidade é local onde se realizam as ações humanas compostas por sonhos, utopias, símbolos, intencionalidades. Este é, ao mesmo passo, natural e humano/social. Ao se reproduzir, a sociedade constrói novas formas e práticas espaciais. O espaço não é mais concebido apenas como um palco onde os eventos acontecem; ela é também razão pela qual esses eventos ocorrem, é um agente condicionante. A sociedade trabalha, age, transforma e produz o espaço a partir das atividades econômicas e tudo isso ocorre dentro de um tempo.

O tempo, hoje, como aponta Bauman (2007), é o da liquidez: tudo flui de forma veloz e quase instantaneamente se desfaz. Isso vale para as ações, os acontecimentos e até mesmo os espaços. Mas, o que seria o Tempo? Como não somos filósofos, aqui nos interessa compreender o tempo e sua relação com a ciência geográfica, para Haesbaert (2014, p. 13):

No centro da constelação aparecem os conceitos ou categorias mestras espaço-tempo e, no caso específico da Geografia, o espaço em sua condição de espaço geográfico, aquele focalizado sobre a dimensão espacial da sociedade, que inclui, evidentemente, a indissociabilidade entre o social e o natural.

O autor, ao discutir a constelação de conceitos que envolvem a geografia, aponta o Espaço-tempo como um conceito chave. Ao fazer isso, revela a inseparabilidade que existe entre os dois. A definição do que é ou representa o tempo tem sido uma preocupação de estudiosos de várias áreas, desde historiadores e filósofos até os físicos e independente da abordagem, a afirmação é sempre a mesma: o tempo não se faz compreensível sem se considerar sua relação com o espaço. Sobre isso, o historiador Kosseleck (2014, p. 9) reafirma:

Os espaços históricos se constituem graças ao tempo, que nos permite percorrê-los e compreendê-los, seja do ponto de vista político ou do econômico. Mesmo quando a força metafórica das imagens temporais tem origem em noções espaciais, as questões espaciais e temporais permanecem entrelaçadas.

Para este autor, se faz preciso diferenciar o tempo que é natural, ou seja, dos fenômenos físicos cujo controle se dá sem a interferência humana (tendo como exemplo a rotação da Terra, o ciclo de vida das plantas, as estações solares que foram impostas ao homem), do tempo que é histórico (a criação de mecanismos para interpretar e se adaptar ao tempo natural, seria o tempo contado pela ação humana).

Santos (2001) vê o tempo associado ao estudo das técnicas, pois cada ferramenta construída pelo homem simboliza a materialidade de um determinado tempo. O autor usa exemplos como Baillard (que divide o tempo entre o cósmico, o histórico e o existencial) e Braudel (enxerga o conceito a partir de tempos longos e tempos curtos) para entender a relação entre as cidades e o tempo. Sobre isso, afirma:

A cidade é o palco de atores os mais diversos: homens, firmas, instituições, que nela trabalham conjuntamente. Alguns movimentam-se segundo tempos rápidos, outros, segundo tempos lentos, de tal maneira que a materialidade que possa parecer como tendo uma única indicação, na realidade não a tem, porque essa materialidade é atravessada por esses atores, por essa gente, segundo os tempos, que são lentos ou rápidos. Tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônicas e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemonzados (SANTOS, 2001, p. 02).

Assim, a cidade é resultado desse acúmulo de espaços que são sedimentados com o tempo; surge para corresponder a uma determinada necessidade e vai se moldando num processo histórico, cada cidade possui uma história. Em relação a isso, Carlos (1999, p. 57) afirma que “A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”.

Na cidade, dois processos se dão de modo entrelaçado, a saber: as práticas espaciais realizadas pelos indivíduos, e a produção econômica viabilizada pelo modo de produção. A realidade brasileira segue, nesse limiar, e todas as cidades se iniciaram com a mesma estrutura, tendo em vista o modo como foram territorializadas.

Na evolução da espécie humana, o agrupamento foi um fator determinante para sua sobrevivência. Estar em conjunto e quanto mais componentes mais possível se

fazia coletar alimentos, predar animais, construir abrigo e sobreviver às intempéries de uma natureza a ser explorada. Com o transcorrer do tempo e a intelectualização do homem, foram desenvolvidas inúmeras técnicas que permitiram a sobrevivência física sem requerer muitos indivíduos aglomerados. No entanto, pelos vestígios desse tempo remoto e pela necessidade de partilhar suas vivências, e sobreviver enquanto ser dotado de emoções, a reunião de diversos se apresenta como característica do mundo social e cultural que constituem os seres humanos modernos.

Estar em sociedade significa estar em contato constante com o (os) outro(os). Foram se desenvolvendo formas de isto ocorrer, seja em trabalho conjunto, em família ou em eventos sociais. Dentre essas formas se encontram as festas, que são, segundo Costa (2012, p. 54), “práticas socioespaciais importantes na compreensão geográfica do mundo”. As festas denotam o reconhecimento do espaço por parte do indivíduo que se agrupa, para Costa (2012, p. 62):

As festas são a oportunidade do encontro, do lazer, da dança, um dos poucos momentos de lazer que acontecem, a princípio, para todos. Desde os tempos mais antigos a festa é parte da sociabilidade humana, momento de comemorar, agradecer, pedir, ou extrapolar os limites da vida cotidiana.

Comumente usadas para comemorar a colheita de uma boa safra ou acontecimentos relevantes como casamentos/eventos religiosos, as festas se tornam o momento de lazer que unifica a convivência em grupos. Nesse sentido, devemos lembrar que em tempos mais remotos os grupos humanos habitavam espaços rurais quilometricamente distantes e esses momentos os aproximavam geograficamente e assim as culturas e hábitos eram mesclados. Sobre as festas Claval, (2014, p. 05-06) aponta:

A primeira característica é a quebra que ela marca com a vida de cada dia. Esqueçam as inquietações e as preocupações do momento, a dureza dos tempos e sua parcimônia, os problemas familiares, os pais que envelhecem, os meninos preguiçosos ou insolentes, os vizinhos barulhentos! Por alguns dias, ignoram-se as tensões políticas ou as ameaças à segurança do país! Platão já indicava que os deuses tinham inventado a festa para permitir aos homens recuperar o fôlego.

A vida rotineira é redimensionada pelo evento festivo. Todos se embelezam e preparam o espírito para socializar-se com os demais; é a quebra da monotonia do cotidiano. Por outro lado, ela pode ser também fruto desse cotidiano à medida que

pode ocorrer de maneira cíclica, sempre num mesmo período. Sobre isso, Guarinello (2001, p. 972) observa que:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

O acontecer festivo só ocorre com a reunião, aglomeração dos seres e se desenvolve num tempo e espaço específico. Sobre isso, Oliveira (2007, p. 23) afirma:

Toda festa corresponde a um tempo-espaço especial. Mais precisamente, forma a demarcação de um fazer coletivo, reunindo muito esforço e prazer num mesmo acontecimento. Geralmente o viver na festa demonstra a força de uma coletividade.

A festa, então, representa a unificação para celebrar acontecimentos em comum, seriam, com aponta Brandão (2007, p. 28):

Acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina sequente da "vida social"; que criam comportamentos sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina.

As festas são, antes de tudo, manifestações da cultura de determinado povo. Para Laraia (2008, p. 68), compreendem “o modo de viver e ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural”. A cultura, entendida como agente modelador do comportamento humano, é, segundo Chauí (1984, p. 11), “sempre atrelada a um conjunto de práticas, ideias e sentimentos que exprimem as relações simbólicas dos homens com a realidade”. É um complexo que envolve arte, costume e crenças, tendo duas dimensões: uma que é vivenciada (no campo dos sentidos) e outra formal (material).

A materialização da cultura se dá não apenas por objetos como ferramentas e instrumentos, mas também por meio da sua espacialização; é no acontecer festivo que a cultura se materializa.

No entanto, cabe aqui um esclarecimento. As festas podem ter duas vertentes: numa primeira, ser um evento de espacialidade particular: aniversários, casamentos

dentre outros; e numa segunda vertente ser evento de espacialidade pública como as festas religiosas, em que toda as comunidades diversificadas (mesmo externas) participam. Nesse segundo grupo, as festas são denominadas como populares.

Nesse contexto, existe uma forte relação entre a festa e a construção do urbano; se a festa desempenha papel importante na relação que o homem mantém com o meio isso se reflete na construção (que ele realiza) e na valorização dada ao espaço. Com o passar do tempo, a cidade tornou-se o lugar do encontro. Inicialmente, pelas feiras e festas e depois pelo comércio e as facilidades em se encontrar serviços.

As cidades surgem pela disposição do homem de viver em sociedade e nelas três pilares são observados, segundo Lefebvre (1991): a cidade enquanto lócus do trabalho, a cidade como uma obra e as festas. Para o autor, os indivíduos usam primordialmente a cidade pelo seu deslocar nas ruas e as praças, ambos espaços apropriados pela Festa. A realização das festividades é o imã que liga os indivíduos e é o momento cujo objetivo é desfrutar o lazer, demonstrar riqueza e socializar-se. Ainda de acordo com o francês acima, “a cidade promove um modo de viver”. Esse modo de viver cria o que denomina de sociedade urbana que comporta sistemas de objetos e sistemas de valores. Sobre os sistemas de valores inclui-se nele o lazer (danças, canções), e ainda os costumes, ambos presentes na Festas. “A Festa é encontro de tudo isso”. (LEFEBVRE, 1991, p. 34)

É também o encontro dos namorados, das famílias e dos amigos que se conectam em fricção social, é uma das origens dos aglomerados urbanos, como nos aponta Bezerra (2008, p. 07): “As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares”. Sendo assim, as festas revelam-se como fenômenos predecessores da civilização, pois é aqui que os homens atingem o maior contato humano, e, no Brasil, isso não se revelou de modo diferente de outros lugares.

Ricos em manifestações culturais e dotados de uma diversidade, no que tange a sua dimensão, esses eventos se originam em consonância com o povoamento do território e posteriormente a sua urbanização. Desde os primeiros povos, esse hábito já estava presente, como nos aponta Canclini (1983, p. 112):

Para as populações indígenas e camponesas, as festas são acontecimentos coletivos enraizados na sua vida produtiva, celebrações fixadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou o

calendário religioso, onde a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz através da participação coletiva da família.

Já no Brasil colonial, as festas são observadas e eram, o centro das socializações dos monarcas que, inclusive, lançavam orientações de que as ruas deviam ser coloridas, pintadas a cal, as praças enfeitadas e perfumadas e, nas residências, como afirma Del Piore (2000, p. 38), “[...] ornar as janelas com colchas de Pequim ou China ou com as lindezas dos senhores desta terra; noz moscada era jogada nas portas de entrada, para perfumá-las”.

Essas práticas não se restringiam às elites: também eram vivenciadas pelos negros escravizados e libertos, sendo espacialmente realizados em senzalas, ou nos quilombos com diversas finalidades, desde o “lazer” nos escassos momentos de descanso ou ainda como forma de manter viva na memória sua cultura e costumes vindos do continente africano. Sobre isso, Reis (2002, p. 101) denota que “A partir e em torno dela, muita coisa se tornava possível: rituais de identidade étnica, reunião solidária de escravos libertos, competição e conflito entre os festeiros, ensaios para levantes contra brancos”.

Deixando de lado, nesse momento, pois será abordada depois a questão identitária dos grupos sociais, o relevante, nesse momento, é percebermos que desde o início do território brasileiro, as festas são momentos de agrupamento que criavam núcleos populacionais e espaciais. Assim, as festas têm sua gênese associada ao surgimento do urbano também no Brasil, se estas são um fenômeno espacial será na cidade sua efervescência.

Aqui, iremos classificar as festas entre manifestações populares e manifestações religiosas. As manifestações populares são eventos culturais que reafirmam o comportamento de um grupo, transborda as individualidades, é a representação de determinada ideologia revelada pela arte, como exemplo tem-se o Carnaval e o Festival de Parintins. As manifestações religiosas, por sua vez, são rituais que reafirmam uma crença espiritual e como exemplo, o Círio de Nazaré.

O Carnaval que ocorre durante seis dias e se encerra com a quarta-feira de cinzas, quarenta dias antes da Páscoa ocorre em diversas localidades no Brasil, no Sudeste, nas capitais do Rio de Janeiro e depois São Paulo, no Nordeste o maior festejo está na Bahia (Salvador) e em seguida Pernambuco (Recife/Olinda). Já o Festival de Parintins acontece, segundo o IPHAN, “de diferentes maneiras e de acordo com a localidade em que são realizados, sendo praticados em distintos momentos do

ano com variações e denominações próprias na região amazônica”. No Médio Amazonas e Parintins (AM), o folguedo geralmente ocorre durante as celebrações dedicadas aos santos juninos.

A Festa dedicada ao Círio de Nazaré ocorre em Belém do Pará desde 1973 e tem seu momento principal no segundo domingo do mês de outubro. Essa festa demonstra no estado a devoção que recria a lenda que envolve o achado, em 1700, da imagem de Nossa Senhora de Nazaré por um caboclo chamado Plácido. A festa mescla o sagrado e o profano numa multiplicidade de eventos interligados a diferentes significações que demarcam a apropriação simbólica dos participantes que se reproduz há mais de 200 anos, como nos aponta Alves (2005, p. 315):

Dessa forma, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, considerado como a maior procissão religiosa do Brasil, que leva às ruas de Belém, neste século XXI, milhões de pessoas, revela-se, e assim é entendido, como uma das manifestações mais significativas das expressões da Festa brasileira e pela qual se pode fazer uma leitura da sociedade e da cultura.

Batizado de Carnaval devoto pelo mesmo autor, as festividades do Círio demonstram a força de impulsão social que uma celebração é capaz de ocasionar. Desde o seu surgimento já passou por inúmeras reconstruções e é considerada Patrimônio Imaterial Brasileiro pela sua potência histórica bem como por sua capacidade de reorganizar a cidade inteira para viver seu momento de louvor.

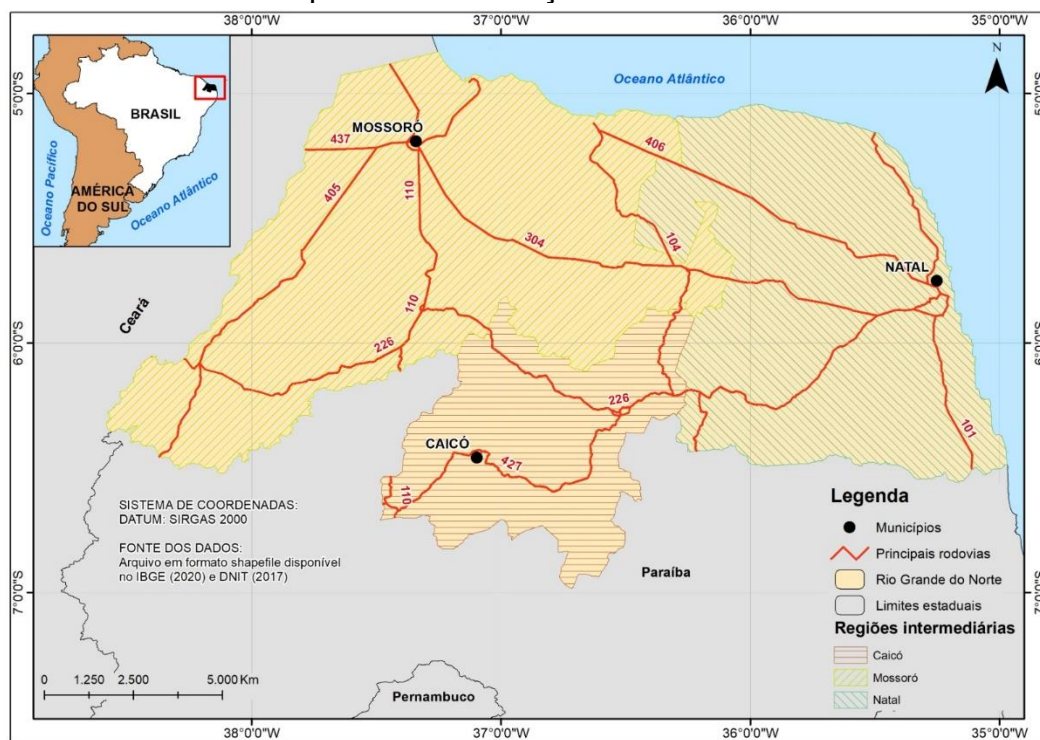
Lembramos ainda que no país existe uma diversidade significativa de Festa tanto populares como as religiosas; os Festejos Juninos, em Campina Grande – PB; Festa de Aparecida – SP; Festa do Divino em Goiânia- GO; Festa de Barretos – SP; Festa de Senhor do Bonfim – BA, dentre muitos outros eventos.

A partir do que foi exposto, podemos notar que para além da questão cultural, as festas têm uma característica marcante também no que tange à espacialização: ocorrem principalmente nas cidades e se realizam tanto nas capitais como nos interiores do Brasil. Cabe aqui destacar que esse fator locacional revela diversas facetas da festa que se materializa de modo diferente em cada região: se na capital, a festa é mais um evento, mais uma opção dentre a infinidade de atrações que a grande cidade oferece; nas pequenas e médias cidades do interior, a festa é o grande Evento, o momento de ápice da convivência dos indivíduos no lugar.

No interior do estado do Rio Grande do Norte, está situado o município de Caicó, cujo maior acontecer social é a festa de sua padroeira, Sant’ Ana. Essa Festa

que se realiza há 274 anos tornou-se Patrimônio Imaterial Brasileiro desde 2010, quando fora incluído realizado o Inventário Nacional de Referencias Culturais. Esse projeto revelou que a Festa de Sant’Ana é a principal referência religiosa da região. A cidade de Caicó, situada entre os rios Seridó e Barra Nova, tem, segundo estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022, 61.146 habitantes. É a cidade polo da região do Seridó, uma das mais populosas do interior do Rio Grande do Norte e sua localização pode ser vista no mapa 01 que traz as regiões e destaca a cidade de Caicó que fica numa distância de 256 km da capital Natal, no contexto das rodovias que passam pelo estado.

Mapa 01: Localização de Caicó - RN



Fonte: elaboração Jânio Guedes, 2023.

O surgimento da referida cidade se dá no contexto de colonização do sertão norte-rio-grandense que se destinou à criação de gado e se torna necessário entender como essa região surgiu para se compreender a história da cidade. Segundo Moraes (2005), os primeiros rascunhos do Seridó foram inscritos nos meandros do processo de colonização brasileiro. Ao ser apropriado por Portugal, o Brasil foi dividido em 15 Capitanias Hereditárias e dentre estas a Capitania do Rio Grande, doada a João de Barros.

Ao ser ocupado pelos portugueses, o território passou a produzir cana-de-açúcar no litoral, sendo essa uma atividade muito lucrativa para a Coroa. Concomitante à cultura açucareira, também se criavam animais de grande porte como bovinos que supriam parte da alimentação e eram usados como força física em carroças e outros equipamentos. A criação bovina cresceu a tal ponto que já não se fazia possível dividir espaço com a produção de cana de açúcar. Foi nesse processo que o sertão passou a ser ocupado.

Com a pecuária, viajando para os longínquos sertões (interior), supria-se de couro, carne e seus derivados a principal economia e a sociedade existente. Assim, foram se criando pontos de descanso para a boiada e para os vaqueiros descansarem, o que posteriormente tornaram-se cidades.

Não se pode esquecer que esse processo de interiorização se deu de forma conflituosa entre os portugueses e os indígenas que já ocupavam os sertões. O embate ficou conhecido como as Guerras dos Bárbaros e só após esses eventos de fato se iniciou a ocupação do território, como nos revela Moraes (2005, p. 61):

A crueldade dessas guerras se traduziu em um verdadeiro extermínio dos indígenas[...]aniquilada a resistência indígena, iniciou-se a ocupação do território através da instalação de currais de gado, embriões da estrutura das fazendas que viriam a se tornar marcantes no cenário da organização sócio-espacial seridoense.

Após essa ocupação, a região foi retalhada em Freguesias que eram instâncias criadas para suprir as necessidades religiosas e sociais da época. Com o passar do tempo, essas freguesias que eram núcleos de povoamento tornaram-se municípios e posteriormente cidades. Ainda de acordo com Moraes (2005), o primeiro a ter sua condição de município elevado a cidade foi Vila Nova do Príncipe, sede da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Anna e passou a denominar-se Cidade do Príncipe.

Em 1890, a então Cidade do Príncipe passa a ser designada de cidade de Caicó. Com isso, percebe-se que dentro do cenário regional, o município de Caicó representa um marco à medida que desponta como primeiro núcleo a ser intitulado cidade; isso se deu pelo carácter dinamizador que revelava.

As cidades no Brasil têm, além de sua formação política, uma versão que é histórica lendária (contada pelo povo e transmitida pela história oral). Isso se reafirma em Caicó, como nos aponta Fernandes (2007, p. 7): "A origem de Caicó não foi diferente. Não sabendo ao certo explicar sua origem, os historiadores utilizaram-se

das lendas do vaqueiro e do Poço de Sant'Ana que expressam o surgimento da cidade de Caicó”.

A lenda, segundo Moraes (1999), daria conta que um vaqueiro perdido na mata de mofumbo que, ao ser atacado por um touro bravo, rogou à Sant'Ana, sua santa de devoção, para protegê-lo do perigo, prometendo-lhe a construção de uma capela em sua homenagem. A capela foi erguida às margens do único reservatório d'água do local o qual permaneceu cheio durante o período de grande seca, em virtude de nova graça concedida por Sant'Ana ao vaqueiro. Nesse contexto, a história criada a partir do imaginário conta com um mosaico de figuras que foram e são imponentes representantes do cotidiano caicoense que afirmam a construção da cidade, como nos aponta Dantas (1996, p. 30):

A criação do gado, elemento primordial para o processo de ocupação da região do Seridó, onde a cidade está enterrada, além de dinamizar a economia local e estabelecer uma teia de relações sociais, faz emergir a figura do vaqueiro não só como força de trabalho, mas à ela se incorpora o sentido de valentia, bravura, que marcará a história desse tempo e se estenderá até os nossos dias.

Associada a essa bravura outras duas questões se põem importantes nessa história. A primeira seria a fé inabalável que leva o sertanejo caicoense a superar qualquer obstáculo ancorado aos pés da Gloriosa Sant'Ana, inclusive as limitações climáticas que dificultavam a habitação do lugar. O clima é a segunda questão posta, a dificuldade ocasionada pelas chuvas escassas com baixa incidência anual requer a criação de estratégias de sobrevivência, surgindo, assim, o Poço que, segundo Moraes, (1999) jamais secou.

Uma versão menos mitológica e mais historiográfica defende que o núcleo de ocupação se deu a partir da construção da Casa Forte do Cuó, edificada para abrigar as tropas que combatiam indígenas dessa localidade, como relata Medeiros Filho (apud MORAIS, 1999, p. 41):

No ano de 1683, já fora construída uma casa forte, conhecida como Casa Forte do Cuó, do Acauã ou do Seridó. Fora a mesma edificada em consequência de haver eclodido um levante do gentio tapuio contra a presença dos brancos no sertão da capitania. A casa forte foi construída no sítio Penedo, nas proximidades do Poço e Sant'Ana, na atual cidade de Caicó.

Já nesse cenário, a cidade surge de modo oficial simbolizando a resistência dos nativos que ali residiam em confronto com as tropas de ocupação que se fizeram

vencedoras da batalha. O nome dado à cidade “Caicó” tem origem indígena e provém de Cuó, mesmo nome dado à Casa Forte. Este seria um pássaro existente no lugar, segundo Olavo de Medeiros Filho (apud MACEDO, 2004).

Assim, entre lendas e histórias, sem ao certo definir a origem da cidade, a partir de um fato apenas, ela surge, segundo Alves (2006, p. 47) “num interstício geográfico acidentado, desabrochou como “uma rosa no sertão” que, incrustada em plena paisagem da caatinga, “abre suas pétalas sobre o nascer e fenecer dos raios solares, mostrando toda sua beleza e sensibilidade”. Essa descrição poética do autor reafirma a magia existente na memória que ajudou a consolidar a origem da cidade.

Após esse percurso mitológico, um fato demarcou oficialmente o núcleo urbano. Essa consolidação se deu com a construção da Igreja de Sant’Ana, em 1748, que viabilizou em seguida o surgimento de ruas e de casas. Sobre isso, afirma Morais (1999, p. 42), que a Igreja foi: “A força centrípeta capaz de aglutinar populações, assumindo um papel relevante no processo de ocupação e povoamento de Caicó”.

Após a edificação da Igreja, que simboliza o centro do núcleo urbano, a organização espacial começa a se efetivar. Ao seu redor, as casas pertenciam as famílias de fazendeiros, senhores do gado que vinham passar os festejos e vivenciar rituais religiosos, Matriz revelando os primeiros cenários. Sendo esse o local mais relevante, no embrião urbano vão surgindo de modo gradual espaços públicos.

Ponto relevante a se destacar nesse contexto, segundo Morais (1999), é a importância da criação da Escola de Latim, em 1836, que se manteve por 52 anos e foi criação do Pe. Brito Guerra. Nesse contexto, a autora defende o surgimento da cidade já associada a educação. Longe da capital, os senhores aquinhoados da época precisavam proporcionar a educação aos seus descendentes e a Igreja atuou proporcionando a construção desse núcleo educacional.

Nesse momento, por volta de meados do Séc. XIX, a reorganização da cidade tinha como principais espaços a Casa de Cadeia e Câmara, a área comercial que seria basicamente o Mercado Público e a Praça do Mercado, conforme Morais (1999), sendo nesse espaço realizada a feira da cidade. Tendo em vista que a cidade mantinha forte relação com o campo de onde se buscava quase tudo que era consumido pelos caicoenses, esse espaço da feira revela muito da sociedade da época que utilizava a feira não apenas como local de consumo e comércio, mas também como ponto de encontro. Esse era, portanto, um ritual de convivência.

Aos poucos, a cidade vai se desenhando. Nota-se o surgimento de uma nova atividade: a cotonicultura. Esta será a mola propulsora para a articulação da economia em Caicó. A cotonicultura se destacou em todo o Seridó levando a diminuição da pecuária (mas não seu desaparecimento) e a cidade nesse momento é a ligação entre o fazendeiro que produzia o algodão e sua vinda à sede para a produção da fibra, como revela Moraes (1999, p. 54):

O fortalecimento e expansão da cotonicultura, a partir da última década do Séc. XIX, dinamizou a vida citadina e marcou, substancialmente, o espaço urbano mediante a introdução do locomóvel (descaroçador a vapor, substituto da bolandeira) posteriormente, com a instalação de usinas de beneficiamento de algodão e fabricação de óleo e torta, capazes de absorver a produção regional.

Percebemos que a relação campo e cidade se estabelece à medida que, no campo, se produzia a matéria prima. Porém, a comercialização do produto necessitava de seu beneficiamento e essa etapa cabia aos objetos tecnológicos existentes na cidade, é diante desse modelo que a cidade ganha formas urbanas, sendo no período entre 1940 a 1970 seu desenvolvimento de maior destaque.

Alguns marcos na construção espacial surgem em decorrência da criação em 1940 da Diocese de Caicó que, ao intensificar a ação religiosa no município, edifica o Grupo Diocesano Seridoense³, a Escola Pré-vocacional, o Seminário e o Abrigo Dispensário Pedro Gurgel. Na década de 1960, já existiam o Quartel da Polícia, o Cemitério, o Hospital do Seridó e o Serviço de abastecimento de Água.

Sobre a cartografia urbana da cidade, Moraes (1999) a define em três etapas: inicialmente, entre 1950/1960, por meio das usinas que ao se localizarem em determinados espaços levaram ao surgimento de bairros novos como Nova Descoberta que até então era zona periférica. Posteriormente, a cartografia se expandi e outros bairros como Penedo, Boa Passagem, Barra Nova, Acampamento e João XXIII surgem.

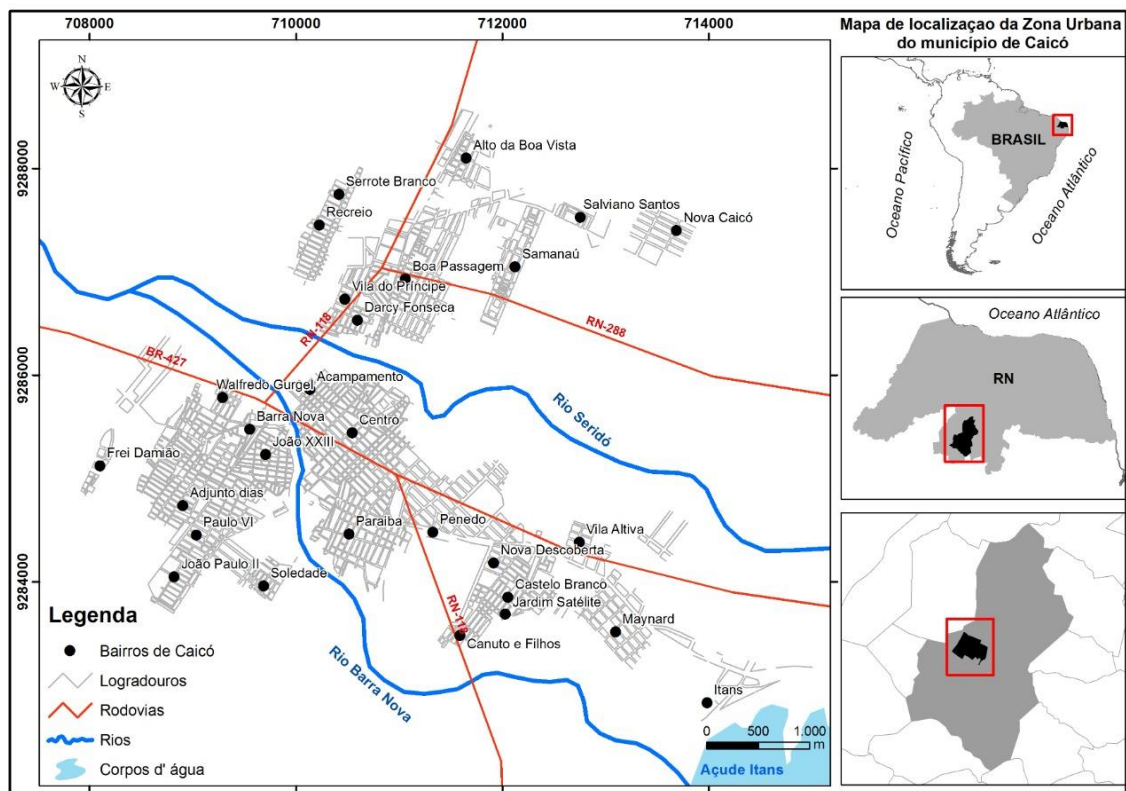
No perímetro urbano, a cidade passou por modificações de acordo com as leis 1.582, de 18 de abril de 1979 e 4.277, de 31 de dezembro de 2007. A partir disso, nota-se que a expansão urbana de Caicó teve grande salto entre 1970, quando tinha cerca de 67% da população residente na zona urbana e em 2018 passou a ter mais de 95%, segundo o IBGE.

³ Atualmente, é o Colégio Diocesano Seridoense.

Essa crescente busca pelo urbano trouxe impactos não apenas na densidade demográfica como também na estrutura espacial da urbe que atualmente contém trinta e quatro bairros.

Na atualidade, a configuração espacial da cidade comporta cinco zonas: Central, Leste, Oeste, Norte e Sul e possui três distritos localizados no espaço rural; Laginhas, Palmas e Perímetro Irrigado Sabugi. O mapa 02 a seguir, mostra a localização e nome dos bairros da cidade.

Mapa 02: Bairros de Caicó



Fonte: elaboração Jânio Guedes e Marluce Silvino, 2021.

Considerada uma cidade de médio porte, tendo em vista a abrangência de escala do estado potiguar, Caicó desponta como um núcleo urbano de destaque na prestação de serviços, um comércio dinâmico e a presença de indústria de alimentos, bonelarias e indústrias têxteis. O comércio extrapola o centro da cidade e se revela também dentro dos bairros mais populosos, a exemplo de: Barra Nova, Boa Passagem, Nova Descoberta e Paulo VI. Notamos o surgimento de núcleos centrais comerciais dentro desses bairros; isso decorre do fato de estarem mais distantes da zona central, e, por serem destinados à moradia, necessitam de comodidade de alguns serviços como supermercados e farmácias e a chegada desses serviços;

outros são captados como lojas de vestimenta e calçados, lanchonetes dentre outros. Esse fenômeno reproduz a dinâmica das áreas centrais nas periferias e criam pontos de maior luminosidade e destaque.

No que tange à oferta de serviços públicos como escolas, hospitais e departamentos de segurança, instituições administrativas e universidades se localizam em diversos bairros, já as escolas particulares de maior destaque estão no centro da cidade, e as clínicas hospitalares no bairro Penedo.

A cidade é conhecida por produtos regionais como o bordado que é referência não só no cenário local, mas abrange uma escala nacional e chega a ser importado até para outros países. Segundo as artesãs do lugar, o valioso desse bordado é que ele apresenta um avesso perfeito no qual as peças têm um acabamento de luxo e cuidado que revela o trabalho minucioso que era feito manualmente. A carne de sol e o queijo, também produtos conhecidos do lugar, remetem ainda à qualidade do gado e ao modo de produção dos seus derivados quando essa era a principal atividade da cidade. Além disso, a religiosidade atrelada ao catolicismo revela um povo de fé e devoção à avó de Jesus, Sant'Ana que se revela na Festa, maior evento da cidade, como apontamos anteriormente.

2.2 A Festa, o caicoense e a devoção à Sant'Ana

O culto à Sant'Ana, iniciado no Brasil no período colonial, reverencia uma figura basilar no catolicismo, a avó de Jesus. Segundo a religião, sem ela, o cristianismo não existiria pois a ela coube gerar Maria, a mãe do Redentor. Mas, o que a história nos traz sobre Sant'Ana é revelado por Santos (2012) ao descrever sua figura juntamente com seu esposo Joaquim como tristes, pois não geravam filhos. Isso mudou com a chegada de Maria por intermédio de muita oração e devoção ao Deus católico e Sant'Ana surge na história a partir dessa supervalorização que se dá à figura de Maria, como nos confirma Souza (2002, p. 233):

O culto da Virgem Maria tornou-se importante no Ocidente a partir do século XII, com a valorização da genealogia e da infância de Cristo. Anteriormente, o Cristianismo era centrado nas figuras de Cristo adulto e de santos. Maria tornou-se uma figura de destaque, em particular na Europa católica e na América Latina. A mariologia passou a desenvolver os temas da vida da Virgem.

A sua origem não consta nos evangelhos, ela foi criada depois, nos escritos apócrifos, segundo Alves (2005). Já a tradição se inicia com base nos estudos sobre a Natividade de Maria e o Livro de São Tiago, mas sobre Sant'Ana em si não se tem nada particular. Para o mesmo autor, "Esta seria uma mãe devotada à educação exemplar da filha, direcionando-a no caminho da perfeição, da castidade, da obediência a Deus, e espelhada nos valores religiosos prescritos nos sagrados livros" (ALVES, 2005, p. 258). Sobre as imagens, a materialização da santa se reparte em duas figuras, como destaca Santos (2012, p. 260):

Sendo assim, as representações mais propagadas de Sant'Ana na imaginária religiosa brasileira são as Sant'Anas-Mestras, associadas à Virgem menina, e em seguida as Santas-Mães, que integram a Virgem adulta e o Menino Jesus. As Sant'Anas-Mestras apresentam variações subordinadas a diferentes posicionamentos da imagem principal: sentada, de pé em posição estática, ou de pé em movimento. O atributo fundamental que as identifica é o Livro da Doutrina, que a Mãe e a Filha seguram aberto nas representações estáticas, tanto sentada ou em pé, ou quando figura fechado na mão da Virgem menina nas representações em movimento.

É assim que a devoção associa a ela a figura de protetora, guardiã da doutrina cristã, a doce mestra dos ensinamentos religiosos. Em Caicó, a santa que é reverenciada como Gloriosa Senhora Sant'Ana e a avó de Jesus é também avó por afeição religiosa da maioria dos caicoenses que cultua sua importância.

O caicoense é também um seridoense e por ser assim, como já apontava em sua tese Moraes (2005), um resistente. Parte dessa figura se criou pela sobrevivência não apenas às intempéries climáticas, mas também ao desenrolar dos tempos marcados por quedas e ascensões de diversas bases econômicas e revela o apego a entidade. A cidade de Caicó é enredada pelos mesmos ensejos políticos e sociais que criaram o Seridó. Seus habitantes, os caicoenses, representam a força do homem do sertão que desbrava essas terras para a implantação da pecuária. E, nesse cenário, são construídas a fé/religião, a culinária, a cultura local.

A religiosidade do caicoense está diretamente ligada a fé à Igreja Católica. No entanto, surgiram na cidade muitas outras religiões que possuem seus adeptos, mas a devoção a Senhora Sant'Ana está contida na maioria da população que, ao se multiplicar, foi criando diversas outras paróquias, as quais se voltam sempre para o altar maior que reverencia a mãe de Maria. Ao todo, a cidade conta com seis Paróquias: Fátima; São José; São Francisco; Santa Cruz; Santo Estevam e Santa

Marta de Betânia, que compõem a Diocese de Caicó. Mais adiante, mostraremos como surgiram, por ora, vejamos que ao pensar a religiosidade e devoção à Sant’Ana se faz necessário pensarmos a tessitura histórica que revela as origens desse contexto.

Segundo o que a historiografia da cidade⁴ nos conta, aqui, habitavam os indígenas quando a expansão da atividade pecuarista foi dizimada pela chegada dos homens brancos que se fixaram no lugar e deram início a edificação da cidade como já foi abordado. Nesse tempo, fora construído, como já apontamos, a mais antiga edificação da cidade, a saber, a casa forte do Cuó e, ao seu lado, em 1965, um templo batizado de Capela da Nossa Senhora Sant’Ana do vale do Acuãã. Sobre isso, Macêdo (2007, p. 177) disserta que “o objetivo era dar assistência religiosa a e essa edificação proporcionou aqueles que já frequentavam o local se fixassem de forma definitiva na Ribeira e assim surgisse o Arraial de Caicó em 1700”.

Ainda segundo o mesmo autor, em 1726, os redores da Capela de Sant’Ana foram ocupados pelos militares que representavam a Companhia de Ordenanças do Seridó, cuja sede deveria ficar no Arraial de Caicó. E, em 07 de julho de 1735, o Arraial se torna povoado, e, em 15 de abril de 1748, nasce a Freguesia da Gloriosa Sant’Ana, instituída pelo padre Manuel Machado Freire. Após esse ato, as celebrações religiosas passaram a ser realizadas no local onde hoje se localiza o Poço de Sant’Ana, como nos revela Macedo (2007, p. 179):

Passados três meses da visita do Padre Manoel Machado Freire ao Piancó, homens, mulheres e crianças aglomeravam-se na pequena Povoação de Caicó, notadamente numa área plana e ladeada por serrotes e cordões de pedra, próximo a um poço d’água no leito do Rio Seridó – conhecido, nos dias atuais, como Poço de Sant’Ana.

Esse novo local era mais adequado e cômodo tendo em vista que a pequena capela edificada anteriormente tinha acessibilidade mais restrita, pois se localizava num terreno acidentado e já construída há muito tempo, cerca de meio século. Passado então esse tempo, o povoado cresceu e careceu de um novo templo para realização de seus eventos.

Num lote de terras, doado por José Gomes Pereira e sua esposa, fora edificada a nova capela, como resgata o IPHAN (2010, p. 18), “Em Julho de 1748, o padre

⁴ Salienta-se que aqui não se pretende ser fiel a cronologia sequencial da história desses eventos pois demandaria a criação de outra tese sobre isso.

Francisco Alves Maia, primeiro vigário de Caicó, ergueu um Cruzeiro, que daria início a construção da atual Catedral de Sant'Ana". Ao passar de capela para Paróquia de Sant'Ana, a Igreja passou por inúmeras transformações até sua finalização sob a administração de Padre Brito Guerra e se encontrava nesse formato, conforme revela a Figura 01.

Figura 01 – Igreja de Sant'Ana em 1936



Fonte: www.cronicastaipuenses.blogspot.com. Acesso em, 2021.

Segundo o levantamento feito pelo IPHAN, atualmente, a catedral apresenta frontispício curvilíneo, ladeado por duas torres sineiras. Possui uma porta central, assentada em vão de arco pleno, ladeada por duas outras portas em vãos de arcos ogivais, todas com cercaduras de massa. No coro, existem três janelas protegidas por guarda-copos de ferro. Seu interior é constituído por capela-mor, naves, coro e pia batismal. A finalização com a segunda torre foi construída em 1955 sob a responsabilidade paroquial de Dom José Adelino Dantas e pode ser vista na Figura 02.

Figura 02 – Atual Catedral de Sant’Ana



Fonte: Drone Caicó, 2021.

A Igreja tornou-se catedral e sede da Diocese de Caicó, sendo essa jurisdição religiosa criada a partir do desmembramento da Diocese de Natal, em 25 de novembro de 1939, pela então Papa Pio XII. Sua instalação, porém, só se deu, segundo a Diocese de Caicó, no ano 1940, em 28 de julho, antes da missa solene da Festa de Sant’Ana. Além da capela, hoje Igreja Matriz e catedral de Sant’Ana, nesse mesmo local está o Arco do Triunfo, com a imagem de Fátima que foi construída na praça Monsenhor Walfredo Gurgel quando da passagem dessa entidade, no ano de 1953 à cidade de Caicó sob a gestão também de Dom Adelino, na figura 03 se visualiza o referido monumento.

Figura 03: Monumento Réplica do Arco do Triunfo em Caicó



Fonte: Arthur Silva, 2023.

Como característica marcante também do caicoense está também a tradição ligada à culinária, reconhecida pela cidade, da carne de sol e do queijo de coalho, o que é consumido localmente e tem forte influência dos derivados de leite, biscoito de nata, manteiga da terra, purê de queijo e queijo de manteiga puro. E, também, elementos que ressaltam a idade religiosa: os filhós com mel consumidos principalmente no carnaval e arroz doce feito com coco e rapadura, na quarta-feira da Semana Santa, marcando o início da abstinência de doces em virtude do jejum exigido nesse momento religioso. Todos esses alimentos têm por trás do seu consumo uma historicidade e, em alguns casos, como a carne bovina e o queijo para além da questão identitária também alimentam a economia local.

Compondo a mesa do caicoense, esses produtos são também símbolos do lugar que junto com o bordado e as manifestações sociais religiosas marcam a cultura desse povo. O bordado chega em Caicó como prática trazida pelas esposas dos portugueses, no final do século XVIII, e veio mais especificamente da Ilha da madeira, segundo Batista (1988).

De origem familiar, o bordado não era visto como peça a ser comercializada, como explica Araújo (2015, p. 35): “O bordado, até a década de 1940, não tinha o caráter comercial que existe atualmente”. Na época, a mulher devia apresentar características que a classificavam como senhoras prendadas e uma delas era

dominar a arte de bordar. As peças eram confeccionadas em enxovais de casamento ou nascimento dos filhos e, também, para presentear, o que significava que havia no lar uma mulher de bom gosto e caprichosa.

Atualmente, a atividade é comercializada e atinge distâncias para além da região e sua maior divulgação ocorre na Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó – FAMUSE que ocorre dentro da programação da Festa de Sant’Ana, em Caicó.

A Festa de Sant’Ana da cidade de Caicó reuni ao mesmo tempo o **tradicional**: representação da cultura, da fé e devoção do povo caicoense e também a **modernidade**: tem tomado outras dimensões, com shows de bandas de forró eletrônico, parques de diversões e não é mais apenas a festa dos caicoenses, se tornou Patrimônio Cultural do Brasil, no ano de 2010, segundo o IPHAN (2010, p. 07):

A Festa de Sant’Ana de Caicó é um bem cultural da mais alta importância para a vida dos sertanejos do Rio Grande do Norte, e para pessoas que, vindas das mais diversas partes do Brasil e do mundo, afluem para o Seridó Potiguar no período da Festa. São filhos da terra vivendo em lugares distantes, pagadores de promessa, pesquisadores, curiosos, juntando-se à comunidade caicoense e seridoense, numa troca coletiva de experiências culturais e de fé.

Realizada durante os últimos dez dias do mês de julho, a festa de Sant’ Ana cultua a devoção a essa entidade que foi instituída como padroeira da cidade mesmo antes de ser núcleo urbano, quando ainda era povoado. A Festa de Sant’Ana marca a vivência dos caicoenses bem como daqueles que cultuam a referida entidade ou que têm parentes no lugar e vêm movidos pela emoção que os caicoenses demonstram pela celebração desse evento.

2.3 Narrativas da cidade: as memórias caicoenses sobre a festa de Sant’Ana

Realizada há 274 anos, a Festa de Sant’Ana já pertence a identidade da cidade. Pensar em Caicó, no contexto histórico, é destacar os festejos da Padroeira como o grande evento social. A identidade da cidade seria, por sua vez, aqueles elementos identitários mais relevantes considerados pelos caicoenses e que foram se consolidando com o passar do tempo, seja pelas próprias vivências ou pelas narrativas dos familiares e relatos historiográficos.

De acordo com a língua portuguesa, as narrativas têm elementos caracterizadores: tempo, espaço, personagem, narrador e enredo. Tais narrativas

advém das falas de pessoas do lugar; também se encontram em livros, revistas e entrevistas que conversam com o leitor. As narrativas sempre partem de algo ou evento que já ocorreu, é algo que ficou armazenado na memória e ao serem resgatadas reavivam o fato. A memória será coletiva ou individual e de acordo com Recoeur (2007), e tem como objetivo o não esquecimento de eventos, e estará ligada ao espaço.

A memória é uma narrativa que busca cristalizar o tempo e seria, segundo Silva (2015, p. 35), “a narrativa para o tempo o mesmo que a arquitetura é para o espaço”, de modo que o tempo e seu estudo historiográfico necessita das narrativas que ocorrem de modo seletivo, em que se sistematiza o que se deseja guardar do que é rememorado em livros que contam histórias, por exemplo, ou de forma aleatória sendo muito utilizada na busca de conhecer o acontecer partindo de um ponto de vista em entrevistas, por exemplo.

No âmbito coletivo, as memórias são revividas através de rituais que, por sua vez, são práticas culturais que demonstram o valioso significado de se resgatar eventos como festas, por exemplo. As festas passam, então, a ser parte da tradição desse grupo e do lugar onde se encontram. Esse processo ocorre “ao assimilar o ‘clima de festa’ e nele se integrar, as pessoas naturalmente introjetam imagens, que irão nutrir o imaginário da sociedade a que pertencem e que se reativa periodicamente” (MELLO, 2000, p. 61).

A Festa de Sant’Ana em Caicó, por ausência de documentos oficiais específicos, passa a ser registrada a partir da fundação da Freguesia da Gloriosa Sant’Ana. Certamente, deveria haver celebrações no âmbito doméstico dos habitantes do lugar. No entanto, a necessidade de uma capela e da presença de um religioso faria com que se validasse de fato o acontecer social/religiosos, como aponta o Brasil (2010, p. 39): “Há uma tendência em considerar-se a primeira Festa quando da instalação solene da Freguesia, com título e invocação de Sant’Ana do Seridó, pelo padre Francisco Alves Maia, em 26 de julho de 1748”.

Nesse momento, a comunidade ainda era pequena e a festa contava com os rituais religiosos que naquele momento garantiam que a fé para enfrentar o trabalho rural e as intempéries próprias do lugar. Sobre como era esse ritual, Brasil (2010, p. 39) revela:

Mesmo que ainda hajam lacunas a serem preenchidas nas fontes oficiais, é possível vislumbrar as primeiras manifestações festivas se for considerado o contexto histórico e religioso daquela época. A realização de um tríduo religioso, pelo menos, deve ter acontecido com a presença obrigatória dos poucos moradores do lugar e de seus arredores até uma légua de distância, conforme determinavam as Ordenações do Reino. Pelo cerimonial instituído pela Igreja Católica, os atos litúrgicos possivelmente envolveram repiques de sino, iluminação da capela, missas, récita de orações, tendo como ponto alto a procissão conduzindo o andor com a imagem da Santa. O cortejo provavelmente foi formado pelo sacerdote, seguido pelos agricultores, criadores e vaqueiros instalados na Ribeira do Seridó, acompanhados pelos moradores do Arraial que, compungidos ou alegres, formulavam as suas preces em meio aos cânticos religiosos.

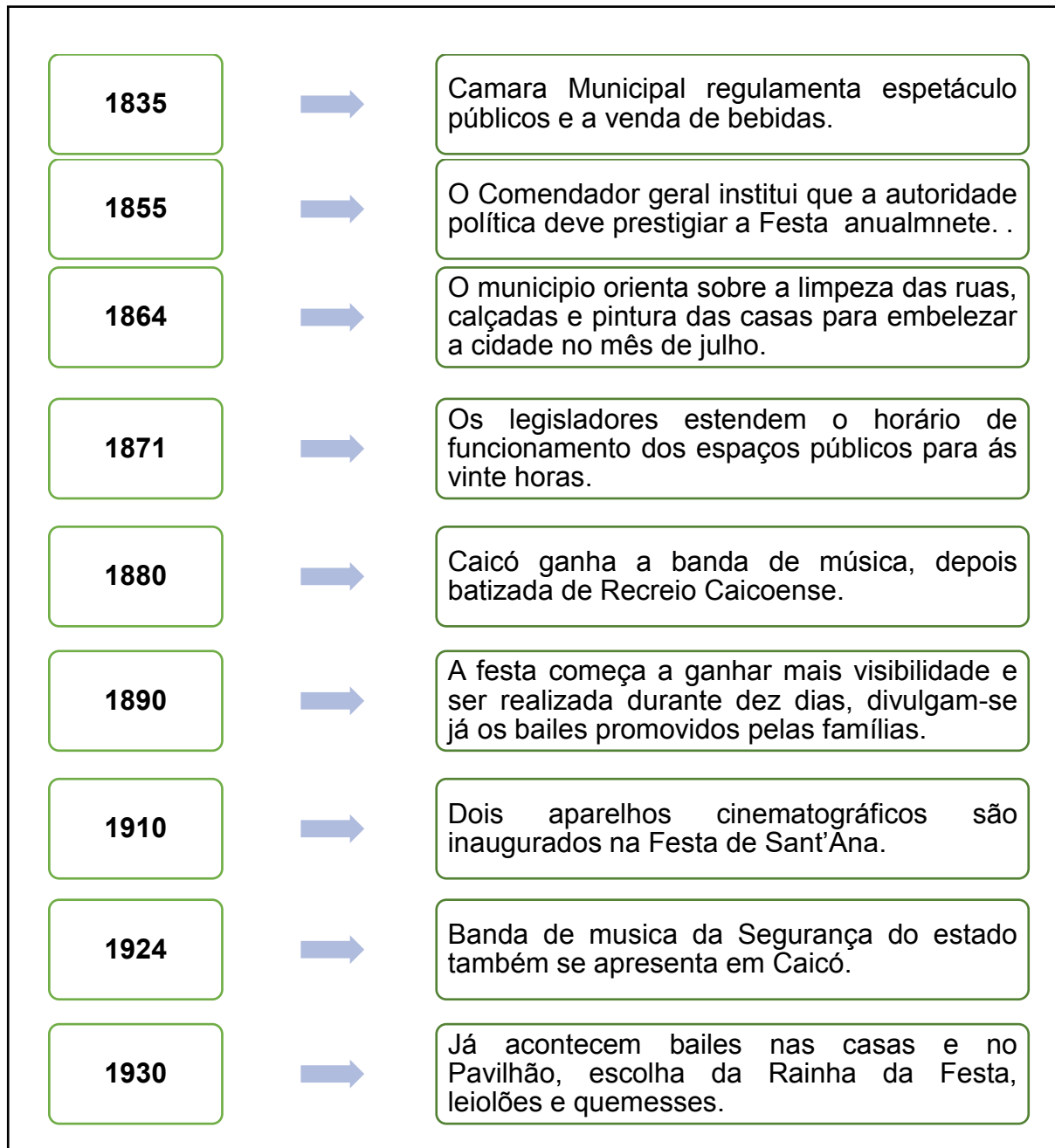
Segundo esse mesmo documento, citado acima, os festejos em honra a Sant'Ana vieram a ter maiores solenidades com a criação da Irmandade de Sant'Ana, criada em 1754 que deixava a cargo dos fiéis organizar as festividades, demonstrando assim sua devoção. Sempre em conformidade com as recomendações da Igreja Católica, reproduzindo, assim, um mesmo modelo como era indicado por Roma. À noite, a Matriz era toda iluminada, enfeitada e cheia de adornos, ressaltando que no dia seguinte haveria ritos solenes e esses momentos eram também para a socialização dos fiéis. Um fato chama a atenção, segundo Brasil (2010, p. 19), “Por assim ser, o ato de festejar mereceu por parte do Bispo de Pernambuco – Dom Thomaz da Encarnação Costa e Lima – em 1777, disposições normativas disciplinadoras[...]”, que visava orientar sobre a realização das novenas nas casas dos fiéis que deveriam ser evitadas e também cantos, danças e atos ilícitos de acordo com a moral religiosa. Essa medida corretiva nos faz compreender que já existiam naquele momento a irradiação da festa para não somente no âmbito sagrado.

E isso se acentua quando da proibição, em 1807, pelo então Visitador Geral e Delegado dos Crismas dos sertões baixos do Norte, o Padre Inácio Pinto de Almeida e Castro das solenidades noturnas na Igreja Matriz e capelas de toda a Freguesia, abrindo-se exceção apenas para os últimos três dias da Semana Santa e para a Noite de Natal. Os pesquisadores da época não tiveram clareza sobre o porquê dessa restrição, mas apontam duas possibilidades: a primeira seria porque os festejos notívagos estariam indo de encontro aos ideais da Igreja (oração e penitência) e que esse horário permitia as transgressões dos bons costumes. A segunda intenção seria de cortar gastos das capelas e matriz que, ao serem iluminadas para os eventos noturnos, demandariam um maior investimento por parte da Igreja.

Essas proibições não duraram muito tempo, segundo Brasil (2010), pois a Matriz de Sant'Ana logo ficou conhecida pelo esplendor das alfaias e o brilho do Altar o que indica claramente que os festejos noturnos tornaram a compor a Festa da Padroeira. Desse marco em diante, a devoção à Santa avó de Jesus tornou-se na Vila do Príncipe, como era conhecida a cidade na época, o momento de maior relevância social e atraía visitantes de outras províncias vindos de Pernambuco, Ceará e Paraíba. Abaixo⁵, dispomos de um quadro com o tempo cronológico e os acontecimentos da Festa durante os séculos XIX e meados do século XX.

⁵ Escolhemos esse recurso para melhor organizar os acontecimentos, pois se fossemos discutir por extenso tornaria a leitura mais densa.

Figura 04 – Linha temporal de evolução da festa nos séculos 18 e 19.



Fonte: Marluce Silvino, 2020.

O quadro acima revela os marcos que aconteceram socialmente na festa de Sant'Ana em um século, já na década de 1950, os historiadores denotam a temporalidade de modernidade para os acontecimentos que se desenrolaram. A festa já estava consagrada não só como símbolo de devoção deste povo, mas também como momento de grande comemoração e sociabilidade nos locais não religiosos.

O Clube da Associação de Atletas do Banco do Brasil (AABB), antes Tênis Clube de Caicó, realizava o Baile dos debutantes; outros clubes passaram a realizar

os grandes eventos, a citar a Associação dos Sargentos e Subtenentes de Caicó (ASSEC). E, aqueles que não tinham condições favoráveis ao protocolo exigido pela elite para estar nesses lugares podiam vivenciar a festa no “clube dos Morenos”, como revela Brasil (2010, p. 36): “Os segmentos sociais que não tinham acesso aos clubes das elites (fosse pela condição social ou pela cor da pele) encontravam nesse clube um ambiente acolhedor, acalorado e democrático”.

Nesse contexto, em meados da década de 1950, padre Galvão Celestino muda a data da festa e institui que deve ser encerrada no último domingo de julho; esse mesmo calendário é seguido até os dias atuais, sendo que em alguns momentos extrapola o mês de julho e encerra-se adentrando em agosto. A partir do percurso histórico da festa e por estar entrelaçada ao desenvolvimento da cidade, pode-se apreender o quão importante esta é para os caicoenses. Adiante, demonstramos como os caicoenses de outrora observavam e viviam esses festejos em registros que divulgavam a festa de Sant’Ana no passado.

O jornal A Fôlha circulou em Caicó entre os anos de 1954-1962 e trazia semanalmente notícias sobre a cidade. Na sua publicação⁶ de 31 de julho de 1954 sobre a festa o cronista se referia em A Fôlha (1954):

Nesta festa de Sant’Ana, quando todos rezam e se vestem, eu que já me encontro de cabelos brancos, recordo o passado, as festas de minha meninice. Como são diferentes! Naquele tempo a cidade que terminava onde hoje se encontra o mercado ficava apinhada de gente. Na alvorada chegavam das fazendas as famílias com cavalos gordos e bem tratados [...]. Era bonito ver-se a entrada da alvorada na manhã de quarta-feira, pois as viagens se faziam de madrugada para evitar o calor do sol. Durante o novenário, saíam às passeatas. As moças vestidas de branco sem decotes, com mangas que desciam abaixo dos cotovelos, usavam largas faixas de fitas azul ou encarnada de acordo com as suas preferências. Era a rivalidade das cores que despertava tanta emulação [...].

Notamos o tom nostálgico do cronista que rememora a festa em outros tempos (na sua mocidade, provavelmente) revelando que, na memória, já estava como esses dias eram vistos como dias mágicos, cheios de pompa, as vestes eram renovadas com o destaque para as moças que se enfeitavam de branco. Notamos a relação muito forte com a ruralidade, onde os cavalos bem tratados chamavam a atenção e

⁶ Essas transcrições foram feitas por Marcos Antônio Alves de Araújo e publicadas em 2010 no artigo Caicó em papel e Tinta na revista Espacialidades.

revelavam a riqueza dos fazendeiros do lugar. Também observamos a necessidade de ser uma entrada no início do dia, pois as temperaturas logo se elevavam influenciando no bem estar dos que prestigiavam os festejos. Mais adiante, ele trata de como as novenas iluminavam o lugar em A Fôlha (1954):

Após a novena a luz fumarenta dos candeeiros, expunham-se os alfenins tão cobiçados. Não se conhecia a luz elétrica. Não havia retreta. Faltava praça e coreto. No primeiro domingo de festa, a missa das 10 horas servia para a apresentação dos vestidos e dos chapéus, dos mais variados aspectos. Era o desfile da elegância daquele tempo. A tarde havia o passeio a cavalo, que em parelhas levantavam a poeira da rua.

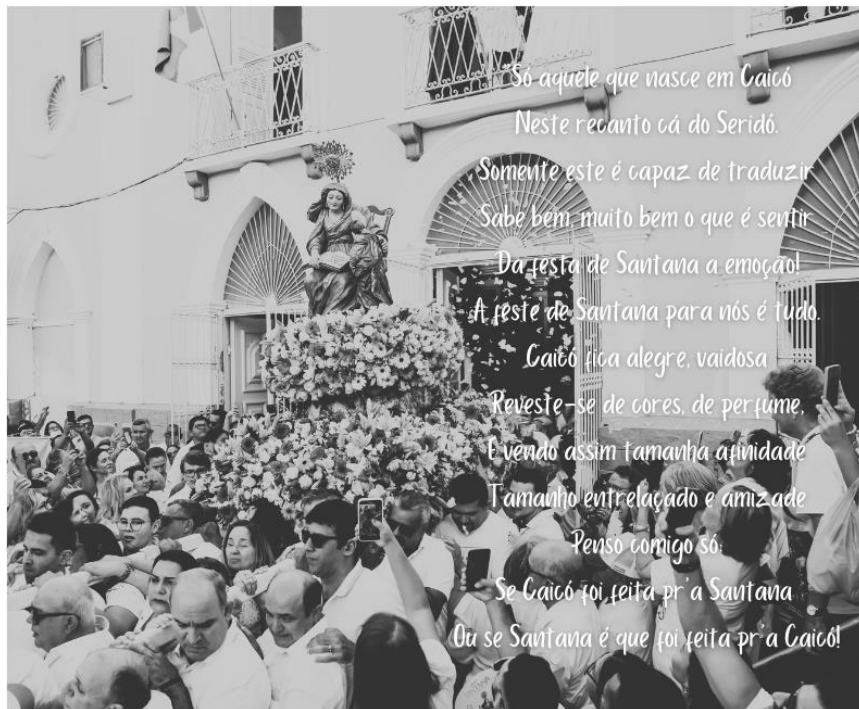
A luz usada ainda era dos candeeiros e eles possibilitavam a sociabilidade. Além disso, chama atenção o consumo dos alfenins vindos de Açú; feitos com açúcar, água, limão e clara de ovo, adoçavam a criançada e compunham a mesa de delícias tradicionais do sertão. Passeando pelas lembranças desse cronista, está a descrição do parque com cavalinhos e a banda de música da cidade. E, sobre a festa daquele ano ele revela em A Fôlha (1954):

A cidade cresceu unindo os dois rios Seridó e Barra Nova. Em vez de cavalos médios e lustrosos, os caminhões poeirentos e roncadores. As passeatas desapareceram. Os candeeiros se apagaram. A matriz foi modelada. Acabaram-se as tribunas e todos se nivelaram na igualdade dos lugares, sem privilégios. Os desfiles de moda são realizados nos clubes, em festivais de caridade.

Essa descrição finaliza-se com a interrogação do escritor: “não sei quais as festas melhores se as de hoje, se as do meu tempo”; demonstrando com clareza as mudanças que o tempo traz à vida e como a lembrança da festa se liga indissociavelmente à ideia que se tem do pertencer ao espaço e ao evento, pois como ele aponta no meu tempo era “diferente”, talvez melhor?! Percebemos como as vivências se cristalizam no imaginário e revelam a importância da festa.

Em 30 de julho de 1955, o jornal traz o poema Não sei se Caicó é de Sant’Ana ou se Sant’Ana que é de Caicó, da poetiza Hilda Araújo, cujo trecho é visto na figura 04 a seguir.

Figura 05: trecho do poema de Hilda Araújo



Fonte: arte elaborada por Marluce Silvino, 2020.

O poema demonstra bem o quanto sua autora está apaixonada pela figura religiosa que é Sant'Ana, sua alegria de vivenciar os festejos da padroeira. Assim, é evidente o encantamento ao passo que Caicó e Sant'Ana encontram-se em simbiose. A união proporcionada pela realização da festa, revelada como a amizade dos caicoenses e a poetisa ainda se orgulha ao dizer num trecho do poema que por mais que os visitantes se esforcem, eles nunca sentiram o amor que os caicoenses sentem pela sua querida vovó. Sobretudo nos últimos dias do mês de julho quando essa emoção invade os seus sentidos, como se pode ler em *A Fôlha* (1954)

Já na edição de 28 de julho de 1956, o jornal retratava o encerramento da festa e declara que o caicoense aprendeu a amar Sant'Ana e prossegue, "quantas vezes de mãos postas e joelhos no chão fizemos as súplicas mais confiantes e quem pode enumerar os momentos em que sentimos a certeza de sua proteção?".

Sant'Ana nos ajuda, nos consola e nos encoraja sempre. É mãe de todos os caicoenses, proclama o cronista. A festa é retratada, como podemos ver na figura 05:

Figura 06 – Exemplar digitalizado do jornal A Fôlha de 28/07/1956



Fonte: acervus.ufrn.br. Acesso em 2021.

Nos últimos anos de publicação do Jornal, a Festa é fielmente retratada e anunciada, em 29 de julho de 1961; o periódico assim expõe: “A família caicoense viverá amanhã o seu dia de gala na história de sua vida religiosa – a festa de sua Padroeira”. E prossegue, “Senhora Sant’Ana – seja essa festa mais uma prova de amor que vos dedicam todos os filhos desta terra[...]”. Em 28 de julho de 1962, “S. Ana é a luz que guia a história de Caicó na sua caminhada duas vezes secular”. E prossegue o escritor: “A festa de S. Ana é sempre um motivo de congraçamento[...] É a satisfação dos filhos que corre para junto da mãe que os acolhe no mesmo abraço de amor”. A imagem de S. Ana está plantada no coração da terra.”

É interessante como na linguagem jornalística da época se usava muito a figura de linguagem ‘personificação’ para ressaltar a sentimentalidade em torno de uma figura simbólica que é a entidade religiosa. É vista como mãe, como acalento, ternura e suporte para seguir na vida dura dos sertões norte-rio-grandense. Vivenciar e contribuir para a festa é prova de amor, dos filhos para com a Grande mestra e a imagem está no coração da terra e fortalece a ideia de que o caicoense leva sua imagem no peito, como deve ser um devoto fiel.

Também as revistas eram responsáveis por informar os caicoenses sobre as notícias, dentre elas, destacamos as revistas Minha Caicó, o Balaio e o Seridoense. Na edição de julho de 1997, a Revista O seridoense assim revela nas palavras de Almir Macêdo em “O SERIDOENSE (1997):

Nossa cidade está em Festa. A festa maior da nossa terra e de nossa gente [...] Todos os sentidos e direções que Sant'Ana sugerir, não poderão fugir ao autêntico significado e à destinação única de uma fé [...]. Essa é a fé do homem sertanejo. Do homem seridoense. Do homem caicoense [...] Caicó “vive” Sant'Ana o ano inteiro. Nestes dias de fim de julho, existe o encontro marcado de cada um e de todos com a Senhora, duplamente mãe, porque é avó do filho único de Deus, por natureza, e de todos nós seus filhos adotivos.

No ano de 2000, no periódico Caicó em revista, Monsenhor Antenor Salvino assim saúda os filhos de Sant'Ana quando da realização de mais uma festa, “Sant'Ana sombreia cada filho e heróis destes sertões! Se longe ganhais o pão de cada dia com vossas mãos, vosso olhar divulga a efigie de Sant'Ana no altar de vossas origens”. Nessa fala, o religioso ressalta a importância para os visitantes que são filhos da terra e que mesmo longe retornam para participar mais uma vez das comemorações da grande festa de Caicó. E, comenta mais adiante, como a casa se alarga para receber todos os filhos: o povo santo, como se refere, e são santos porque são netos daquela que é mãe da graça e do perdão.

Quando da festa de julho de 2006, na revista O Balaio, Diego Vale, no texto intitulado Minha, sua, nossa Senhora Sant'Ana assim redige em O Balaio (2006):

Sant'Ana, mãe da luz. Mãe de uma terra banhada pelo sol. Sol que queima o rosto do sertanejo, mas aconchega um horizonte de esperança por dias gloriosos [...] temos um apego a Sant'Ana, gritamos por ela e levantamos a nossa única bandeira [...] a bandeira da fé, o estandarte de Caicó, da minha, da sua, da nossa Senhora Sant'Ana. O que nos cativa e cativa o mundo é um povo apaixonado e apaixonante, devoto de Sant'Ana, padroeira e alma da cidade.

Para as comemorações de 262 de fé e devoção à Sant'Ana, o editor da revista O Seridoense Almir Macêdo, em julho de 2010, destacava que mais uma vez os caicoenses viviam seus dias mais felizes do ano, que as famílias se enchem de júbilo e associa o ano de boas chuvas às bençãos da padroeira: “esse ano de modo especial, há uma visível e contagiante manifestação de contentamento, que se traduz em forma de graças à nossa Padroeira pela abundância das chuvas”. E prossegue associando que seria uma espécie de compensação e reconhecimento pela resistência do homem seridoense.

Notamos que em quase todas as falas retratam a associação da santa a figura de protetora, de acolhedora. A sociedade de Caicó se orgulha de ser tradicional, de manter as raízes de suas origens e isso está muito ligado à religiosidade, como disse

a poetisa mais acima, não se sabe quem nasce primeiro a devoção à santa ou o povo do lugar.

E mesmo distantes, o retorno para a festa denota a emoção de pertencer ao lugar, saborear as comidas, reencontrar parentes e amigos, rememorar um tempo que se passou, mas que é revivido pela simbologia que representa o acontecer festivo e a própria imagem da santa. A Sant'Ana de Caicó é uma forma simbólica. Para Corrêa (2006), as formas simbólicas podem ser materiais ou imateriais, eventos e manifestações que expressam a fé e são a motivação para o culto a entidade religiosa.

A fé é uma força mística incomum que demanda rituais (OLIVEIRA, 2004). Esses rituais podem também ser lidos como festas religiosas católicas. Para Claval (2014, p. 6), “A festa quebra a continuidade cotidiana da existência. A atmosfera muda. Decorações efêmeras mascaram aquela habitualmente grisalha. As pessoas desfilam, cantam, dançam, gritam, se mostram em espetáculo”.

Esses momentos para muitas localidades são o acontecer de maior destaque, pois redimensionam o urbano que se veste de novas cores, organiza eventos tanto sagrados quanto profanos. Isso fica claro ao olharmos para Caicó: o fim do mês de julho de cada ano revela essa efervescência socioespacial que edifica, organiza, constrói, destrói e reconstrói espaços e práticas sociais.

E é sobre a produção do espaço para a festa e pela festa que estudaremos no capítulo a seguir. Afinal, a ligação entre a religiosidade católica e a construção da cidade como processos indivisíveis nos quais os festejos eram e são o grande evento anual revela novas espacialidades em Caicó.

CAPÍTULO 3 – O CONCEBIDO, O PERCEDIBO E O VIVIDO NAS TERRAS DE SANT’ANA



7

⁷ Foto da Complexo Turístico Santa Costa, disponível no Instagram @dronecaicórn, acesso em 2023.

CAPÍTULO 3 – O CONCEBIDO, O PERCEDIBO E O VIVIDO NAS TERRAS DE SANT’ANA

A Festa de Sant’Ana, que ocorre há quase três séculos, foi propulsora de inúmeras mudanças na estrutura espacial da cidade que, por vezes, se dava de modo temporário e, por outras, com edificações que se mantêm de modo permanente. Mas a festa também se mercantiliza, é a natureza do capital que tudo transforma em produto, tudo é percebido pelo seu valor, este vindo da vida que se desenvolve e modifica os espaços. Nesse contexto, se dão as reflexões da festa, temática deste capítulo.

3.1 Espaço concebido e as transformações na cidade pelo poder público para a Festa de Sant’Ana

O espaço da cidade é criado por diferentes agentes, desde as áreas comerciais, como as habitacionais, e existe sob elas uma lógica que as define antes mesmo de serem edificadas. Sobre isso, Le Febvre (2008) afirma serem os espaços cujo domínio se deu antes mesmo da sua materialidade, é o espaço percebido que revela as representações.

Esses espaços são dimensionados a partir de duas realidades distintas: os espaços públicos e aqueles cuja propriedade é privada. Os espaços públicos são produzidos e reproduzidos pelos grupos sociais e/ou também pelo poder público, seja numa escala nacional, regional ou local. Na cidade, então, os espaços estão sob a égide da lógica que lhe fora imposta por um conjunto de normas e padrões; tem-se os espaços destinados pelo uso coletivo para a educação, o trabalho e o lazer.

Atualmente, para fazermos a leitura do espaço da cidade, concordamos que é necessário aceitar que a cidade é também um espaço de reprodução do capital, o que Correa (1995) vai definir como o espaço urbano capitalista que vivencia direta e cotidianamente as ações do Estado. Para o mesmo autor, esse Estado promove a produção industrial, se apresenta em certos momentos como o consumidor do espaço, e em outros momentos, promove ações no ramo imobiliário, e como proprietário fundiário, ainda atua através da criação de Leis, Estatutos e normatização do uso do solo, proporcionando o oferecimento dos serviços públicos em diferentes áreas sociais. O mesmo autor acrescenta, “Como consequência, é nítido, na cidade

capitalista, uma divisão social do espaço, “caracterizada por uma relativa homogeneidade interna e heterogeneidade entre elas” (CORRÊA, 2013, p. 8).

Nesse contexto, o espaço na cidade, que é reflexo e contribuinte do modelo de produção, tem sua própria lógica, é fragmentado e uma das suas características é a organização feita pela ação do Estado que acaba sendo um grande criador das cidades, pois ao cobrar pelos serviços como água, luz, saneamento, e ainda pelo IPTU que assegura o direito de construção na área urbana, está, na verdade, cobrando pela renda fundiária. Ao possibilitar esses serviços, também acaba por definir as ações do mercado imobiliário. Então, o poder público representado pela ideia de Estado é um grande estrategista da construção da cidade.

As ações sendo direcionadas pela ideia de benefício público são mescladas com a necessidade de também inserir-se na lógica do sistema vigente; o capitalismo, para Corrêa (1995, p. 26):

A atuação do Estado se faz, fundamentalmente e em última análise, visando criar condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, isto é, condições que viabilizem o processo de acumulação e a reprodução das classes sociais e suas frações.

A questão que se apresenta é a das classes sociais como espelho desse sistema desigual; os espaços para elas criados também apresentam essa característica. Áreas, consideradas pelo setor imobiliário, nobres recebem aparatos, objetos espaciais de uso comum com mais requinte e qualidade do que espaços em locais de características mais populares, criando o que Rolnik (2013) vai apontar como áreas de pouco investimento, segregadas.

É visível a separação das classes sociais no ambiente da cidade. O Estado aqui, “defensor” do espaço urbano, utiliza-se do discurso de neutralidade; porém, como alerta Lefebvre (1999), somente sob transparente cortina, o Estado age de forma independente, parecendo guiar a iniciativa privada. Ele não é o mediador dos conflitos entre os interesses das diferentes classes e sim o árbitro que acaba sendo a favor do capital. Cria-se desse modo uma diferença entre os espaços na cidade que se dividem entre públicos e privados.

Gomes (2018) faz sua leitura de como, na geografia, essa definição tem sido árdua e prefere abordar a ideia de uso público, visto que o espaço público se assenta em alguns elementos: a atividade pública sobre ele a partir da reunião dos indivíduos que manifestam suas vivências. Por outro lado, definem, também, o uso que revela

as individualidades. Um terceiro componente é a comunicabilidade, a interação entre os grupos e os indivíduos se faz presente nesse cenário. E, assim, destaca Gomes (2018, p. 118):

Desses componentes essenciais derivam propriedades. Quando elas estão ausentes, há fortes chances de que esses espaços não estejam funcionando como públicos. Uma primeira propriedade é o desenvolvimento de uma cultura pública, isto é, formas codificadas de interação interpessoal entre desconhecidos.

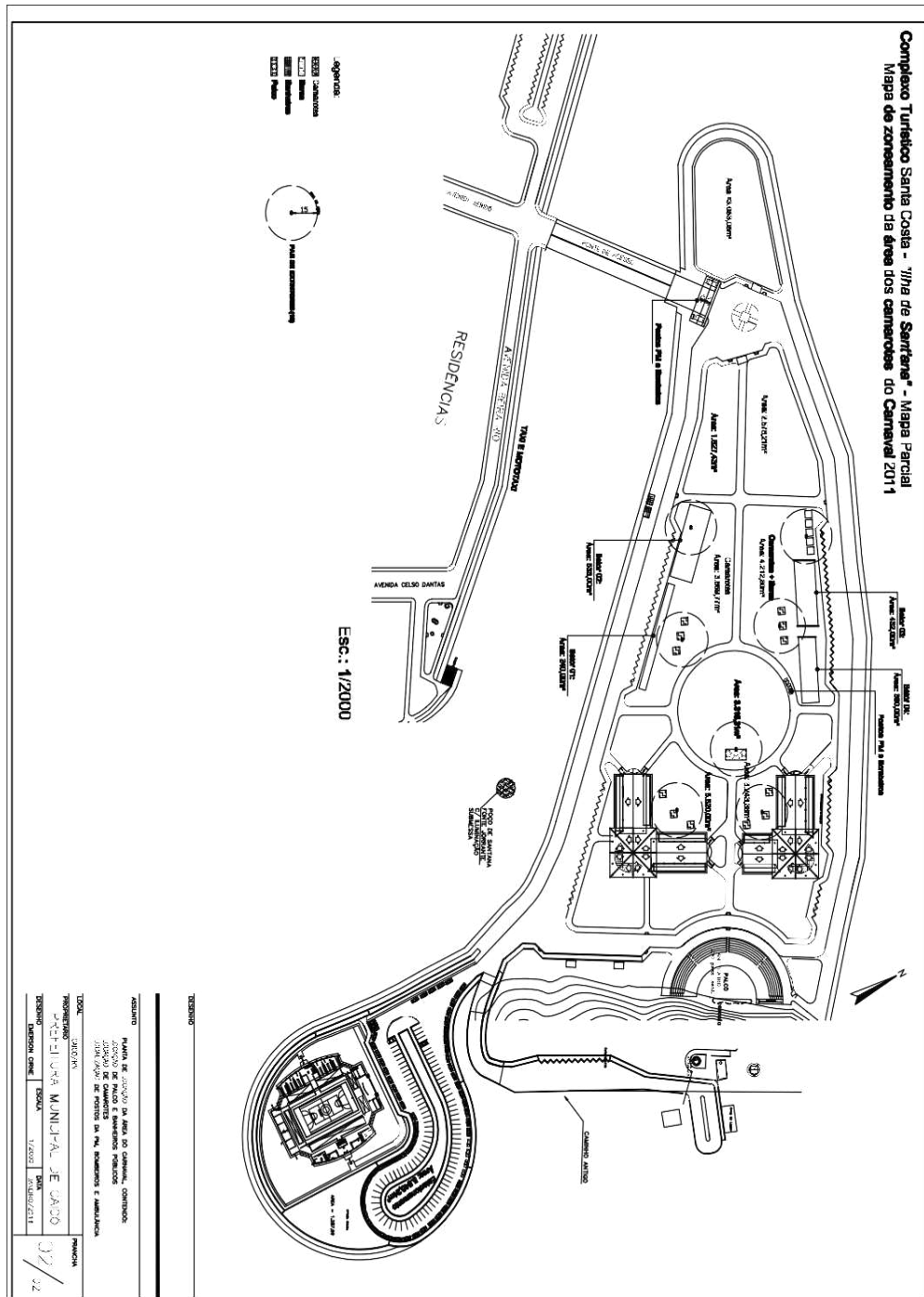
Essas propriedades organizam o uso do espaço, sua funcionalidade, temporalidades e são o subsídio para o acontecer da vida urbana. Criam-se, assim, os códigos que demarcam quando o lugar é de âmbito individual ou público.

Outros autores também fizeram esse esforço de diferenciar as parcelas do espaço, a exemplo de Mitchell e Soja (2003). Para os autores, o espaço segue a racionalidade de sistema econômico de uma sociedade capitalista. Sendo assim, o autor vê o espaço público como forma de controle por parte do Estado; seria uma forma de limitar o uso a partir das classes, então, um grupo não interferiria nos locais de outro grupo ou classe. Soja (2000) faz um caminho parecido ao criticar como a racionalidade dos espaços públicos inviabiliza seu viés revolucionário, ambos vão no caminho de pensar os espaços públicos e suas limitações com o advento da era Moderna.

Fato posto é que os espaços públicos são frequentemente objetos de mudanças por parte da governança urbana. No entanto, não ocorre de modo aleatório, apesar de surgir sem o controle do poder público os lugares que se fazem de uso público são erguidos, modificados ou derrubados por meio de uma legislação própria do âmbito urbano. Não trataremos aqui da origem da questão jurídica ordenamento do espaço público, porém, salientamos os mecanismos que regem essas interferências; cada cidade deve elaborar seu Plano Diretor regido pela Lei Orgânica Municipal. Na hierarquia federativa, esses documentos estão subsidiados pelo Estatuto das cidades que regimenta as possibilidades de mudanças na esfera espacial delimitada pelo município. Sabemos que nem todos os municípios têm seus planos elaborados e que estes são também passivos de edição com o passar dos tempos.

Caicó conta com esses dois dispositivos, sendo sua lei Orgânica do mês de abril de 1990 e o Plano Diretor de outubro de 2006. Em seu artigo 41, sobre a morfologia da

Figura 08 – Planta do Complexo Turístico Santa Costa



Fonte: Secretaria de Infraestrutura de Caicó, 2020.

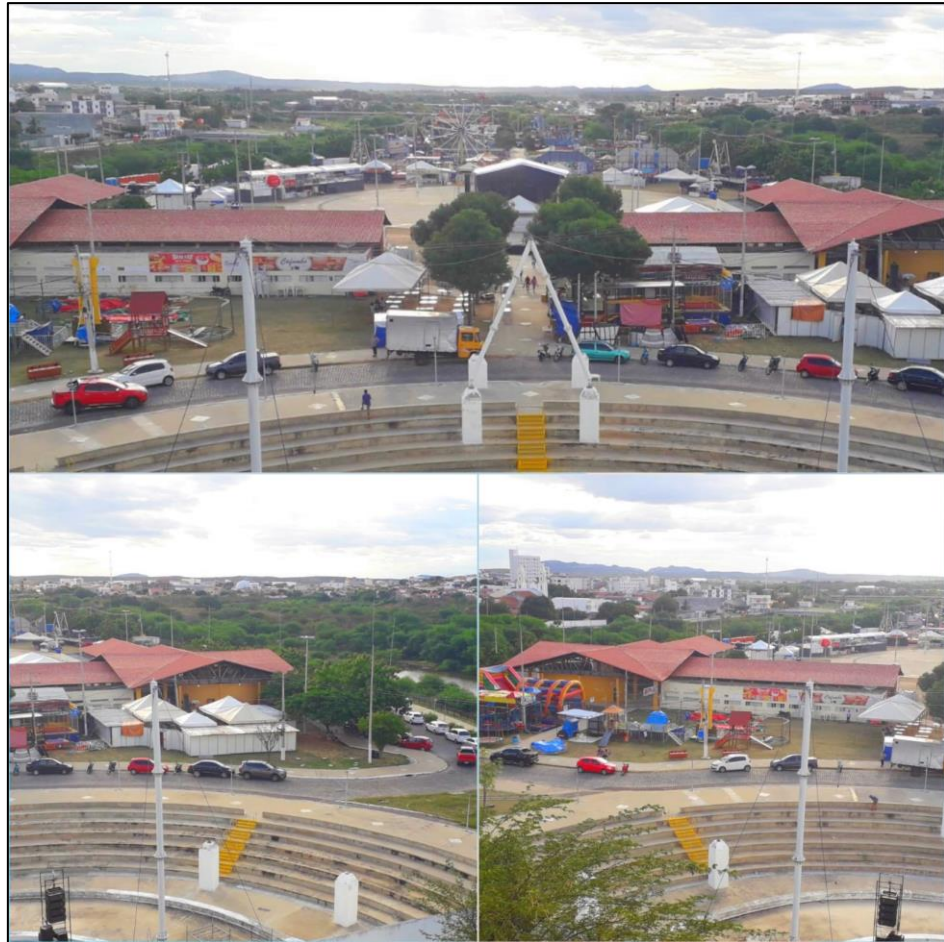
O complexo Turístico Santa Costa localiza-se numa área central da cidade no início da avenida Beira Rio, sendo uma bifurcação criada naturalmente. Ali estão o Poço de Sant'Ana às margens do Rio Seridó; e, de acordo com o Governo Estadual, o valor total da obra foi de 13 milhões de reais e abrange uma área de 15 hectares.

No referido espaço, encontra-se uma estrutura, com parques de diversões equipados para criação, quiosques, anfiteatro, banheiros, pista para caminhada, aparelhos de academia para melhor idade além de um ginásio poliesportivo. Os quiosques são utilizados de duas maneiras: como lanchonetes, restaurantes, e pizzarias também para fixação de lojas e outros estabelecimentos comerciais, apenas em momentos específicos. O ginásio, além de servir como quadra esportiva, também é utilizado para solenidades de formaturas, casamentos comunitários e outros eventos sociais. O anfiteatro é utilizado para apresentações de pequenas bandas, peças teatrais e atividade de educação física. A pista de corrida é utilizada diariamente pelos moradores da cidade, seja pela manhã, ou no fim da tarde, quando o sol se põe e a temperatura se torna mais amena.

Embora usado cotidianamente pelos caicoenses, esse espaço nos chama atenção por ser o local onde os eventos públicos da Festa de Sant'Ana acontecem. Se olharmos com atenção, percebemos claramente a dualidade que envolve a comemoração em honras a avozinha de Jesus: de um lado, a religiosidade, e do outro, a comercialização da fé; numa ala, os eventos tradicionais e noutra, os eventos modernos; num canto, as festas dos ricos, no outro, os eventos que o poder público financia.

Na última classificação, que enquadra os eventos gratuitos, esses são realizados em sua grande maioria, no espaço do Complexo Turístico. Desde sua inauguração, todas as festas de bandas musicais, parte da Feirinha de Sant'Ana, os Parques de diversão e a Famuse aí se realizam, a exceção dos anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia por covid19. Abaixo, segue um mosaico com alguns registros desses eventos na Figura 09.

Figura 09: Mosaico de registros do Complexo Turístico



Fonte: Marluce Silvino, 2020.

A gestão do Complexo fica a cargo da Secretaria de Turismo do município, que organiza o uso tanto dos comerciantes em geral bem como da população. A Figura acima revela a amplitude de uso do referido espaço, sendo, portanto, a obra de maior impacto para a realização da Festa de Sant'Ana. Salientamos que o lugar precisa de reparos em sua estrutura física, pois sua estrutura já tem 15 anos e além de ser direcionada para a festa, como já foi citado, também é usada diariamente pelos caicoenses.

Muitos animais, mais especificamente gatos e cachorros, são abandonados no lugar e ao se reproduzirem deixam o ambiente sujo e até perigoso pela possibilidade de contágio de doenças. Para além do Complexo Turístico, modificações pontuais são feitas pelo poder público na cidade, mas também os próprios moradores enfeitam suas casas; assim, é comum a reforma das residências se darem nesse período.

O poder público atua em vários momentos da festa; a secretaria de Infraestrutura atua antes com correção de calçamentos, renovação do asfalto que cobre as ruas do centro, limpeza das entradas da cidade. No momento da festa, ordena o uso do espaço público pelos visitantes, vendedores e caicoenses nos diversos trajetos que a festa abarca.

A secretaria de saúde coloca pontos de assistência básica de primeiros socorros, orientação e prevenção de doenças nos trajetos e nos pontos fixos em que as festas acontecem. A secretaria de assistência social coordena a passeata dos idosos, a secretaria de agricultura dá todo o suporte para a Cavalgada de Sant'Ana e a secretaria de turismo e desenvolvimento econômico se volta para gestão dos eventos culturais e coordenação e manutenção do Complexo Turístico, incentivo às feiras dentre várias outras funções.

As Praças do centro da cidade são ocupadas por vendedores e as principais ruas são o tapete para os eventos religiosos, a exemplo da procissão. O espaço da cidade se reformula para receber os festejos. Muito se usa a expressão “É Natal em Caicó”, quando se inicia o mês de julho, pois para os caicoenses, a realização dessa festa teria o mesmo peso da maior festa católica no lugar.

3.2 O espaço percebido e a reprodução da festa pelo comércio: entre os bailes e as feiras

As festas no interior do Rio Grande do Norte desempenham o papel de incentivo ao comércio; em Caicó, essa realidade se replica. Não só nos dias da Festa em específico, mas durante o ano, a cidade se prepara para esse momento. A dinâmica de pessoas e eventos requisita do comércio um arsenal que supra a demanda que é significativamente maior.

A relação entre o comércio e a produção do espaço se revela na cidade a partir de inúmeras fontes. Por vezes, o comércio supre a necessidade por serviços; outras vezes, pode subsidiar atividades econômicas como a indústria ou até mesmo o turismo. No caso da cidade em foco, Caicó/RN, o comércio se intensifica de forma sazonal no período de fevereiro (quando ocorre o Carnaval) e em julho, decorrência da Festa de Sant'Ana.

É comum as lojas, principalmente de vestimentas e calçados, fazerem bazar e *outlet* que vendem peças com remarcações de preços nos meses de agosto/setembro

se desfazendo, assim, das peças que não foram vendidas no mês de julho, sendo que nesse período as peças atingem um valor mais alto. Esse comportamento advém da necessidade que o caicoense tem de se vestir para a festa, traduzindo: compram-se roupas novas, pinta-se a casa e se preparam para a visita de Sant'Ana ou para comparecer às novenas.

A festa se mostra como uma prática social recheada pela cultura e religiosidade e atinge em cheio o comércio, não só da cidade como da região. As práticas espaciais têm esse impacto de mudar o lugar, seja intermitentemente ou sazonalmente. Sobre a prática espacial, destaca Lefebvre (2006, p. 65):

A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço.

O acontecer cotidiano, como a vida se realiza, cria e recria hábitos, comportamentos e práticas; a cidade é composta pela sua territorialidade e também pelos agentes humanos que ali fixaram sua morada; a junção de ambos cria e recria espaços a partir das práticas que foram habitualmente sendo repetidas. A criação do espaço e por conseguinte do espaço da cidade será o resultado dessas práticas. O espaço, por Lefebvre exposto acima, é um espaço social. Visto ser composto por uma prática social, o espaço e o social são inseparáveis na compreensão da produção da cidade. Sobre as práticas espaciais Souza (2013, p. 241) aponta:

São práticas sociais em que a espacialidade (a organização espacial, a territorialidade, a 'lugaridade'...) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social, é uma ação (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de relações sociais.

Nesse contexto, ambos autores corroboram que o espaço associado ao comportamento social leva a existência de um espaço social revelado pelas práticas espaciais. As práticas vão ser elencadas inicialmente por Correa (1992) que traz as seguintes formas de espacialização social: seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora.

Na cidade, para Correa (1992), são essas as práticas que irão comandar o uso do espaço. Souza (2013), por sua vez, traz seis tipos de práticas espaciais que ele

mesmo adverte como não sendo apenas estas, pois as práticas espaciais são criadas a partir do contexto que ocorre no tempo e no espaço. Chama atenção, em nosso trabalho, dentre essas práticas, a ressignificação de lugares, visto que existe a criação tanto pela questão cultural e impulsionada pelo mercado e poder público de criar uma aura festiva justificada pelo “poder” da santa. O lugar deixa de ser apenas uma cidade, para ser a terra de Sant’Ana.

No que concerne à Festa de Sant’Ana, é visível a busca por incentivar o lucro econômico e a aquisição de capital por parte do poder público e do empresariado. Esse não seria propriamente um circuito produtivo, mas citaríamos como sendo um novo mercado de produção e propagação do consumo, tendo como porta bandeira a padroeira. O lugar, do mesmo modo, se ressignifica pela fé e religiosidade; é na esfera do imaginário, do espiritual que a devoção se instala e a cidade de Caicó se torna o território da avó de Jesus.

Apoiados na força exercida pela religiosidade, a Festa acontece e demanda do comércio local, como já citamos, um abastecimento muito maior, não só das lojas de roupas e calçados, como do setor alimentício e ainda o setor hoteleiro. Na verdade, se estilhaça por todo o setor comercial da cidade. Segundo o levantamento feito em 2020, com 4 pousadas da cidade, todas se encontravam preenchidas no período festivo.

A abrangência do comércio na Festa se divide entre a demanda do que é para a Igreja e o que fica de forma mais direta para o comércio local. Neste último, desde as hospedagens como os transportes intermunicipais são impactados, os produtos alimentícios e as bebidas alcoólicas são vendidas nos supermercados e revendidas nas festas, sejam dos clubes ou na rua. Lembrando que para os produtos vendidos na Ilha de Sant’Ana ou nos arredores da catedral, os vendedores precisam de uma licença para isso e o valor é estipulado pelas características dos produtos. Ocorre habitualmente, num período anterior a festa, o credenciamento e a regulamentação dessas pessoas e do que será comercializado. Abaixo mostramos, na Figura 10, dois tipos de carrinhos com produtos comercializados nos espaços citados.

Figura 10 – vendedores ambulantes na Festa de Sant’Ana



Fonte: Acervo dos autores, 2020.

Outro ramo que se intensifica é o da estética e cuidados com embelezamento. Aqui, se incluem desde as clínicas de estética como salões de beleza. Esse é o momento também que alguns profissionais trabalham em horários extra comerciais, tendo em vista que os shows, com exceção da Feirinha, ocorrem após às 22h.

Para além desses serviços, ocorrem as festas dentro da Festa: são os shows com artistas tanto locais como de renome nacional. Os eventos abrangem diferentes públicos; nas faixas etárias mais jovens, a exemplo da Noite Branca e entre os mais clássicos, com o Baile dos Coroas. Salientamos que a classificação de idade não restringe o público, mas de forma implícita, os eventos são procurados de acordo com a sua natureza.

O Baile dos coroas acontece no Clube do Corinthians, localizado no Bairro Barra Nova e objetiva entreter não apenas os caicoenses que residem em Caicó, mas também prestigiar os filhos da terra que, por suas razões, já não moram mais na cidade, mas que todo ano retornam para vivenciar os festejos. O diferencial é a necessidade de trajes de gala, em que os senhores vestem terno e gravata, e as senhoras, vestidos elegantes e de alta costura. A entrada necessita de aquisição de uma mesa, e as bebidas e alimentos são adquiridos também no local. Ocorre na última sexta-feira e segundo o IPHAN (2010), criada:

Com a intenção de reviver o glamour e o encanto dos bailes do passado, animados musicalmente por grandes orquestras, em 1974, foi idealizada a Festa dos Coroas, ou Baile dos Coroas, pelos senhores Darci Fonseca, Automendes José e Erivanor Bezerra.

O grande baile se destacava pela riqueza dos trajes usados. Então, se tinha um grande investimento das senhoras e dos senhores da elite da cidade. Anteriormente, esse baile seria o baile de encerramento da festa; sendo assim, o de maior destaque. Com a amplitude que a Festa foi ganhando, esse evento não representa mais a grande noite da festa.

A Festa dos Exs. alunos do Colégio Diocesano Seridoense, que homenageia os alunos formados há 10, 20 e 30 anos ocorre no sábado. É um evento diurno e se encerra às 19h., tendo em vista a novena que se inicia no mesmo horário. Esse momento é muito esperado pelos jovens da elite da cidade (este é um colégio particular de valor significativo no qual apenas os mais providos podem matricular seus filhos). Ocorrem também festas na AABB, na Ilha de Sant'Ana; um evento em espacial nos chamou a atenção, a Noite Branca.

A noite Branca é um evento mundialmente conhecido e sua origem foi em Paris, onde os artistas, estilistas e demais elites europeias prestigiam os lançamentos da moda. Dentro desse evento, ocorre um grande baile, curiosamente algo nesse sentido se reproduz em Caicó. A festa da Noite Branca daqui ocorre na primeira sexta-feira da Festa e exige a vestimenta de roupas brancas; se realiza na Pousada Céu Azul, que fica na zona rural, acerca de 3km da cidade.

A entrada se faz mediante a aquisição de mesa com quatro cadeiras e custa a média de R\$ 1200, segundo a organização do evento, tendo direito a um buffet com doces e salgados e ainda dois tipos de bebidas alcoólicas; *vodka* e cachaça.

Na esfera dos eventos, elencamos como o maior deles, a Feirinha de Sant'Ana, que acontece na última quinta-feira da Festa, dia de feriado na cidade. Enquanto os demais eventos são noturnos, a Feirinha é um evento diurno. Fator interessante é que a Feirinha é um evento que inicialmente ocorria nos arredores da igreja no largo da matriz de Sant'Ana; ao ganhar maior abrangência, modifica também o espaço da avenida Seridó ocupando também a rua e as calçadas e a praça do Coreto. A comercialização nos arredores da igreja, segundo a paróquia é se divide entre comidas doadas, como: caldos; salgados; feijoada; arroz da terra; churrasco; crepes e bebidas alcoólicas e água; água de coco e refrigerantes. As bebidas não são vendidas nas barraquinhas da paróquia e sim em um Bar, serviço terceirizado que

repassa um valor à igreja pelo uso do espaço. Abaixo, a Figura 11 ilustra a Feirinha nos arredores da catedral.

Figura 11 – Feirinha de Sant’Ana ao lado da catedral



Fonte: Gabriel Morais, 2023.

Essa festa costuma iniciar-se às 11h, quando a Igreja fecha as portas para visitação. Então, acontecem apresentações de artistas locais e regionais. Esse evento, como já citado, foi ganhando os espaços e chega até o complexo Turístico; o público se mistura entre aqueles que desde cedo estão nos festejos e os que desejam esperar os shows noturnos. Por ser um evento diurno, mas especificamente vespertino, o calor é intenso e todos procuram se abrigar numa sombra, a ocupação nos arredores da igreja atinge seu limite e então se estende para o Complexo em razão dos quiosques lá serem cobertos. No ano de 2019, o público que ocupou o Complexo, ainda no evento da Feirinha, se mostra na Figura 12, a seguir.

Figura 12 – Feirinha no Complexo Turístico



Fonte: página do Facebook Caicó RN, acesso em 2019.

A superlotação do complexo turístico revela a amplitude e o impacto para o comércio local nesses eventos; a Figura acima evidencia ainda o parque de diversões que se aloja no espaço durante os últimos dez dias do mês de julho e a primeira semana de agosto. Os parques são de propriedade de pessoas da região que nos dias que se fixam na cidade, consomem os suprimentos do comércio local, e pagam um valor ao poder público pela locação do espaço.

Para além desses eventos, que claramente impactam o comércio local, a Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó (FAMUSE) demanda atenção especial para ser entendida no contexto da produção espaço pelo comércio, ocorre há trinta e nove anos em parceria do Comitê Regional das Associações e Cooperativas Artesanais do Seridó (Cracas) com o Sebrae. Tem se realizado nos últimos anos, no Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana, mas começou na avenida Seridó; por nove anos, fixava-se ao redor da catedral, momento que impulsionou a visibilidade da feira, em consequente, e por dez anos, esteve na praça da Igreja do Rosário.

Os produtos expostos na feira são principalmente: o bordado, que é marca da cidade de Caicó; pintura em tecido e tela, *patchwork*, labirinto, renda renascença e cerâmica dentre outros. Um espaço também é reservado para produtos alimentícios locais, como queijos, doces e ainda a venda de mudas e plantas.

Em conversa concedida com a presidente da Cracas, a mesma revelou que a feira se organiza em estandes que são adquiridos por cidade. Inicialmente, eram poucos expositores, não passando de 50 barraquinhas. Com o passar dos anos, foi

sendo valorizada e sendo aderida por mais artesãos da cidade e região. Atualmente, comporta 73 estandes e um pavilhão com 60 barracas, o valor pago pelos expositores gira entre 900 a 1000 reais e dez desses estandes são destinados à associações sem fins lucrativos.

Segundo ela, todos os municípios do Seridó adquirem estandes e comercializam seus produtos atualmente, e ainda municípios da Paraíba, do Pernambuco e do Ceará, o que denota a abrangência espacial do fenômeno comercial que é a FAMUSE, o capital que circula nos dias da feira ultrapassa duzentos mil reais e Arlete frisa que este é um valor que é injetado na região imediata de Caicó.

O custo para que se possa expor seus produtos na FAMUSE não é baixo, ressalta a entrevistada (E1), mas que se comparado com a visibilidade para os produtos e o lucro adquirido é um investimento de grande retorno para os artesãos, sobre a FAMUSE, ela assim nos fala:

A FAMUSE é para os artesãos da cidade e região o grande momento, vem pessoas do Brasil todo nos prestigiar, a festa só começa quando eu abro a feira. O capital que é adquirido tem grande importância para as bordadeiras e demais artesãos, muitos vendem na feira o que não vendem num mês, não é fácil organizar um evento como esse, mas é muito importante economicamente. (E2, 2019).

Dentro da lógica de reprodução do capital dos últimos tempos, A FAMUSE indica um fenômeno interessante a se pensar: a confecção dentro do processo de produção em massa, em que são vendidas centenas de peças, de vestimentas por exemplo, iguais ou os alimentos processados que podem ser congelados e consumidos num prazo longo se opõem a ideia que permeia a FAMUSE. Os produtos artesanais são justamente o oposto: se propõem a serem peças únicas, delicadas e seu valor considerado alto se dá justamente pela especialidade da peça, é uma ostentação possuir peças artesanais, pois denotam o requinte da exclusividade.

A feira é um momento ímpar no contexto da comercialização de produtos. Na cidade, a valorização do bordado é significativa por aqueles que têm uma condição financeira mais cômoda. Ao ser questionada, a vendedora desse vestido nos confirmou que a peça é rapidamente vendida para senhoras que veem vivenciar os festejos. Notamos claramente que a FAMUSE facilita a comercialização à medida que dispõe de inúmeros produtos; redes, conjuntos de cama, mesa e banho, dentre inúmeros outros e impacta a economia local. Sobre isso, aponta Araújo (2013, p. 25):

As feiras de artesanato são geradoras de renda em virtude da movimentação de compra e venda de produtos, também é uma ocasião para, possivelmente, fazer negócios e também para conhecer novas pessoas. Durante a feira é intensa a movimentação em seus espaços, moradores caicoenses, turistas e expositores que se encontram e reencontram.

A feira em xeque tem essa característica. É também um momento de lembrar e reencontrar amigos, prestigiar a produção de velhos conhecidos, é além do âmbito comercial também a valorização da cultura. A Figura 13, a seguir, visualiza um mosaico de fotos da FAMUSE.

Figura13 – Mosaico dos estandes da FAMUSE



Fonte: Marluce Silvino, 2019.

Além da Famuse, os eventos citados na Festa de Sant'Ana, em Caicó, refletem a sociedade atual mergulhada no modelo de produção vigente, o capitalismo vai construindo, transformando e produzindo os espaços embasados em práticas econômicas que redefinem o fenômeno urbano. Sendo tudo objeto de consumo na lógica capitalista, a Festa que tem como principal fenômeno a fé, passa a ser percebida como o espaço para a reprodução do capital. O foco do texto não versa

sobre as cifras geradas, mas isso se entende nas entrelinhas das mudanças que o espaço revela.

As ruas se tornam camarotes, as casas hospedagens e até comércios, os vendedores ambulantes são os donos das avenidas e o comerciante lojista aproveita a devoção para superfaturar em seus produtos. A geografia da fé é vista pelo olhar da produção; espaço, cultura e lucro caminham no mesmo passo, todo ano no final do mês de julho. Compreender a cidade é antes de tudo um esforço de pensá-la como o espaço concebido pelos agentes sociais e o poder público, percebido pelos moldes criados pela produção e por fim vivido por aqueles que cotidianamente pisam no chão do lugar.

3.3 O vivido: os espaços de representação na terra de Sant'Ana

Na trilogia de análise de Lefebvre, a reprodução social se dá nos espaços experienciados, espaço do/no vivido. Ao vivenciar os indivíduos locados em sociedade criam e recriam lugares a partir de suas percepções de mundo. Para o autor, o espaço vivido é:

Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. (LEFEBVRE, 2006, p. 66)

As representações do espaço são como símbolos de identificação que unem os pares numa sociedade, tendo como tapete a produção capitalista. A representatividade se materializa nas construções. Sendo as cidades a concentração populacional, esses espaços de representatividade irão, por vezes, impulsionar as construções de acordo com os grupos, se criam, então, territórios dentro da cidade.

É o espaço ligado à ação dos homens; nele, se dão “os conflitos e as lutas” (SERPA, 2005, p. 222). Como elabora o autor, é o espaço das ações cotidianas que se repetem temporalmente e que sem imposições se mantêm pelo desejo dos indivíduos, Christian Schmid (2012, p. 101) aborda que “o conceito de vivido (*le vécu*) também revela um ponto de referência fenomenológico”, já que a vivência é registrada no imaginário e como tal são acontecimentos marcados pela percepção individual, é

o “mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana” (SCHMID, 2012, p. 102).

Se por um lado a abrangência do vivido extravasa os conflitos, por outro, pode ser a representação da cultura, a manifestação de um determinado grupo étnico. Na esfera cultural, os espaços do vivido, no Brasil e no Rio grande do Norte, se revelam dentre outros raios pela religiosidade, em especial, aqui, o catolicismo. A tradição dessa religião caminha junto com a história do país e se torna um magma que concentra os fiéis em determinados espaços que rememoram os santos e seus rituais.

São então criados os espaços de representatividade atrelando o pertencimento ao grupo à medida que frequentam o mesmo; é o espaço dominado pela religiosidade, como aponta Lefebvre (2006, p. 66), “Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar”. Dividimos esses espaços em duas modalidades, como mostra a Figura 14, a seguir.

Figura 14 – Tipos de espaços vividos no catolicismo



Fonte: dados da pesquisa⁸, 2023.

Os espaços de representação, como exposto na figura 13, dividem-se entre aqueles que são estruturas concretas e físicas edificadas como Igrejas e templos e por seu caráter de imobilidade denominamos de espaços fixos. Já os espaços móveis são associados aos rituais que, pelo viés da sazonalidade, podem se localizar em

⁸ As fotos foram retiradas do blog do Marcos Dantas no endereço eletrônico <https://marcosdantas.com/fe-devocao-e-amor-na-procissao-de-encerramento-da-festa-de-Sant'Ana-de-caico/>. Acesso em: 01 Ago. 2023.

determinado ponto em um tempo determinado e/ou mudar de lugar. De acordo com a necessidade, pode-se pensar na procissão como exemplo válido.

Em Caicó, esses espaços de representação pela religiosidade se apresentam de maneira tanto fixa como móvel. Os rituais da Festa de Sant'Ana demandam espaços que são usados temporariamente, bem como a casa da padroeira, a Catedral, lugar de onde todos os rituais partem e se encerram.

Os rituais relacionados às festividades na cidade se iniciam bem antes do mês de julho, cerca de três meses antes. Na ocasião, uma réplica da santa percorre a zona rural da cidade; esse acontecimento se divide entre a solenidade religiosa, celebração de missa e, num segundo momento, na socialização e realização dos leilões cuja finalidade é arrecadação de capital para os festejos no espaço urbano. As prendas (doações) de alimentos tradicionais como galinha caipira, queijos, cachaça, doces e peças bordadas são ofertadas pelos moradores que organizam o evento.

E um mês antes (mês de junho) acontecem as novenas de Sant'Ana em residências nos bairros da cidade. No dia primeiro de julho, a imagem da Santa visita todas as paróquias (os outros santos) da cidade, sendo acompanhada por fiéis transportados em carros e motos; esse evento denomina-se "Abraça Caicó". E, no dia dois, acontece o Almoço de Sant'Ana, no Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana.

Como já foi dito, a festa acontece nos últimos dez dias do mês de julho, se encerrando sempre no último domingo do mês. Na penúltima quarta-feira do mês, no fim do dia, chegam à cidade os peregrinos de Sant'Ana. A peregrinação é uma caminhada realizada por caicoenses que se deslocam partindo de Currais Novos, passando pelas cidades de Acari, Cruzeta e São Jose do Seridó num percurso de mais de 99 quilômetros, essa caminhada já ocorre há 23 anos. O IPHAN (2010, p. 46), sobre essa caminhada, pontua:

A peregrinação a Sant'Ana "Caravana Ilton Pacheco" teve início no ano de 2000 a partir da idéia de três mulheres caicoenses que residiam em na capital Natal, desde 2004 a caravana recebe o nome de um de seus mais dedicados membros, falecido naquele ano. Inspiradas pela peregrinação a Santiago de Compostela, na Espanha, as três amigas decidiram realizar uma peregrinação até Caicó em homenagem à Sant'Ana.

A peregrinação é uma característica que representa o sacrifício oferecido à santa; é comum ser realizado por pessoas que receberam uma graça se comprometeram de fazer o percurso como o pagamento de uma promessa. Então,

envoltos nesse imaginário da devoção que crer ter sido contemplado pela bondade de Sant'Ana, realizam a caminhada. A organização da peregrinação se dá desse modo: os caminhantes pagam uma taxa à organização que se reverte em bonés, camisetas, custeio de curativos (pois não é raro ferimentos nos pés ou dores corporais) e demais necessidades.

Eles transitam às margens da cidade pela BR 121 até anoitecer, quando se recolhem para descanso e são levados por um ônibus até a cidade adiante. No dia seguinte, são deixados no mesmo local e seguem seu itinerário rumo a Caicó. Em relação aos peregrinos, nos chama atenção a devoção, Rosendahl (2018, p. 167) corrobora ao afirmar que:

A peregrinação, mesmo nos tempos atuais, representa uma viagem espiritual movida pelo desejo de experimentar lugares sagrados, onde pessoas santas tenham vivido ou milagres tenham sido realizados. Trata-se de uma demonstração de fé que adquire padrões distintos no espaço e no tempo. Envolve, assim, espaço e tempo fixos – os lugares sagrados – e fluxos – a peregrinação.

A espacialização dessa prática demonstra como a espiritualidade, ancorada na devoção, permite o suportar do cansaço, do calor pela elevada temperatura numa região do semiárido nordestino. As marcas no corpo pelo esforço ao caminhar a longa distância são como um teste que afirma a força da Santa. A chegada dos peregrinos é marcante e emocionante, pois reúne todas as imagens que percorreram as casas e se encontram no cruzamento da avenida Seridó com a Coronel Martiniano, em frente ao Mercado Público. Pode-se ver esse momento na figura 15 a seguir.

Figura 15: Chegada dos Peregrinos



Fonte: Arthur Silva, 2023.

Se deslocam juntos até a catedral de Sant'Ana onde ocorre uma missa, após o encerramento do ritual, acontece a Festa dos Doces. Essa festa é simbólica à medida que se realiza com doações feitas por avós da cidade, e comercializada também por essas figuras. A ideia é que sejam receitas caseiras, de doces que as avós costumam fazer nos momentos de reunião familiar.

Adiante, no dia seguinte, costumeiramente, na primeira quinta-feira da festa, ocorre oficialmente a abertura da festa com a Alvorada de Sant'Ana. Esse acontecimento lembra todos os caicoenses que é chegada a data de se festejar a padroeira, com queima de fogos de artifício, e a banda de música filarmônica da cidade entoia o hino de Sant'Ana e se iniciam os eventos religiosos e sociais com missa às dezenove horas e o jantar de Sant'Ana, que ocorre no pavilhão de Sant'Ana.

Nessa data, acontece também a passeata dos idosos. Organizada pela Secretaria de Infraestrutura, a passeata conta com idosos de vários municípios da região imediata de Caicó que veem em transportes cedidos pelo poder público participar desse evento. E, tal qual os demais, é um momento de grande simbologia já que são os idosos, os avôs e avós da região exaltando a padroeira. Esse momento se encerra no Complexo Turístico, onde é servido almoço, cedido pelo poder público, e a realização do forró dos idosos.

A partir do dia seguinte, penúltima sexta-feira do mês e primeira sexta da Festa, se iniciam as novenas e apresentações culturais se repetindo até a nona e última noite, no último sábado do mês. Ao fim da novena e concomitante aos eventos musicais, são vendidas comidas e bebidas nos barracões que compõem o Pavilhão.

De acordo com um dos organizadores, o entrevistado E2 (sexo masculino e 36 anos) a venda se realiza da seguinte forma: as comidas são doadas pelos comerciantes da cidade, pelas pastorais ou serviços exercidos pelos fiéis e cada noite é dedicada a um determinado serviço, por exemplo, ECC (Encontro de Casais com Cristo), Pastoral da família, dentre outros e estes são os responsáveis por administrar as vendas naquele dia.

Todo o trabalho é realizado de maneira voluntária cuja finalidade é a arrecadação para a manutenção da paróquia de Sant'Ana e chama atenção a organização temporária do espaço com a fixação do pavilhão que muda a paisagem da catedral de Sant'Ana. Tratar-se de um conjunto de barracas ao redor do Arco do Triunfo e as portas da igreja, como se vê na Figura 15.

Figura 16 – Pavilhão de Sant'Ana



Fonte: Gabriel Morais, 2023.

Além das novenas, durante o dia, acontecem também manifestações diversas direcionadas às festividades. No primeiro sábado da festa, acontece às sete e meia da manhã, a Caminhada das Crianças; é um evento que replica a procissão com os pequenos acompanhados de pais ou responsáveis, fazendo um trajeto que é reduzido pela necessidade de se adequar ao público, em homenagem a Sant'Ana. No fim da tarde, a Corrida de Sant'Ana é realizada saindo do Complexo Turístico e percorrendo as distâncias de 600m, 1.000m, 5km e 10km, distribuídos em provas para adultos,

crianças e portadores de necessidades especiais. Esse evento ocorre desde o ano de 1997 e oferece premiação de medalhas e um valor em dinheiro.

No primeiro domingo da festa (penúltimo do mês), saindo do Parque de exposições Mons. Walfredo Gurgel, às 9h da manhã, a cavalgada de Sant'Ana concentra os trabalhadores e criadores rurais que desfilam com seus animais. Esse é um momento em que subjetivamente se demonstra o poder aquisitivo, conforme a raça e o cuidado com os animais que participam.

Os caicoenses se colocam às margens do percurso para ver o passar da cavalgada, que se organiza tendo à frente a imagem de Sant'Ana transportada num carro, um casal com o estandarte da santa, a cavalaria da polícia militar, as autoridades políticas com as bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Norte e de Caicó e demais participantes como mostra a Figura 16:

Figura 17 – Cavalgada de Sant'Ana em Caicó



Fonte: Isaac Silva, 2023.

A cavalgada representa simbolicamente a vinda dos homens e mulheres do campo para a cidade, repetindo a tradição de origem da festa em que esse ritual se dava nesse formato, sendo a população, ainda em sua maioria, residente em comunidades rurais e vinham para os festejos de Sant'Ana. A organização do evento é promovida pela paróquia no âmbito das celebrações, pois se encerra com uma solenidade às portas da catedral, da associação de vaqueiros que juntamente com a

prefeitura promovem um lanche no parque de exposição, atração musical e suporte para os animais.

Finalizado esse momento, ocorre o Leilão da Festa no pavilhão de Sant'Ana. Uma semana antes, uma comissão de voluntários percorre a zona rural arrecadando as prendas que serão leiloadas; são doações, em sua grande maioria, realizadas pelos moradores das comunidades; são animais como novilhas, cabras e galinhas que no dia já estão torradas⁹ e são consumidas no local. De acordo com o organizador que concedeu sua fala, esse é o evento de maior arrecadação para a paróquia.

Na semana seguinte, se repetem as noites com novenas, na quarta-feira, há a abertura da FAMUSE, permanecendo até o domingo. E, na quinta, é o dia da Feirinha e da Carreata de Sant'Ana. Na Carreata, os veículos acompanham a imagem em sua maioria caminhões e carretas, mas também seguem veículos menores e motocicletas. Ressalta, o E2, que esse momento “representa o retorno do caicoense a cidade, sendo período de férias escolares muitos vem passar esse momento com os filhos e agradecer a Sant'Ana pelo retorno em paz”. Como afirma o entrevistado, a maioria é composta por profissionais caminhoneiros que acompanham a santa.

A Feirinha, além do viés econômico, é também sinônimo de tradição e memória. As barracas são divididas não apenas entre grupos da igreja como pastorais, mas também entre grupos de representantes da sociedade, funcionários do Banco do Brasil, Rotary e Lions Clube dentre outros. Esses grupos doam as comidas e se dispõem também a “servir” no dia vendendo. Ainda de acordo com o E2, isso acontece pois:

É o momento que eles aproveitam também para festejar, confraternizar...vem um grupo de quinze, vinte pessoas, duas ou três vendem e os demais tocam instrumentos, bebem, lembram da época da juventude e se divertem, cada barraca é uma festa particular.”

E, no segundo domingo da festa, acontece o evento de maior público: a procissão de Sant'Ana, iniciada às 17h, com a saída da imagem oficial da Santa, aquela que fica na Igreja e percorrendo algumas ruas da cidade. Essa solenidade é uma prática específica de eventos religiosos, conforme salienta Rosenhdahl (2018, p. 389):

A procissão é um ato de culto externo em que se manifestam com mais exuberância o sentimento religioso e a devoção popular; ela se

⁹ Torrada é uma expressão local que significa cozida até secar todo o caldo da galinha.

destaca como o momento mais importante de uma festa religiosa na cidade ou durante uma romaria ao santuário visitado.”

O simbolismo contido nas práticas espaciais do enredo festivo se divide nos locais fixos e nos locais onde a população flui pelas ruas; a Procissão contém esse viés complexo, as ruas da cidade são o tapete concreto por onde os fiéis deslizam em comunhão com a imagem da Santa. Neste momento, se cria um território de domínio da espiritualidade. A santa que se vê é material, mas a fé transcende a materialidade e atinge a subjetividade, o devoto simboliza que ali quem percorre as ruas é a avó de Jesus, aquela que lhe concedeu milagres. Para entender esse fenômeno Almeida (2015, p. 95) destaca que:

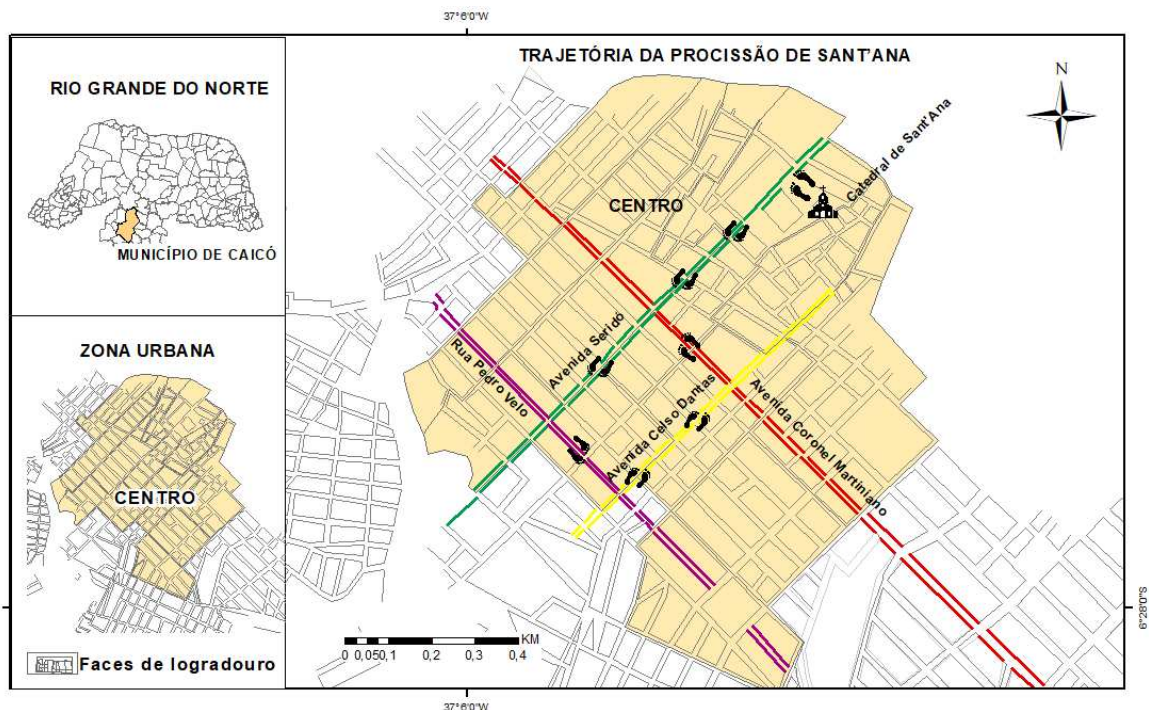
A religião vinculada a um sistema simbólico-representativo presente no cotidiano da população, interfere na identidade das sociedades, isto é, no modo de vida, nos costumes, memórias, em fim na cultura, materializa um território e, conseqüentemente, um patrimônio.

A religião, enquanto manifestação social, se estrutura em duas bases: na cultura (imaterialidade) e no espaço (materialidade). A procissão é o modelo fiel a essa estruturação. É um enredo que se repete a cada ano nas festas de padroeiros no Brasil e remete à tradição deixada pelos portugueses em nossas terras que criou um calendário, todo ano na mesma época se festejam os mesmos santos.

Enquanto o andor é carregado pelo povo, a entidade religiosa é celebrada e se cumprem promessas, como vestir uma cor em específico. No caso da procissão de Sant’Ana de Caicó, os devotos que acompanham o trajeto vestem-se de roupas de cor clara, geralmente trajes brancos e é protocolo que sejam roupas preferencialmente novas, remetendo a pureza da Santa e o respeito de ofertar a ela o melhor traje. Às vésperas da procissão, as lojas do comércio investem nessas peças cientes da relação de devoção dos caicoenses pela Santa e realizam grande marketing em torno dessa religiosidade.

Especialmente na Procissão de Sant’Ana, a imagem oficial sai da catedral e percorre a Avenida Seridó, Rua Pedro Velho, Avenida Celso Dantas, Coronel Martiniano e retorna pela Avenida Seridó até a catedral, como demonstrado no Mapa 03, a seguir.

Mapa 03 – Trajeto da Procissão de Sant'Ana em Caicó



Fonte: Soneide Moura, 2023.

A procissão da Festa de Sant'Ana é o acontecimento que revela a abrangência da festa, tanto na esfera espacial, pois os devotos sejam caicoenses (residentes ou visitantes) ocupam as ruas e não só estes, mas vendedores ambulantes, agentes da segurança (policiais e bombeiros militares e brigadistas), os personagens de transmissão midiática, os representantes religiosos e políticos, e todos revelam a irradiação simbólica da santa como um fenômeno imaterial.

A fé se espalha pelo percurso feito por alguns com os pés descalços, no calor; é um momento de sacrifício e devoção claramente representados por quem acredita que a santa realiza milagres, prove o inverno, prospera negócios, realiza sonhos e concede saúde. A leitura da procissão vai além da dinâmica econômica (embora esteja presente em vários pontos), materializa o imaterial, especializa o fenômeno cultuado pela sociedade no seu imaginário.

A quantidade de pessoas que aqui chamam-se devotos participando desse culto é emocionante; são milhares que caminham por mais de duas horas ao lado da Santa cantando músicas e hinos da vertente religiosa católica, e sempre se repete do mesmo modo ano após ano. A Figura 17, abaixo, reafirma a complexidade do ritual.

Figura 18 - Procissão de Sant'Ana



Fonte: Artur Silva, 2023.

A procissão demarca o fim dos rituais religiosos dentro da Festa, sendo a maior expressão da fé, como revela IPHAN (2010, p. 104):

Momento máximo da expressão de fé do povo do Seridó, a procissão de Nossa Senhora de Sant'Ana é o cume dos festejos religiosos da região, responsável por reunir milhares de pessoas todos os anos provenientes de várias partes do Brasil e do exterior, tão forte é essa expressão que nos últimos anos teve seu trajeto modificado e ampliado para atender a demanda de fiéis que seguem em cortejo até a Igreja Matriz.

Chegando à catedral, ocorre a celebração da missa de encerramento presidida pelo Bispo; a santa retorna para o altar e os fiéis retornam ao seu cotidiano cientes que, no ano seguinte, mais uma festa será dedicada a Sant'Ana. Todos os rituais desde a Alvorada até a Procissão estão entrelaçados com o comércio e com as ações de planejamento e gestão do município; a festa tem várias dimensões, quem reza também festeja e também consome, os espaços são usados, feitos e desfeitos, é ao mesmo tempo o lugar do sagrado, o espaço sentido e também trocado. As trocas são

espaciais, mas também de memórias ativadas pelos cheiros das comidas, as texturas do bordado e os sonhos do Quinteto Violado que nas letras revela: “Todo ano tem. Uma festa famosa na região. Todo ano tem. É a Festa de Sant’Ana Padroeira do sertão. Todo ano tem uma banda tocando na procissão [...]”

Embora a certeza de que todo ano a Festa se repetirá, nos anos de 2020 e 2021, ela enfrentou o desafio que afetou todos aqueles que ocupam o planeta: o isolamento social, restrição imposta pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador da pandemia mundial da COVID-19. A Festa não deixou de ocorrer, mas se adaptou a realidade do tempo e é sobre essa temática que trata o capítulo que se segue.

CAPÍTULO 4 - A CIDADE E A FESTA NA CONTEMPORANEIDADE

10



¹⁰ Registro de Marcílio Avelino em julho de 2020 do devoto de Sant'Ana na pandemia.

CAPÍTULO 4 – A CIDADE E A FESTA NA CONTEMPORANEIDADE

Os anos de 2020 e 2021 foram assustadores para todo o mundo com o enfrentamento da pandemia causada pela covid-19. As cidades se desertificaram e as sociedades reaprenderam a viver, num cenário de isolamento. Em Caicó a realização da Festa de Sant’Ana realizou-se pela primeira vez no formato remoto e os meios digitais foram cruciais. Entre *lives*, peregrinações e leilões virtuais e festa de reinventou e nos anos seguintes retorna com a mesma magnitude dos anos que antecederam a pandemia. É sobre esse contexto da realização da festa na pandemia e as novas espacializações criadas nos últimos anos que este texto dialoga.

4.1 Cada casa uma catedral: impactos da pandemia na festa de Sant’Ana

No final do ano de 2019 liam-se notícias de um novo vírus no continente asiático, mais especificamente na China, até então nenhum alarde por aqui no Brasil. O Carnaval de 2020 se realizou em diversas cidades sem nem ponderar a possibilidade de os contágios chegarem até o país. Em 26 do mês de fevereiro do mesmo ano o primeiro caso é registrado sendo de um senhor de 61 anos vindo da Itália e liga-se o sinal de alerta.

O vírus em questão não é recente, já era de conhecimento da comunidade científica e da saúde pública no mundo conforme revela Lana et al (2020, p. 1):

Coronavírus são RNA vírus causadores de infecções respiratórias em uma variedade de animais, incluindo aves e mamíferos¹. Sete coronavírus são reconhecidos como patógenos em humanos. Os coronavírus sazonais estão em geral associados a síndromes gripais. Nos últimos 20 anos, dois deles foram responsáveis por epidemias mais virulentas de síndrome respiratória aguda grave (SRAG). A epidemia de SARS que emergiu em Hong Kong (China), em 2003, com letalidade de aproximadamente 10%² e a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS) que emergiu na Arábia Saudita em 2012 com letalidade de cerca de 30%. Ambos fazem parte da lista de doenças prioritárias para pesquisa e desenvolvimento no contexto de emergência.

No contexto de 2020, o novo corona vírus foi denominado SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, que se caracteriza de acordo com o Ministério da Saúde do Brasil por ser uma doença que afeta as vias respiratórias de forma aguda, potencialmente grave, com taxa elevada de transmissão e de distribuição global.

A origem da doença foi muito especulada, até que em março de 2021 o OMS (Organização Mundial da Saúde) publica um relatório no qual afirma: a origem natural da epidemia em que provavelmente o vírus passou do morcego para um mamífero intermediário, e dele para o ser humano. A transmissão de um morcego diretamente para um humano também foi apontada como uma hipótese e especialmente isso teria ocorrido em Wuhan na China e rapidamente se propagado pelo mundo.

No Brasil em abril de 2020, dois meses após o primeiro caso já era registrado mais de seis mil mortes e mais oitenta e cinco mil casos notificados da doença e instituiu-se a necessidade de isolamento social. A população enfrentou o maior evento pandêmico do século, com uma crise na saúde pública agravada pela crise econômica que o país já enfrentava. O cenário de incerteza e pânico se instalou.

As doenças estão presentes no cotidiano dos indivíduos desde o início de sua existência, para não seguimos o caminho da geografia da saúde pois não é esse o intuito, aqui salienta-se que, o contexto geográfico é um fator a ser considerado na incidência das enfermidades. Somado a esse fator também se incluem o contexto biológico e social.

No caso da covid-19 são os agentes virais que contaminam e se disseminam com rapidez. A propagação viral segue uma escala de infectados; primeiro os conglomerados que seriam poucos casos e dispersos no espaço e tempo, seguindo o surto, onde nota-se a concentração já elevada, mas num único espaço e por último a epidemia que seriam vários surtos em uma área geográfica maior e por último a pandemia. De acordo com Callegari (2020, p. 14):

A disseminação mundial de uma enfermidade, é dito como a maior escala de gravidade, abrangendo vários contextos sociais, econômicos, políticos e geográficos. Portanto, o que de fato define ou não uma pandemia, é a análise da intensidade do nível de propagação de uma doença.

Então de acordo com o autor, o estágio de maior abrangência de uma enfermidade é a pandemia que geograficamente alcança todas as localidades e poderá se mutar no percurso de um espaço para outro. Em especial no caso da covid-19, a população mundial viu nos mais de dois anos em que se manteve presente várias mutações do mesmo vírus se apresentando e aqueles que já haviam de se recuperado tornando a serem contaminados.

O mundo vivenciou outros momentos pandêmicos, a citar: a peste negra, a cólera que embora tenha surgido em 1917 ainda afeta alguns países nos dias de hoje, a varíola e em 1918, a gripe espanhola que matou entre quarenta a cinquenta milhões de pessoas, dentre outras. Sobre esta pandemia que ocorreu nos últimos anos teve uma abrangência específica de uma sociedade conectada por diversos meios, especificamente aqui a evolução técnica dos meios de transporte foram cruciais para propagar a infecção.

A sociedade afetada pela covid-19, foi a sociedade inserida no contexto da globalização, todos os espaços estão conectados e as vias de transporte de mercadorias e pessoas aprimoradas para serem percorridas o mais rápido possível, seguindo a lógica da produção. De acordo com Harvey (2020, p.5) “esse fenômeno atingiu o mundo do capital e o encontrou despreparado”. O capitalismo neoliberal com suas bases no século anterior, embora já tivesse visto outros surtos de grandeza significativa, não se voltou a cogitar essa possibilidade.

Para sua permanência, um mundo global foi um alvo atingido rapidamente. Santos (2001, p. 18): revela a globalização a partir de três visões:

“[...]devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.”

Para a lógica do capital tudo estava fluído, mercadorias circulando deliberadamente, pessoas percorrendo o mundo e fazendo disso até um novo mercado; o turismo. O enriquecimento dos donos de meios de produção ocorrendo às custas de mão de obra e territórios desiguais, estados ricos se perpetuando tal qual os estados pobres conformados de seu papel na divisão mundial do trabalho. Era o mundo ideal, era a fábula da globalização. A pandemia dos anos passados atingiu em cheio essa ilusão como denota Haesbaert (2020, p. 08):

Alguns dos mantras do globalismo planetário até aqui dominantes foram: movam-se, viagem, acelerem, cresçam, expandam-se, extraiam (os recursos), consumam, privatizem, flexibilizem (as relações de trabalho), “deslocalizem” (as empresas)... Tudo isso, frente à pandemia do coronavírus, repentinamente se inverteu: parem, não viagem, desacelerem, retraiam-se, não consumam, invistam em políticas públicas, estatizem (empresas em crise)...

Inevitavelmente os países desenvolvidos foram os primeiros a serem atingidos pelos surtos, assim como usufruíam do lucro e luxo das novas técnicas, que os permitia tocar os territórios do mundo, também as exportações e importações daqueles que não produziam matérias primas, desde energia até combustível e alimentos dentre inúmeros outros, se viu no topo da escala de propagação do vírus.

Os efeitos da globalização, até então grande aliada do crescimento econômico dos países, foi a esteira pela qual a pandemia passou como reafirma Haesbaert (2020, p. 4): “Uma característica básica dessa pandemia, de importante manifestação geográfica, é que ela, ao sair da china, começa no topo da pirâmide socioeconômica, entre as classes mais privilegiadas.” O autor alertava nesse texto que a catástrofe seria ainda maior quando atingisse os países periféricos, com elevada densidade populacional, pobreza significativa em locais como as favelas.

Se inicialmente o vírus chega na classe alta, essa mesma população tem acesso a saúde, renda fixa e um padrão de vida que os permite o isolamento. Nas classes pobres o vírus se alastrou instantaneamente e estes não tinham os mesmos acessos que os ricos. A pandemia foi inicialmente, inclusive, rechaçada, seja por aqueles que não acreditavam na gravidade do momento ou por aqueles que não dispunham da opção de se enclausurarem por questões de sobrevivência. E assim os habitantes deste planeta viveram num mundo que passou de fluído, dinâmico e veloz, para outro em estado de sítio pela necessidade de se frear a incidência de transmissão da enfermidade e que mesmo assim levou a morte milhões de pessoas.

Essa realidade nunca havia sido presenciada pela maioria da população e sem dúvida se mostrou como o maior desafio dos tempos recentes. Com o passar dos dias, o mundo foi se adequando em cada canto de um modo diferente e revelando uma nova maneira de viver e entender o espaço geográfico.

Na engrenagem da economia, o consumismo é o grande herói do capital, no contexto pandêmico milhares ficaram desempregados, outros milhares deixaram seus postos de produção, e muito se questionou como o capital se sustentaria? Numa entrevista que posteriormente se tornou livro, Harvey (2020, p. 6) pondera:

A forma espiral de acumulação infinita de capital está entrando em colapso interior, de uma parte do mundo para outra. A única coisa que pode salvá-lo é um consumismo em massa financiado pelo governo, evocado do nada. Isso exigirá socializar toda a economia dos Estados Unidos, por exemplo, sem chamar isso de socialismo.

O autor traz no texto reflexões sobre as discrepâncias sociais que a pandemia escancarou ainda mais, do privilegio de quem podia ficar em casa, da nítida desigualdade entre quem detém os meios de produção, dos assalariados como classes ainda privilegiadas e quem dependiam do comercio ou quem oferecia sua mão de obra por exemplo. O que resistiria no âmbito do consumo nas palavras do autor, seria a economia “Netflix”. Com a necessidade de reclusão, as introjeções levaram a busca por essas plataformas de entretenimento.

O medo da doença levou a maioria das pessoas a de fato se isolar, pelo menos as que podiam e isso gerou novos modos de se produzir, circular e consumir mercadorias. Os mercados da tecnologia, produção de eletrônicos como notebook e smartfone cresceram rapidamente em detrimento do trabalho, da educação e do lazer passar a ser quase que totalmente no âmbito doméstico.

As paisagens urbanas mudaram também, lugares antes preenchidos de pessoas; pontos turísticos, empresas, escolas, teatros e shoppings, tornaram-se vazios. Isso sem dúvidas trouxe impactos positivos na esfera ambiental, o uso do espaço se fez diferente. Antes como indica Massey (2000) havia uma “compressão do espaço-tempo” definida por agentes que dominavam os espaços, a busca pela apropriação do espaço fazia pensar que fosse uma simples superfície a disposição da humanidade. No entanto, Massey (2015, p. 33) revela: “[...] o espaço é igualmente vivo e igualmente desafiador, e que, longe de ser morto e fixo, a própria enormidade de seus desafios significa que as estratégias para o dominar têm sido muitas, variadas e persistentes”.

A pandemia reafirma a teoria da autora à medida que o fator geográfico influenciou tanto no surgimento da doença, quanto na propagação do vírus e deixou claro que a ação humana associada ao uso desenfreado dos recursos sejam vegetais, climáticos ou animais tem seu custo a pagar.

Nos espaços urbanos, a contaminação encontrou o contexto certo para ser exponenciada. A população que no século anterior saiu da zona rural para abarrotar os centros urbanos, se viu com o desejo de poder estar nesses locais novamente, pois a desconcentração populacional e conseqüentemente um ambiente mais natural diminuía o contágio.

Os centros urbanos foram esvaziados e sua dinâmica se retraiu, em estudo sobre a urbanização e a segregação espacial na pandemia Sathler e Leiva (2022, p. 23) apontam:

A análise indica que as associações entre a disseminação da Covid-19 e os aspectos urbanos são mais bem abordadas quando consideradas perspectivas multidimensionais. Dinâmicas intraurbanas, como forma urbana, densidade, infraestrutura e padrões de deslocamento, bem como características apresentadas pelas redes urbanas, podem afetar a disseminação da Covid-19 nas cidades, áreas metropolitanas e regiões. Além disso, aspectos socioeconômicos e demográficos urbanos, como pobreza, desigualdade, justiça social, estrutura etária e segregação socioespacial, podem aumentar a vulnerabilidade de cidades e regiões a pandemias, principalmente em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos

As dificuldades do planejamento urbano e regional desse momento foram inúmeras, a mobilidade que fora por tanto buscada foi um dos motivos de maior preocupação, enquanto alguns podiam se deslocar no próprio veículo, muitos outros se aglomeravam em transportes coletivos. Quanto maior a urbanização mais grave se acentuava a o contágio.

Na cidade, tomando como exemplo o caso brasileiro, a pandemia ressaltou de um lado a necessidade que se tinha de frear a degradação dos recursos naturais, e do outro as profundas desigualdades advindas de uma urbanização rápida e desorganizada. A metropolização acelerada em muitas regiões nos últimos anos e todo esse estilo de vida urbano não se fez sustentável na pandemia. O comportamento urbano passou a incluir o distanciamento e a repensar o uso do espaço, sobre isso Rodrigues, Silva e Farias (2022, p. 11) indica:

Esse distanciamento social impôs o desenvolvimento de novas estratégias para minimizar a possibilidade de contaminação entre as pessoas. Diante disso, várias cidades e organizações iniciaram a concepção de equipamentos urbanos e estratégias de ocupação do espaço urbano, visando à proteção e ao controle da doença.

Inicialmente a reclusão foi quase total, aos poucos espaços abertos foram liberados, como praças e parques, revelando a ausência de locais de qualidade para uso nas cidades. Os espaços tanto públicos quanto privados, comércios e residências foram modificados para conter a pandemia: marcação da distância exigida entre os indivíduos no piso, lavabos e suporte com álcool para higienização recorrente das mãos dentre outros. E conforme apontando pelos autores, não houveram grandes mudanças na arquitetura das cidades, sendo a maior modificação a ausência de fluxos nas cidades pela necessidade de isolamento.

Essa realidade imposta pela pandemia se deu no espaço e na vida cotidiana, a forma de se ler o espaço e a convivência se redirecionou. Os hábitos temporariamente foram modificados e pela incerteza de quanto tempo permaneceria as práticas sociais tiveram que se adequar.

A *uberização*, termo utilizado para o a venda de determinado serviço para indivíduos ou empresas de forma independente, ou seja, sem segurança econômica alguma pois o único responsável é o prestador de serviços. Essa prática revelou ainda mais a precarização trabalhista na pandemia e garantiu a mobilidade de mercadorias adquiridas pelos consumidores e entregues em motocicletas e até em bicicletas a depender da distância. A maior parte do consumo passou a se realizar em plataformas virtuais, prática já utilizada e que se popularizou nessa fase.

O meio digital foi a ferramenta usada para a esfera econômicas e foi além, passou a ser o veículo de aproximação, de socialização entre os indivíduos. Embora fechados em suas residências se comunicavam com o mundo por meio da *internet*, que foi fundamental para a interligação mundial.

Se adaptando a realidade do isolamento a convivência passou a ser adaptada ao período, invés de ir ao mercado, se comprava no *site* da loja, a ida a escola e ao trabalho foi substituída pelas reuniões e aulas remotas em casa através de um computador ou *smartphone*. O lazer passou a ser também dentro de cada residência onde os eventos eram assistidos e vivenciados virtualmente.

As manifestações culturais representadas pelas festas tiveram que se reinventar para não desfalecerem nesse momento crítico. Se as festas são como assegura Claval (2014) “a ruptura do tempo e espaço, no qual há uma catarse” e os afazeres do cotidiano se invertem, em outras palavras, há uma quebra na rotina marcada pelo esforço do trabalho, uma pausa para descanso. Na realidade pandêmica as festas dentre elas as religiosas permaneceram cumprindo esse objetivo, inclusive sendo uma fonte de abastecimento espiritual para enfrentar o afastamento social e a incerteza do futuro quanto ao retorno da vida como era antes.

Em Caicó, a pandemia chegou no mês de abril de dois mil e vinte, faltando três meses para a festa de Festa de Sant’Ana e paralisou todas as atividades presenciais. Nos anos de dois e vinte e dois mil e vinte e um a festa foi outra e sua realização se deu a partir da campanha “Cada casa uma catedral em cada casa um estandarte de Sant’Ana”, segundo o pároco da igreja (E4) em entrevista concedida

“Foi preciso pensar algo totalmente diferente. não havíamos imaginado que uma festa de Sant’ana pudesse acontecer sem público tanto na dimensão religiosa como cultural. As pessoas estavam habituadas a participar presencialmente dos eventos religiosos, com a pandemia foi preciso participar de maneira virtual. a igreja agra seria a própria casa”.

A Festa foi pensada de forma diferente de um ano para o outro, em dois mil e vinte todas as restrições foram seguidas e a ideia da campanha seria que os devotos adquirissem um estandarte representando que estavam em festa, o estandarte de Sant’Ana é utilizado em vários momentos no decorrer da festa e a réplica demonstrava: “quando se hasteasse o estandarte na catedral no dia vinte e três de julho os devotos também colocariam em suas portas como sinal de devoção” (E4). A figura 18 mostra essa realidade.

Figura 19: Estandarte de Sant’Ana nas residências em 2020.



Fonte: Marluce Silvino, 2020.

Antes desse momento no dia vinte e dois teve o encerramento da peregrinação virtual, assim como se fazia nos anos anteriores que a santa percorria as casas, aqui era feita a transmissão em tempo real das orações feitas pelas famílias em cada residência nos meios de divulgação da paróquia de Sant’Ana. No dia posterior como já dito ocorreu a abertura da festa com Missa e assim prosseguiu até dia dois de agosto quando se encerra a festa.

A partir desse ano, na festa passaram a ser celebradas missas pela manhã, às 6:30 e a noite as novenas às 19h com a presença dos religiosos e equipe de transmissão apenas. De acordo com a fala do Bispo da diocese Dom Antônio, que preside o encerramento da festa, um evento foi “a principal forma de contato de

Sant’Ana com os fiéis”, ele juntamente com a imagem primitiva sobrevoaram a cidade num helicóptero abençoando os caicoenses no dia que seria a procissão ocorrendo às 16h como mostra a figura 19.

Figura 20: Bispo e imagem primitiva preparando-se para sobrevoar a cidade



Fonte: Cristiano Manoel, 2020.

Esse ato simbólico reinventa a forma como a festa se espacializa, antes percorrendo as ruas e espaços fixos, agora fluindo pelo céu da cidade. O percurso feito nas vias aéreas demonstra o poder da religiosidade nesse momento que transcende o território demarcado costumeiramente ano a ano e se estende para cobrir a cidade como um todo. O enfrentamento do momento crítico não impede o acontecer festivo, ao contrário o leva a ser repensado e reinventado de modo que todos vivenciassem o momento de fortalecimento espiritual.

Para o bispo da Diocese de Caicó em sua fala no documentário Sant’Ana de Caicó: fé que supera obstáculos, o “grande desafio desse momento foi ver a igreja vazia nos dias que costumava ser preenchida”. Pensar uma festa sem público na realidade das comemorações de padroeiros no Rio Grande do Norte é complexo, pois é o momento de maior efervescência populacional nas cidades. Em Caicó com a Festa de Sant’Ana essa realidade, no entanto, revelou a grandeza da devoção.

Além dos momentos voltados para as celebrações religiosas, a parte cultural foi toda veiculada nas plataformas digitais por meio de *live* dos artistas locais e regionais, iniciando-se com a *live* dos Peregrinos no dia vinte e dois de julho e se

encerrando no domingo dia dois com a última apresentação começando às 20h. A parte social da festa nesse ano teve os eventos da Festa Doces e Leilão Virtual, além do almoço da galinhada de Sant'Ana e do Jantar de Sant'Ana no formato *drive thru* que será abordado a frente.

Em dois mil e vinte e um a Festa já teve outros trajes, mesmo com restrições foi possível a participação e se organizou do mesmo modo no âmbito religiosos, cultural e social mas sem shows e aglomerações. Na quarta feira dia vinte e um de julho ocorreu missa de encerramento das peregrinações virtuais. No dia seguinte abertura da festa e passaram a ocorrer missas duas vezes ao dia e novena três vezes nos horários de meio dia, às 16 e às 19h com agendamento prévio dos fiéis que participariam pelo site da paróquia.

A festa se encerrou no dia primeiro de agosto com celebração da missa às 17h e descida da bandeira e neste ano não houve procissão no modelo tradicionalmente conhecido. A Imagem saiu da igreja e percorreu as ruas da cidade não pelo seu andor, mas sobre o carro cedido pelo corpo de bombeiros militares e os devotos numa carreta. Foi a primeira vez que a Santa percorreu outros bairros da cidade, até então se restringia as ruas do centro.

Nesses anos a espacialização da Festa foram inevitavelmente redimensionadas, os lugares onde a festa de fez presente foi além daqueles habitualmente demarcados, para Costa (2013, p. 120): “A espacialidade da Festa provoca uma erupção. No seu tempo festivo, os lugares são redimensionados e torna-se pontos de partida para uma agitação que é promovida por aqueles que participam da festa”. O autor defende aqui que a espacialização do evento festivo se revela como além da materialização, mas o conjunto de “experiencias vividas e partilhadas no mundo subjetivo” (COSTA, 2013, p. 121).

Nesse esteio se realizou a festa na pandemia, era o momento de reencontro, de agradecimento e de lazer, mas não como antes, todos os momentos ganharam outros significados. Nesse ano de dois mil e vinte e um como a possibilidade de participarem na catedral muito preferiram ainda acompanhar de suas casas, como nos confirma a fala do E3 (sexo masculino, 51 anos):

Havia ainda uma certa insegurança dos fieis para voltar a participar com mais eficácia. alguns permaneceram ligados ao virtual mesmo havendo a liberação das autoridades sanitárias. Mas foi preciso dizer

que era preciso voltar a frequentar a igreja como antes. pós pandemia o retorno foi gradativo e aos foi normalizando.

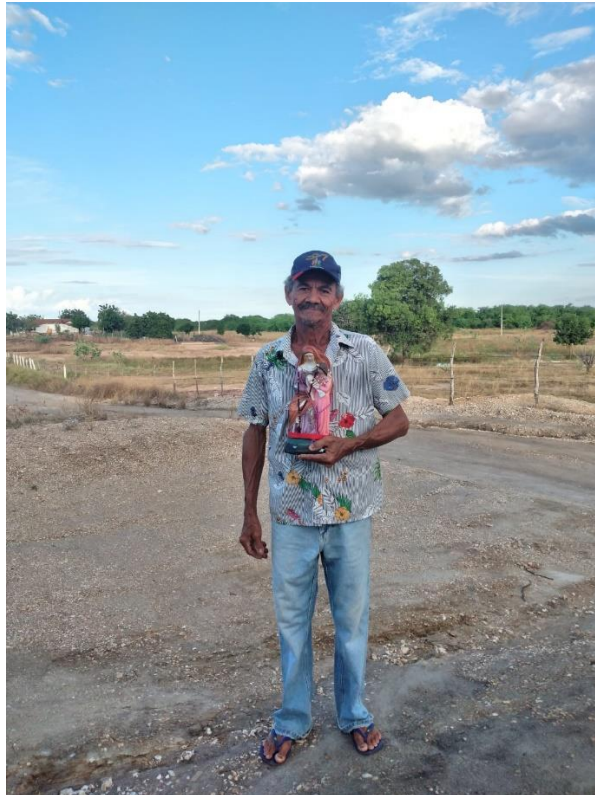
Neste segundo ano de pandemia, embora o incentivo a participar como afirma o pároco entrevistado, o medo e a incerteza ainda estavam presentes, mas existindo a opção de estar presente ou não. A fé pode ter sido a vitamina que muitos usaram para retornarem à Igreja, outros usaram da sua criatividade para mesmo não indo até o templo não deixar de participar como o exemplo do senhor M.M.S que sendo morador de uma comunidade rural fez do seu espaço de moradia o espaço da festa.

Pela devoção à Santa muitos caicoenses tem o compromisso desde os pequenos de pagar promessa feita muitas vezes pelos seus pais ou deles mesmo na juventude como nesse caso de M.M.S que já se encontra na idade de mais de sessenta anos.

Sendo uma obrigação acompanhar os festejos anualmente, e ciente de que haveria a carreata e que não poderia participar ele criou seu próprio ritual como nos relata E3: *“Como era pandemia não podia ter muita gente, mas precisava pagar a promessa ai tive a ideia e fui, da minha casa até o rio andando com a santinha por uma meia hora”*. Ao ser perguntado como foi essa experiência, relatou que *“ficou muito emocionado, que se emociona muito ao falar de Sant’Ana, que não sabe explicar, mas que se emociona muito com a festa dela”*.

A falta de palavras vem da ausência de letramento que embora não pareça ainda é realidade de pessoas mais velhas na cidade. A zona rural que o senhor reside chama-se sítio Umari e localiza-se a cerca de 25km da zona urbana de Caicó. Nesse local quando ocorre a visitação da imagem é uma comunidade que participa de todas as peregrinações e tem intensa devoção católica. Sendo uma pessoa humilde e sem transporte M.M.S não pode se deslocar até a cidade, palavras dele, para acompanhar a carreata. A figura 20 mostra o registro feito pela filha dele no momento da sua procissão com Sant’Ana.

Figura 21: Procissão individual de M.M.S



Fonte: Luana Andréia, 2021.

A solidão da procissão revela a devoção dele, mas revela a dimensão da religiosidade que se espacializa no momento da festa, mas que é revogada durante todo ano. O festejar para celebrar para a santa, tem muitas faces; uma que é inegavelmente econômica e outra que é cultural, neste caso, é o compromisso com a entidade que fez o ritual acontecer e como ele disse “*não estava sozinho estava com a Santa*”. E são nesses contextos que os espaços são criados/recriados como Cosgrove (2003, p. 103) defende:

A produção e reprodução da vida material são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, a pintura, a dança, o ritual, a cerimônia, e as construções. Mesmo essa lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, por que toda atividade humana é material e simbólica, produção e comunicação.

É assim que os indivíduos experienciam a vida e imprimem no espaço as imaterialidades que são antes pensadas e posteriormente transformadas em formas

espaciais. As práticas, que partem antes de tudo, dos fenômenos são criadoras dos espaços, a pensar no caso acima o trajeto antes usado para deslocamento cotidiano dos moradores daquela comunidade torna-se o percurso da procissão, é o terreno geomorfológico inegavelmente, mas é também o chão simbólico por onde passa o devoto com sua santa no colo.

No segundo ano da pandemia, além dos momentos voltados para as celebrações religiosas, a parte cultural e social foi veiculada nas plataformas digitais por meio de live dos artistas locais e regionais, iniciando-se com a live dos Peregrinos no dia vinte e dois de julho e se encerrando no domingo dia dois com a última apresentação começando às 20h. O jantar e almoço de Sant'Ana realizaram-se com a retirada no local, e as lives e leião ocorrerem de forma virtual contemplando a esfera comercial da festa que se aborda no tópico a seguir.

4.2 A economia da festa e a cidade no ciberespaço: entre lives e QRCODES

A globalização foi um dos fatores que intensificou a propagação da covid-19, mas foi também o fator que possibilitou o enfrentamento do vírus; a produção de vacinas com grupos de estudiosos do mundo todo compartilhadas rapidamente, o acesso da população a esses imunizadores foi possível pelas facilidades dos meios de transportes existentes, antes criados pela visível compressão do espaço e tempo.

E todas as decisões sejam elas locais ou mundiais que afetavam a todos passaram a ser decididas em isolamento, fossem elas de cunho econômico, político e social, essa realidade reafirmou a relevância das técnicas no desenvolvimento da humanidade. Desde os transportes, até as mídias digitais tudo se desenvolve a partir de um conjunto de técnicas, para Santos (1994, p. 33): “A base técnica da sociedade e do espaço constitui, hoje, um dado fundamental da explicação histórica, já que a técnica invadiu todos os aspectos da vida humana, em todos os lugares”.

As técnicas se tornaram nos tempos da pandemia uma grande aliada, em especial pela propulsão do mundo que se tornou global. A globalização se contextualiza pela evolução dos meios tecnológicos ao passo que unifica o mundo, como revela Harvey (2004, 240)

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia "global" de telecomunicações e uma "espaçonave planetária" de

interdependências econômicas e ecológicas - para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas - e à medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

Evidente que as distâncias não diminuíram fisicamente ou no sentido locacional, tampouco as culturas e patamares econômicos das nações se igualizara, o autor expõe o desafio de ver o tempo e espaço serem comprimidos, compactados pela técnica que possibilita estar próximo e é também a que distancia pelo revelar das desigualdades de acesso. Vive-se no momento histórico que o autor acima chama de pós-modernidade. Nesse contexto histórico, de tanto se fundirem as identidades culturais vão sendo afetadas como anota Hall (2006, p. 70):

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação- escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação - deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais

Não sendo um fenômeno recente a globalização cria novas identidades, e revela segundo o autor a cima duas realidades; de um lado o fortalecimento dos grandes estados pela propagação de um estilo de vida a ser seguido. Por outro as pequenas localidades tradicionais são também fortalecidas pela rejeição da cultura de massa.

A pós-modernidade consequência, dentre outros fatores, da globalização tem nas técnicas a influência do comportamento dos indivíduos voltado para o mundo virtual ou cibernético. Em suma, a cultura pós moderna já vinha se delineando, o uso de eletrônicos, de *softwares* e plataformas digitais se estabeleceu na realidade de grande porcentagem dos indivíduos. A pandemia irradia ainda mais a necessidade desse mundo virtual, já que a maioria das ações passaram a ser de forma remota.

O espaço geográfico antes material, muta-se no ciberespaço. Santos em seu texto “por uma outra globalização” (2000), trata que antes vivia-se o meio técnico e científico, passando na atualidade a ser um meio técnico-científico-informacional que tem como égide a circulação de informações, um espaço virtual como acentua Capel (2001, p. 38):

Ese espacio virtual es un espacio totalmente nuevo, que no existía antes. Una realidad paralela a la real. No tiene realidad física, sólo existe en la comunicación electrónica, en los ordenadores, en los flujos eléctricos. Es un espacio inmaterial pero con muchos atributos del espacio real, aunque también con otros totalmente nuevos. Efectivamente, a través de Internet nos movemos ya en un espacio instantáneo, mundial, multidireccional. El ciberespacio permite la presencia física en un punto y la telepresencia en otros.

Para Santos quando as técnica se direcionam para o mundo informacional cria-se o *ciber* espaço/mundo como afirma Capel. Surge uma nova dimensão do espaço, ele se concretiza sobretudo pelas redes de computadores interligadas mundialmente, essa evolução da técnica para o informacional promove o crescimento econômico pela facilitação da produção e circulação do capital, inegavelmente, mas tem outro braço, a vida dos indivíduos também se impacta por esse processo como assegura Levy (1992, p. 93):

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço.

A interligação de dados, mas também de vivências se cria a partir das redes criadas, se antes pelos fluxos das estradas, agora pela virtualização dos trajetos seja de informações e conhecimentos, pela fluidez transações financeiras, ou pela rapidez como as ações são executadas mesmo a milhares de quilômetros. A conexão reticular do novo mundo é denominada por Castells (1999, p. 44) de sociedade em rede:

Proponho a ideia de que há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.

Essa realidade exposta, de uma sociedade interligada, fluída e por vezes até compactada foi o terreno encontrado quando da chegada da pandemia no ano de dois mil e vinte e um. Nesse contexto, o mundo virtual já era conhecido e o desafio era leva-lo a uso e conhecimento de todos.

A Festa de Sant'Ana em Caicó se desenrolou nos anos pandêmicos promovida pelos meios virtuais, como disse E2 (entrevistado do sexo masculino e 36 anos): *“já usávamos muito os recursos digitais para transmissão da festa, o desafio foi apenas adequação da programação”*.

Aparados na tecnologia, a festa para acontecer nesses anos teve dois agentes financiadores; o poder público e a população que aderiu a nova forma de contribuição pelo meio digital e na aquisição dos produtos. Os recursos foram adquiridos deste modo, no Rio Grande do Norte foi aprovada no ano de mil novecentos e noventa e nove, denominada Lei Câmara Cascudo.

Esta lei dispõe sobre a concessão de incentivo fiscal para financiamento de projetos culturais no âmbito do Estado do Rio Grande do Norte, e dá outras providências e lei possibilita que os empresários da cidade e patrocinadores da festa optem para que o valor doado seja descontado na declaração de imposto fiscal retido pelo governo. Conforme no E2 na festa de Sant'Ana isso se realiza da seguinte forma:

“Anualmente o governo do estado estipula o valor que será possível ser utilizado como forma de renúncia fiscal, então os organizadores da festa, elaboraram um projeto e submetem a essa lei, sendo o valor aprovado estes procuram os empresários que desejam patrocinar a festa e o valor arrecadado é alocado numa conta da paróquia criada especificamente para esses recursos que é encerrada após a prestação de contas da festa.”

O entrevistado revelou que isso potencializa muito os patrocínios pois antes se doavam um valor menor e sem retorno, com a possibilidade de ter o valor descontado acabam concedendo um valor maior e ainda tem sua marca divulgada na festa, salienta-se que o fato da festa ser considerada, como já citamos, patrimônio imaterial do Brasil reafirma sua importância enquanto projeto a ser financiado.

A equipe que fica responsável pela submissão do projeto acompanha a divulgação dos valores e prazos da Lei e com base nisso elabora a proposta que será enviada, tendo em vista que a data não é a mesma, o olhar atento dos organizadores é no decorrer do ano todo, a festa é organizada de forma atemporal, como aponta E3 *“quando uma festa de encerra já começamos a pensar na próxima”*. O poder público

municipal também financiou algumas ações como o som utilizado e instituições que cederam espaços para lives foram outros agentes que possibilitaram a parte cultural e social da festa na pandemia.

As *lives* culturais, já são uma evolução das transmissões ao vivo de eventos culturais; religiosos, políticos e esportivos, a primeira veiculação de mídia de em tempo real, para o mundo, se iniciaram pelo meio televisivo na década de 1960. Também na mesma década ocorreu a primeira transmissão de dados via internet nos computadores das universidades; UCLA (Califórnia de Los Angeles) e Stanford. E o *Youtube*, principal meio de transmissão das lives na pandemia foi criado em 2005. Para Peres e tal (2022, p. 7):

Na internet, a possibilidade de transmissões ao vivo foi impulsionada pelo streaming, que pode ser entendido como fluxo de mídia. É uma tecnologia que abriu portas para o surgimento de plataformas de áudio e vídeo que oferecem a possibilidade de consumir arquivos de mídia quando quisermos, de onde estivermos, sem efetuar downloads de arquivos.

Esse formato de transmissão quando em tempo real é denominado segundo os autores a cima de *live streaming* e necessitam de um fluxo de internet de boa qualidade tanto de quem transmite como de quem assiste a transmissão. Ainda salientam que antes da pandemia esse tipo de divulgação de eventos não atingia públicos tão altos.

Na festa de Sant'Ana as *lives* promoveram os eventos culturais, com apresentação dos artistas locais, mas também transmitiram os rituais religiosos, missas e novenas, e a parte comercial da festa versou em boa parte nesse contexto. As apresentações musicais dos artistas tinham a estrutura financiada pela organização da festa e patrocinadores no esquema já explicado acima e o valor arrecadado era destinado para o artista.

A programação do ano de dois mil e vinte transmitiu *lives* dos dias vinte e dois de julho ao dia 02 de agosto quando se encerrou. Em dois mil e vinte e um os eventos culturais denominados *live shows* foram dos dias vinte e um de julho ao dia primeiro de agosto. Nesse ano as celebrações religiosas já aconteceram no formato híbrido, onde era possível a participação de um número reduzido de fiéis e de acordo com os protocolos exigidos.

A parte comercial da festa nesses anos foi totalmente estruturada no terreno do ciberespaço, e ocorreu em três modalidades; **os leilões**, festa dos doces, Barracão, **Almoço, Galinhada e Jantar de Sant'Ana**; e **venda de *suvenires***, camisetas e bandeiras (estandarte) de Sant'Ana.

Nos leilões as prendas, como são chamadas os alimentos e bebidas seguiram a mesma lógica dos anos remanescentes, foram arrecadados a partir de doações e os lances eram feitos via *WhatsApp* enquanto eram divulgados no formato de lives. O espaço usado foi a quadra de esportes do Colégio Diocesano Seridoense e apenas a equipe de transmissão e o leiloeiro puderam estar no local, após a contemplação e aquisição podia ser feita retirada em horário agendado. A festa dos doces, foi feita no mesmo formato dos leilões.

Já a galinhada, almoço e jantar de Sant'Ana seguiram outro formato, o *drive thru*. Esse modelo de mercado já era utilizado pelos caicoenses embora não tão difundido como foi na pandemia, tudo que se consumia de alimentos tinha essa modalidade de retirada ou de entrega por um prestador de serviços. Seguindo esse formato a organização da festa comercializou senhas adquiridas numa plataforma digital que regeu boa parte de tudo que era comercializado e também pelo *WhatsApp*.

A retirada desses alimentos requereu a estruturação de um espaço específico, então organizaram tendas em frente a catedral, tendo em vista que esta é rodeada por praças e permitia a circulação dos veículos que fossem buscar as refeições que eram entregues em material descartável e os entregadores do *drive thru* eram voluntários. A figura 21 mostra o local onde foram realizadas as entregas em *drive-thru*.

Figura 22: Almoço de Sant'Ana em Drive thru.

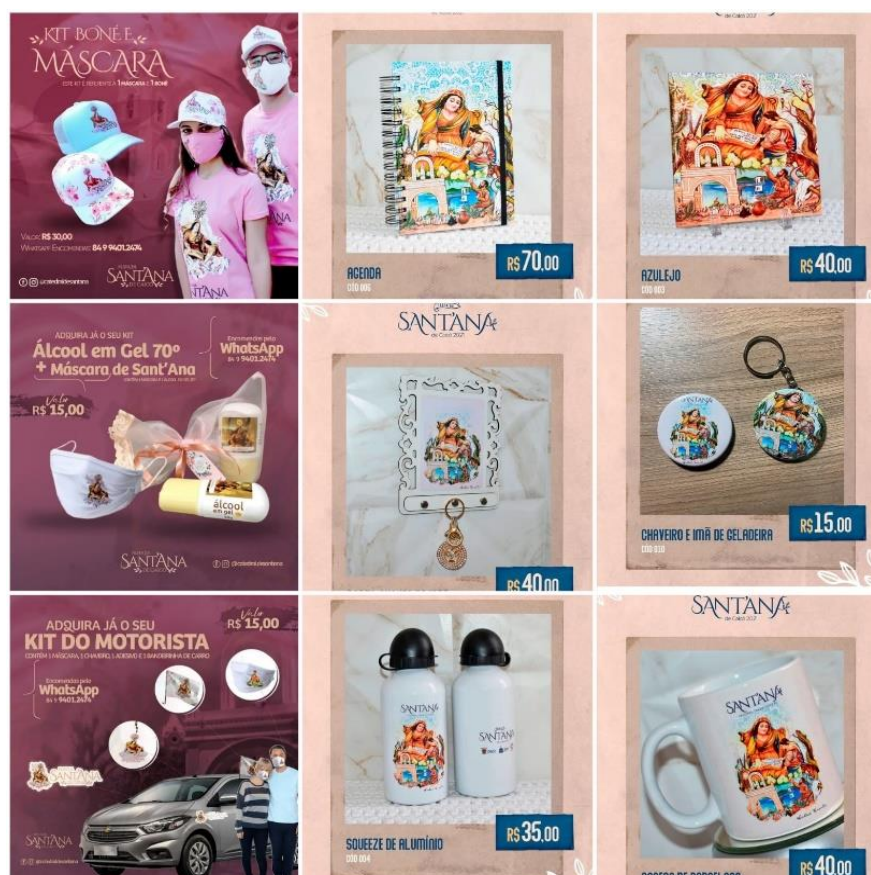


Fonte: Marluce Silvino, 2020.

A localização estratégica da Catedral para a retirada nesse formato também propiciou o contato dos fiéis com a santa que mesmo que distante pois ficava em um dos portões da Igreja e estes passam por ela. Nenhum evento cultural ou social além desses foi possível nesses dois anos e a inovação que gerou relevante impacto nas arrecadações da festa, segundo E3 foi a venda de *suvenires* ou lembranças de Sant'Ana.

Esses *suvenires* foram elaborados a partir de uma arte escolhida para estampar as imagens da festa. É feito um concurso com artistas locais que inscrevem e submetem seu desenho. A arte escolhida é usada para a confecção de vários produtos como mostra a figura 22 a baixo pertence ao artista caicoense André Vicente. Inicialmente vendidos só no formato *online*, já no segundo ano de pandemia também foram comercializados na vitrine de Sant'Ana, esse espaço é um estande com a exposição dos produtos que os fiéis poderiam adquirir.

Figura 23: Suvenires da festa de Sant'Ana 2020/2021.



Fonte: site www.catedraldeSant'Ana.com.br, acesso em agosto de 2021.

Como já exposto a venda de artigos de decoração, juntamente com a bandeira e a camiseta de Sant'Ana representaram uma forma de impulsionar o setor econômico da festa. Para isso o uso do marketing que já era uma ferramenta presente na divulgação da festa precisou se intensificar.

A pandemia revelou uma outra face da festa que se reinventou no âmbito social, religioso e econômico, e somado a esses despertou também o viés científico do fenômeno que é a devoção transformada em ritual e patrimonial imaterial brasileiro. Nessa trilha dois eventos de cunho científico foram criados, sendo o primeiro “O Fórum Festa de Sant'Ana de Caicó- Patrimônio Cultural do Brasil”, aprovado no edital 2020 da Funarte (Fundação Nacional de Arte) com recursos do Governo Federal.

O evento aconteceu totalmente no formato virtual e a organização foi em conjunto entre UFRN, IFRN, Museu do Seridó e da paróquia, cujo objetivo foi discutir as temáticas; patrimônio cultural, a salvaguarda da festa, moda em Sant'Ana, Arte e artesanato e turismo religioso”, explicou E2. O evento aconteceu nos dias 28 e 29 de julho de 2020 e teve como produto lançamento de *e-book* de resumos.

Outro evento também no âmbito acadêmico aconteceu em 2021 O “I Fórum de Turismo Religioso do Seridó”, realizado em formato remoto, no período de 27 a 29 de julho de 2021 sendo incluído como parte programação oficial da Festa de Sant’Ana. O evento teve como tema: “Turismo Religioso no Brasil e as Expressões do Sagrado no Seridó Potiguar, sendo a realização da ADESE (Agência de Desenvolvimento Sustentável do Seridó), juntamente com a Diocese de Caicó e o Curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS/UFRN)

A principal ideia deste segundo evento foi fomentar as discussões sobre a importância do turismo religioso e cultural na região. Considerando-se que vários municípios tem forte influência das festas de cunho religioso, então pensar nisto como alternativa para educação patrimonial bem como para desenvolvimento das localidades em questão foi o que impulsionou os pesquisadores a comparecer a este evento.

Esses dois momentos possibilitaram sobretudo um novo olhar sobre a festa de Sant’Ana, resgatando sua origem e com nomes de pessoas tradicionais do lugar que rememoraram como era o evento em tempos passados, trouxe também falas das pessoas que organizam a festa naquele tempo, que era de incertezas. Os dois tem seus produtos disponíveis em *sites*¹¹ e são um marco nas discussões de cunho científico com o desenvolvimento da temática “evento Festa de Sant’Ana”.

O enredo desses acontecimentos em tempo de pandemia, reafirmou a intensidade da fé das pessoas da região em Sant’Ana. Caicó rompe a membrana da incerteza e mesmo com todas as restrições realiza seu ritual em devoção a Sant’Ana, “*a festa se torna a vitrine da cidade*”, como aponta E2, os olhares se voltam para a cidade no momento festivo como exemplo de realização. Certamente o empreendedorismo daqueles que organizam o evento foi um precursor para que tudo acontecesse, mas não se pode negar que a riqueza exposta na vitrine era a Santa, como afirma o entrevistado E4 (sexo masculino e 51 anos):

“Sabemos que o Seridó é uma região marcada pelo fenômeno religioso que está muito arraigado na alma do sertanejo, esse fato faz com que a festa se torne um evento de grande repercussão social e religioso. A fé é outro elemento preponderante para tornar a festa de Sant’ana de grande magnitude.”

¹¹ <https://doity.com.br/forum-Sant'Ana>
<https://doity.com.br/forumturismoreligioso/informacoes>

A visão que o entrevistado se comprova mesmo na pandemia. a arrecadação da festa não deixou de ocorrer, mesmo em suas casas os devotos acompanharam desde as peregrinações até as *lives shows*. O dízimo ou doações nos cestos da igreja foram substituídos por *qr code* (evolução do código de barras) escaneados pela tela do celular e pagos diretamente pelo aplicativo de determinada instituição financeira. Mas todas as inovações versaram sobre o mesmo objeto, a ritualização, o festejar para a santa, num cenário em que a fé enfrentou o vírus de abrangência mundial.

4.3 A festa e as novas espacializações após pandemia

Passados os anos onde as restrições de aglomeração eram necessárias a festa volta a acontecer no formato de costume, nos anos recentes de 2022 e 2023. Os devotos do lugar e aqueles que vieram de longe para viver a festa voltam a ocupar os espaços da cidade e novas configurações são visualizadas.

Esse retorno da festa encontrou dois cenários, parte da população, sobretudo de mais idade ainda se encontravam receosos quanto a magnitude dos eventos em 2022 e assim sendo a festa continua a ser transmitida via *live*, bem como a celebração de duas missas e a novena. Noutra parte, os mais jovens esperaram por esse retorno para voltarem os festejos como de costume.

Todos os momentos da programação, desde as religiosas, passando pelas sociais e os eventos culturais voltaram a se realizar na reativação do Pavilhão cultural de Sant'Ana. Em 2022 uma banda de renome nacional, Quinteto Violado, se apresentou nesse palco, e nesse espaço, do pavilhão, os *shows* são gratuitos. Além dos eventos já estabelecidos na programação, outros surgiram também.

Criado em 2022 a trilha “Caminhos de Sant'Ana” consiste numa caminhada de cerca de 105 km entre as cidades de Currais Novos, Acari, Cruzeta, São José do Seridó e Caicó, mas diferente da rota feita pelos peregrinos, a trilha se percorre os espaços da zona rural dessas cidades como mostra a figura 23 a baixo.

Figura 24: Devotos na trilha caminhos de Sant'Ana



Fonte: Equipe Team da Serra, 2022.

Os devotos que fazem esse percurso são pessoas acostumadas a prática de realizar trilhas e decidiram fazer esse esporte pela devoção a Santa, logisticamente param nas cidades e visitam as igrejas, no fim do dia param para descansar onde estiverem e no dia seguinte retomam o caminho. E3 explica a idealização desse roteiro.

O projeto foi inspirado em três outros roteiros de peregrinação, Caminhos das capelinhas em Minas Gerais, Santiago de Compostela e também na Caravana dos peregrinos Ilton Pacheco e pode ser realizada o ano todo, nas zonas rurais e passando pelos espaços do Geoparque Seridó.

Esta trilha se originou do projeto “Seridó, Fé e Tradição” criada pela ADESE, SEBRAE/RN, curso de Turismo da UFRN e Diocese de Caicó que objetiva fomentar o turismo religioso na região. A ideia é que a trilha seja a criação de um novo produto turístico da região. A rota foi criada por uma empresa de turismo de aventura da cidade, Team da Serra e foi antes sinalizada por um empresário e um geógrafo da cidade.

A Catedral de Sant'Ana foi reconhecida como Patrimônio Cultural, Histórico e Religioso do Estado do Rio Grande do Norte pela lei 11.385, de 24 de março de 2023. No seu artigo 2º a lei pontua:

“Fica a Mitra Diocesana de Caicó, através da Paróquia de Sant’Ana, responsável por angariar os recursos necessários e realizar as obras de conservação e reparação que essa requerer, responsabilizando-se ainda por tomar as providências necessárias para que nenhum obstáculo impeça ou reduza a visibilidade da Catedral, nem nela sejam colocados anúncios ou cartazes que provoquem danos em sua estrutura”.(RIO GRANDE DO NORTE).

Além de indicar a jurisprudência eclesiástica responsável pela conservação da catedral, a lei assegura a autoridade de controle do espaço dos arredores como forma de preservação do patrimônio material. Antes desse ordenamento de seu uso a catedral e seu entorno era parte do espaço público municipal, sendo assim de usos coletivo e sem controle das apropriações feitas do lugar.

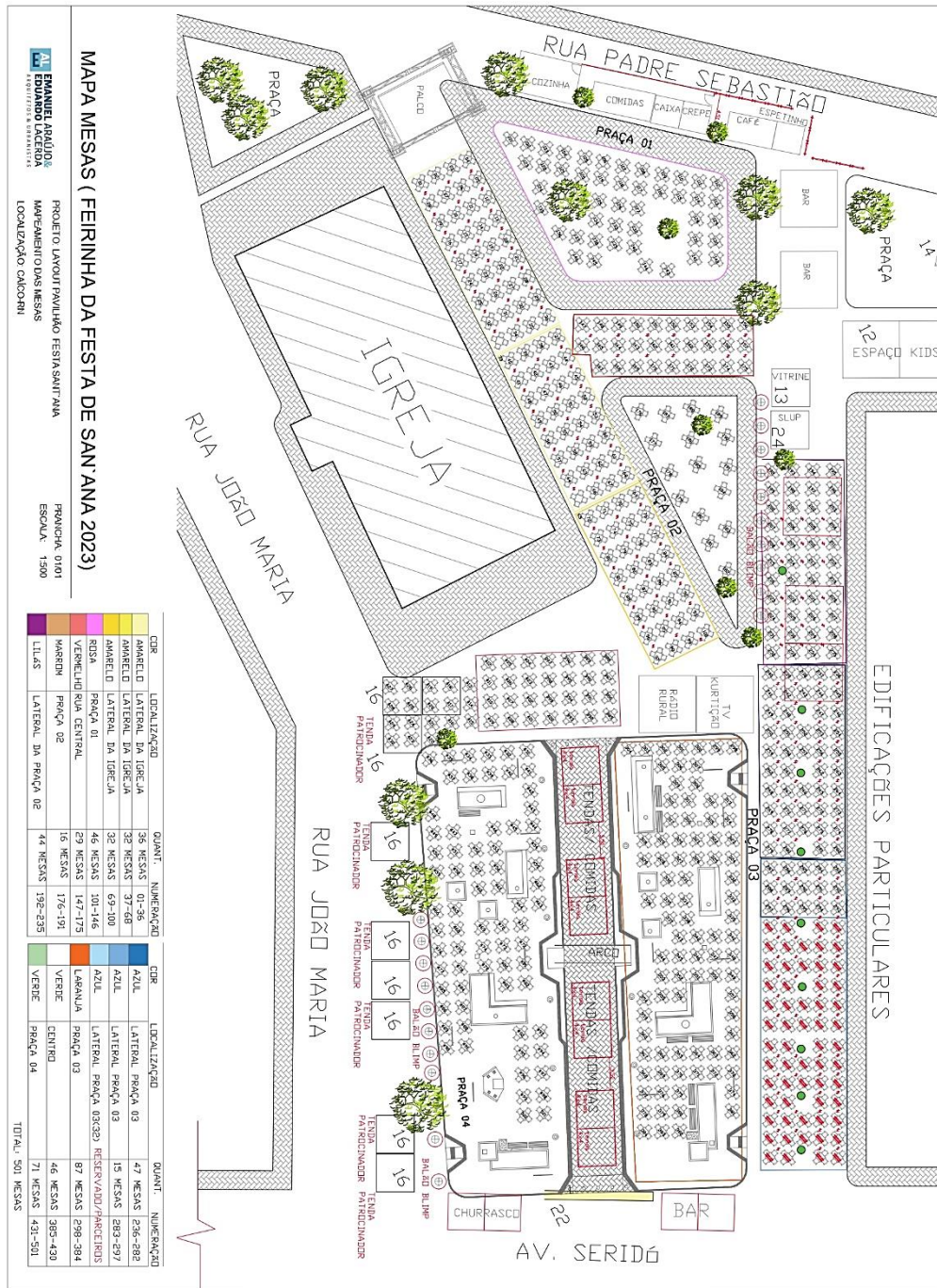
Nos anos anteriores a essa orientação legal, o espaço era ocupado espontaneamente e havia como E2 pontua um “acordo de cavalheiros” pois muitas construções dos arredores são residências e os proprietários usavam as calçadas para a comercialização de produtos principalmente nos momentos de maior concentração da festa; a procissão e sobretudo na Feirinha.

A partir de 2023 todo o espaço dos arredores da catedral foi comercializado pela própria paróquia como mostra a planta divulgada no ato da reserva de mesas. Antes indica E2:

“As pessoas traziam suas mesas e cadeiras e escolhiam um lugar ao lado da Igreja, por exemplo. Tinham que permanecer no lugar para não perder o espaço e isso tinha que ser cedo para encontrar locais de sombra, já que a Feirinha é de dia, os que chegavam mais tarde, como os turistas que vem de longe, ou ficavam em pé e muitas vezes no sol”.

Com o loteamento desse espaço para a comercialização, a organização da festa era responsável por reservar o local escolhido na compra e fornecer estrutura de barracas que cobrissem os espaços que não arborizados. A figura 23 mostra a planta usada para a venda de mesas e cadeiras na Feirinha.

Figura 25: distribuição das mesas para venda na Feirinha de Sant’Ana.



Fonte: Organização da Festa de Sant’Ana, 2023.

Essa comercialização de um espaço antes concebido como público chama atenção para as contradições que a mercantilização das religiosidades provoca, nem toda fiel devoto de Sant’Ana tem acesso à essa área privilegiada da festividade. A festa aqui como já exposto é uma prática espacial e Corrêa (2000, p. 35) ressalta

como sendo as práticas “um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais”. Assim sendo, as práticas espaciais revelam a consciência da diferenciação espacial, sendo uma ferramenta que justifica as mudanças e permanências do espaço onde essas práticas ocorrem.

Na festa, a prática espacial resulta de uma supervalorização cultural do evento. Assim, aponta Gomes (2018, p. 367): [...] “a opção de espaços a serem frequentados está, em grande parte, relacionada às práticas culturais e aos hábitos que antecipam interações previstas naqueles locais [...]”. A compra das mesas e cadeiras, é na verdade o aluguel da estrutura, mas do espaço, observando com afinco vê-se que os melhores lugares, são também os de valor mais alto.

Nesse contexto a cultura enquanto prática que permite a comercialização do espaço tem a Santa como porta bandeira, mas é um evento voltado para o comércio de produtos e a oferta do lazer, com músicas, comidas e bebidas, que ocorrem por meio de comandas digitais; consumidor e vendedores tem quase nenhum contato. Tanto a aquisição da estrutura como o pedido de alimentos e bebidas é feito num aplicativo que gera o valor pago no mesmo aplicativo, tudo pelo celular. É a criação de um verdadeiro mercado em torno da religiosidade, como revela Maia e Sá (2008, p. 11):

De fato, a origem das festas das padroeiras deu-se enquanto celebrações aos santos, dando às festas um caráter eminentemente religioso. Contudo com as mudanças políticas e sociais e com a separação das instituições Estado e Igreja, as festas religiosas vão cada vez mais incorporando elementos da vida laica, instituindo muitas vezes “rituais profanos” nas celebrações cristãs. Tais modificações impõem uma divisão espacial para os atos e celebrações que se revelam cada vez mais enquanto momentos de “ruptura” e “explosão” da vida cotidiana.

A ruptura é provocada no âmbito do subjetivo quando dos acontecimentos religiosos e também pelos momentos de comercialização dentro da festa, o próprio termo festa quando se direciona as comemorações de padroeiros implicitamente já é associado ao comércio criado em torno destes. Com Sant’Ana de Caicó essa ideia se consolida também.

O espaço das proximidades da catedral são organizados desse modo; a avenida Seridó por onde passam todos os que vão para os eventos na catedral sendo

de responsabilidade da prefeitura a coordenação, já a Praça Walfredo Gurgel e o arredores da igreja a gestão do uso é da paróquia, sendo muitas residências como já foi dito não há conflitos, porém há um entrave nesse cenário.

Um antigo casarão que fica numa esquina entre a praça e a avenida foi transformado em um restaurante particular, o Carvoeiro. Esse estabelecimento apropria-se da calçada e de parte da avenida dificultando a circulação, e isso gerou muitas críticas.

Os questionamentos não são infundados, sendo a festa um patrimônio, deveria ser acessível a todos, Lefebvre (2008) assevera sobre o direito à vida no ambiente urbano e o uso do espaço da cidade: “O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. (LEFEBVRE, 2008, p.134)”. A sociabilidade é um direito dos moradores da urbe, seja no dia a dia ou no calendário festivo, e a limitação desse espaço apenas aos consumidores de um estabelecimento é de fato contraditório.

A praça da catedral como é conhecida, cujo o nome de fato é Praça Monsenhor Walfredo Gurgel, foi reformada num projeto que custou cerca R\$ 239.418,22 viabilizada através de uma emenda parlamentar e durou 60 dias no início até a inauguração. A obra refez o piso, colocou iluminação e trocou os bancos. Essa obra de fato muda a estrutura espacial do largo da Matriz antes pouco utilizada no restante do ano, por certo dentre os motivos a falta de luz e infraestrutura do lugar.

No pavilhão de Sant’Ana são colocadas estruturas em duas modalidades, uma fixa e outra móvel, a fixa são os barracões que permanecem durante todos os dias da festa, já as mesas, cadeiras, barracas menores são anexadas pela necessidade do dia, a exemplo da Feirinha ou do Leilão sendo habitual se consumir no local muitas das prendas arrematadas. Em 2023 o pavilhão de Sant’Ana também inseriu um espaço *kids*.

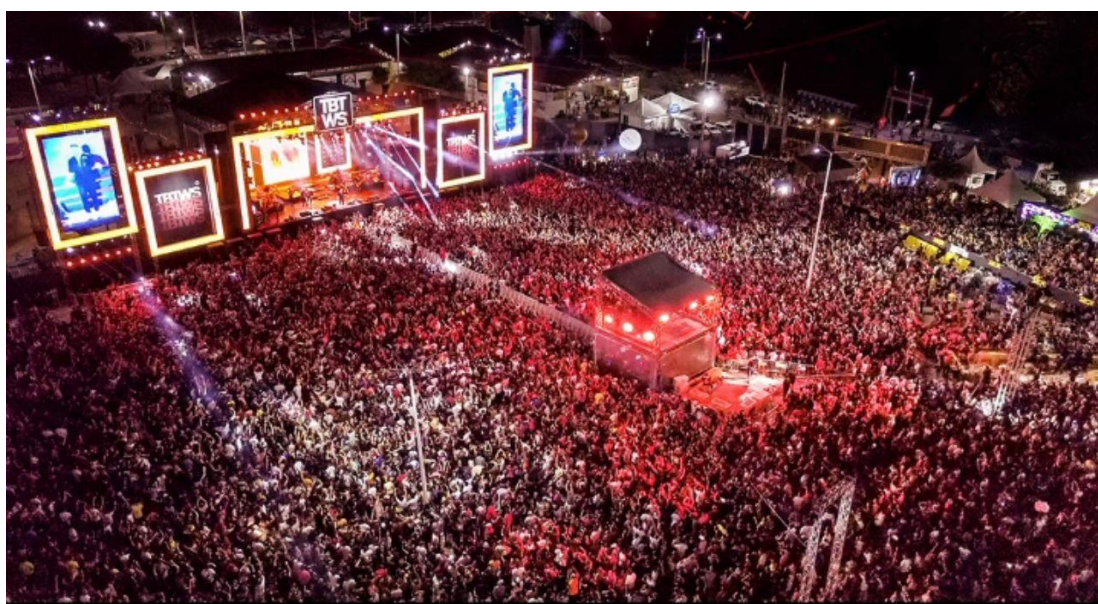
A ideia desse espaço foi concentrar os participantes da festa que vão com família e filhos pequenos, muitas vezes essas pessoas quando terminava a novena seguiam para a Ilha pois o pavilhão não era adequado para crianças pequenas, segundo E2, “então assim eles podem permanecer na parte cultural do pavilhão promovido pela paróquia”.

Outro espaço redefinido com o retorno da festa foi o Complexo turístico habitualmente desde sua inauguração em 2008, esse espaço sediava os shows gratuitos, a FAMUSE e o parque de diversões, sendo assim de acesso totalmente

público. Em 2022 o espaço foi utilizado de modo diferente e várias festas de grande porte que antes aconteciam nos clubes foram realizadas no Complexo.

Nesse mesmo ano o acesso ao espaço se dividiu entre os pagantes (distribuídos na pista e área vip) e os espaços gratuitos que foram exigência do Ministério público para a liberação do lugar. A baixo vê-se na figura 24 a ocupação do Complexo no dia da realização de uma das noites com o show de um cantor de conhecimento nacional: Wesley Safadão.

Figura 26: Festa TBT do Safadão no Complexo Turístico

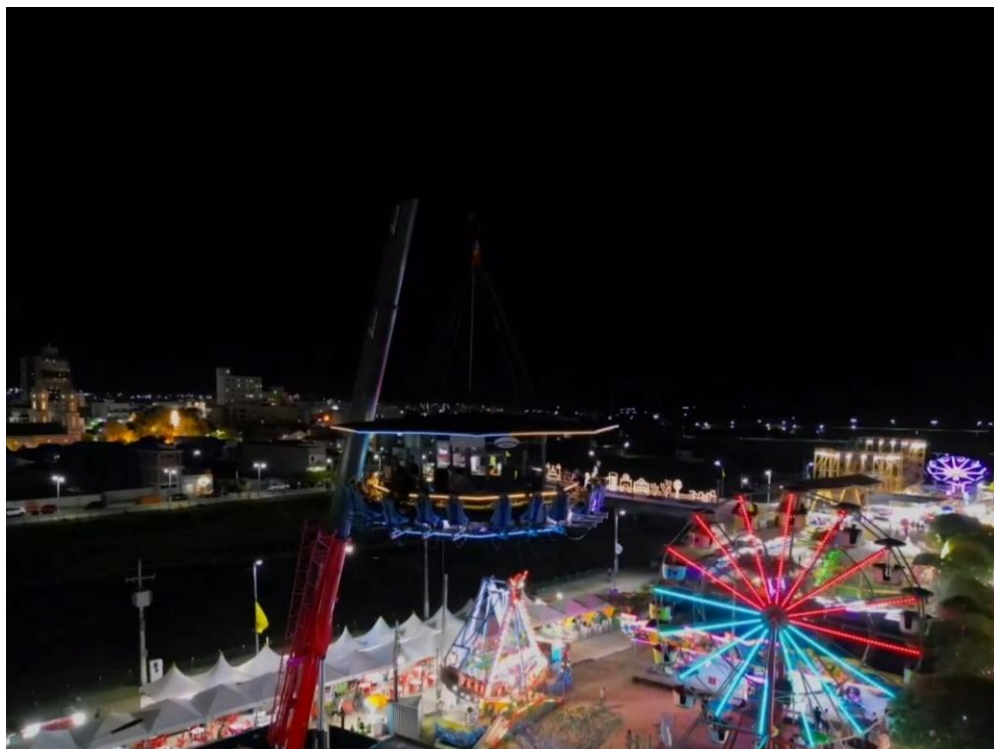


Fonte: site <https://www.festadeSant'Anadecaicorn.com.br/> acesso em 2023.

Embora pela imagem se note alta concentração no espaço, para a entrada nesse evento o valor era considerado alto e limitante para a maioria dos caicoenses, sendo esse formato não mais realizado na festa de 2023. Neste último ano o Complexo teve todos os eventos com entrada gratuita. Boa parte das festas (*shows* musicais) que antes aconteciam em clubes e espaços privados foram realizados neste espaço que atingiu lotação máxima no *show* de Zezo Potiguar, artista regional, no dia 29, último sábado da festa.

Uma inovação desse mesmo ano que se destacou no cenário da festa, foi a implantação de um restaurante suspenso no Complexo Turístico. Dois grupos de empresários, o restaurante Armazém 400 de Caicó e os pernambucanos da Nave 01 executaram o projeto do primeiro restaurante suspenso do Nordeste no período da festa de Sant'Ana no ano de 2023 visto na figura 25, abaixo.

Figura 27: Restaurante suspenso no Complexo turístico.



Fonte: Drone Caicó, 2023.

O restaurante em formato de nave recebia 24 pessoas com direito a alimentação e bebidas incluídas nos ingressos que custavam inicialmente no primeiro lote 195 reais. Erguido e sustentado por um guindaste o restaurante ficava elevado a 20 metros de altura. A estadia durava 1 hora, iniciando-se às 17h e encerrando-se às 21:40 quando era destinada a ser camarote vip para assistir os shows do Complexo Turístico.

A Famuse que antes se realizava também no Complexo, em 2023, por escolha dos expositores retorna ao local onde se localizou por muitos anos, na praça da Igreja do Rosário. Segundo a E1, o valor pago para o uso da Ilha de Sant'Ana era muito alto e o suporte era insatisfatório. Além dos fatores que a entrevistada citou, com a ida da maioria dos shows para o Complexo Turístico, o destaque da feira seria ofuscado.

Noutra parte da cidade aconteceu o Baile da Festa. Em 2023 a paróquia organizou um evento que revitalizou o anterior Baile dos Coroas, em comemoração aos 200 anos da imagem de Sant'Ana. Realizou-se no bairro Penedo, no *Cellebre* Recepções às 22h e seguiu o protocolo do antigo baile; traje fino e elegante, banda de música e a oferta de serviço de buffet durante toda a noite. O Baile da Festa aconteceu na última sexta-feira da festa no dia 28 de julho.

Olhando geograficamente, a espacialização da festa quando retorna da pandemia, abarca diversos novos locais e criam a cartografia da Festa. Não só o centro da cidade é usado nos festejos, todos os bairros são de algum modo abarcados, se não nos eventos sociais, mas no percorrer das ruas pelos fiéis e pela santa nas carreatas, cavalgadas e demais trajetos.

A Festa de Sant'Ana é na verdade o conjunto de várias festas dentro do ritual maior. Da festa dos doces a caminhada das crianças, dos shows noturnos a caminhada dos idosos, são os muitos tentáculos que saem do evento religioso.

A força da religiosidade em Caicó vem do imaginário que se cria em torno da santidade da avó de Jesus. O imaginário está no que Santos (2006) chama de psicofera, o espaço atualmente é produzido sobre duas vertentes, a tecnosfera, passagem do meio natural para o meio técnico científico e informacional. E a psicofera estará no: [...]reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. (SANTOS, 2014, p. 256).

No ponto de vista da geografia cultural, Claval (2001) vai tratar como sendo a força subjetiva das práticas que modelam o espaço. A Festa é esse molde que define a cidade nos dias em que se comemora. Durante os últimos dias do mês de julho os lugares se tornam símbolos da sacralização imposta pelo uso voltado para a devoção à santa.

Não resta comprovações da apropriação desse simbolismo pela produção capitalista criando um mercado da fé, e do mesmo modo é claro a força da crença que remonta a origem da cidade e o poder da santa de livrar tanto o vaqueiro da lenda como os caicoenses e devotos de outros lugares das dificuldades da vida no tempo pós moderno.

Monsenhor Antenor Salviano de Araújo, caicoense a frente da paróquia de Sant'Ana por algumas décadas usou a frase que define a espera pela data de comemorar a santa, é com empenho que se organiza tudo e em suas palavras "A festa é um estrondo". Esse estrondo seria a grandiosidade do evento no número de pessoas nas novenas que celebrava, até os dias atuais essa frase é usada para ressaltar a magnitude do evento. O estrondo é a emissão de efeitos sonoros alto e paralisam todos que o escutam, assim é a Festa de Sant'Ana, nas falas dos entrevistados E2 e E4 a fé a santa é um comportamento que se confirma:

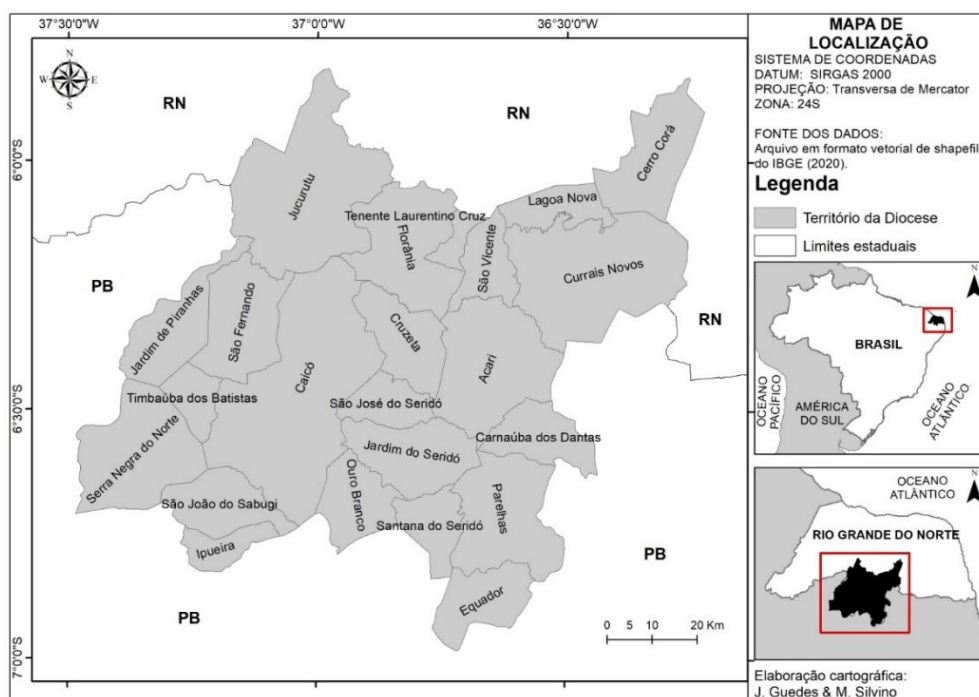
“Sendo seridoense e padre a Festa tem um valor especial, pois se junta o sentimento de fé com o ser padre numa diocese que tem como padroeira sant’ana, e além disso por oito anos fui responsável pela organização religiosa e social da festa. desse modo a festa nos ajuda a renovar a vida espiritual e nos proporciona momentos de convivência social que faz bem”. (E4, 2023)

Como afilhado de Sant’Ana, sim tem no meu registro de batismo, o nome do meu padrinho e a madrinha é Nossa Senhora de Sant’Ana, minha ligação com a santa é muito forte, sou devoto mesmo e a festa pra mim é a memória afetiva dos tempos de criança, das comidas e a família reunida na casa da minha vó. (E2, 2023).

A fala dos entrevistados revela a Caicó como a hierofania, a cidade é o território do simbólico e transforma mais diretamente o espaço urbano. A Festa de Sant’Ana no espaço urbano é a apropriação da tradição do povo que resiste as dificuldades e ocupa o Seridó.

A produção econômica em torno da festa é uma dessas faces da resistência também, são nesses dias que os vendedores ambulantes e comerciantes menores intensificam seu trabalho para ter uma renda melhor. A própria paróquia arrecada o valor destinado a manutenção anual no período da festa. Geograficamente a cidade de Caicó é a única na Diocese de Caicó que tem várias paróquias. O mapa abaixo especializa a Diocese de Caicó.

Mapa 04: cidades pertencentes a Diocese de Caicó



Fonte: Jânio Guedes e Marluce Silvino, 2023.

Visualizado neste mapa, a cidade de Caicó territorialmente é a maior da área de abrangência da Diocese de Caicó, por essa razão tem 6 paróquias, a paróquia de Sant'Ana é menor em termos territoriais, pois abrange dois bairros apenas, Centro e Acampamento. As arrecadações de doações por meio dízimo são insuficientes segundo E4 e isso justifica a necessidade de fazer da festa o momento de geração de capital para a paróquia.

Nesse contexto, a Festa ocorre numa região marcada pela religiosidade, está muito “arraigado na alma do sertanejo, esse fato faz com que a festa se torne um evento de grande repercussão social e religiosa. A fé é outro elemento preponderante para tornar a festa de Sant'Ana de grande magnitude”. (E4, 2023).

A festa de Caicó é o momento de socialização, de devoção e também de comercialização. São várias as lentes para observar tal fenômeno que se espacializa de dois modos; de um lado a paróquia e o poder público criam espaços para a Festa e de outro os moradores da cidade também criam usos para o espaço que vão sendo incorporados e assim cria-se a geografia da festa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Viver, para a humanidade, é produzir espaço”. Essa fala de Santos (1998) revela que uma sociedade só se concretiza pelo espaço que produz e o espaço, por sua vez, só pode ser compreendido por meio da sociedade que o produziu. Quando esse espaço passa por modificações com o objetivo de alcançar um determinado fim, seja ele comercial, ou financeiro está a serviço o sistema capitalista, o resultado desse processo é a produção do espaço. Nessa teia encontram-se as relações culturais que a bem da verdade são anteriores ao surgimento desse modelo econômico. A cultura que cria uma tradição moldando o imaginário e reafirmando o sentimento de pertencimento, promove a identidade dos indivíduos desde os tempos mais remotos e vem se perpetuando, como exemplo tem-se a religião que é vivida através de rituais distintos de acordo com as entidades celebradas.

Em Caicó impera o catolicismo, segundo o Censo de 2010 (o último que revela esse dado) mais de 50.000 pessoas na cidade se declararam adeptos dessa religião. E o ritual de maior radiação é a Festa de Sant’Ana, esta insere os munícipes num roteiro que se realiza nos dez últimos dias de julho, mas que se rememora durante todo o ano. Os eventos são de caráter religioso e sócio cultural, desde peregrinação, novenas e procissão passando por leilões, feiras de artesanato, e em clubes e parques de diversão. É um mega evento que dinamiza a economia e emociona aqueles cuja devoção gira em torno da vovó de Jesus.

Na festa de Sant’Ana todos são de algum modo inseridos nas festividades, ocorrem eventos em todas as classes sociais, para religiosos ou não devotos. É uma festa encorpada de simbolismos que remontam a origem da cidade e ilumina a história de bravura e resistência do homem que explora os sertões de mata cinza e vende a figura de um touro, tudo isso sob a proteção da Gloriosa Senhora Sant’Ana. Os objetos comercializados como o bordado e consumidos como os doces, carnes e queijos, etiquetados com orgulho por serem símbolos da cultura forte que se cristaliza e resiste ao tempo. Mas nem tudo resiste a metamorfose do tempo, em muitos eventos se fez preciso adequações que incorporassem os ventos do novo mundo.

A citar os eventos da pandemia por covid-19 que fez nascer sem tempo de gestação uma Festa virtual com a Catedral interativa, onde as preces eram feitas não no altar na igreja, mas na cadeira de balanço ou de joelhos em frente aos aparelhos eletrônicos. A cidade da tradição sem ser consultada torna-se a cidade da

modernidade, pois precisou acompanhar o passo das novas tecnologias com *QR CODE*, aplicativo, *lives*... tudo até então pouco conhecido ao menos pelos mais tradicionais devotos. As espacializações foram para o ciberespaço amparado pela psicosfera. E adaptando-se a realidade imposta, a festa não recua em sua grandeza, ao contrário quando volta ao modelo presencial se mostra majestosa e gloriosa como se nomeia a Santa em seu hino.

O comércio em torno da festa é também o comércio da cidade, Cachinho e Salgueiro (2009, p.09) afirmaram que “As relações entre o comércio e a cidade se perdem no tempo”. O comércio como afirmam é a razão de ser da cidade, em Caicó isso se confirma. As relações de trocas iniciadas a três séculos foram ao redor da primeira Igreja de Sant’Ana. Vinham caicoenses para os festejos e surge a centralidade que persiste até os dias atuais como a localização mais valorizada da cidade.

O evento promovido pela no âmbito religioso, inicialmente, se estilhaça e atinge o social, o cultural e o comercial, todas práticas sociais que se concretizam no espaço e impactam na história e na paisagem do lugar. A circulação de capital nos dias de festa escoia por veias distintas: o grande comércio, (lojas de vestimentas, calçados e supermercados), os pequenos comerciantes que nesse momento intensificam seu negócio (vendedores de quiosques fixos nas praças e complexo turístico) e os vendedores ambulantes/temporários.

A paróquia recebe recursos para promoção da festa mas gera centenas de empregos também, desde as cozinheiras que preparam os alimentos para o almoço e jantar de Sant’Ana, agentes de limpeza que recolhem os resíduos a cada fim de noite nas novenas e pavilhão, equipe de segurança civil particular (bombeiros e policiamento) dentre muitas outras.

Todo esse contexto, no entanto, não esconde também as desigualdades que são marcas da vida em sociedade na produção capitalista, e que se apresentam na festa, os ingressos com preços altos dos parques são uma grande reclamação das populações mais carentes, nem todos tem acesso. E se por um lado há a geração de emprego, há também uma explosão de subempregos, são as duas faces da mesma moeda.

Iniciamos esse texto pensando a partir da teoria de Lefebvre (2008) sobre a produção do espaço e mergulhamos para entender sobre a festa a partir do movimento; da atualidade e retornando a sua origem (regressivo) e dessa época

passada, não superada, mas atualizada (progressivo). E assim se comprovou, entender a potência que é a Festa de Sant'Ana é ultrapassar a rigidez da temporalidade de forma linear, muito do que era na sua origem permanece atualmente, e muito também se incorporou ao fenômeno que se atualiza.

A Festa é produzida da cidade de Caicó, o espaço é concebido pelos agentes públicos, mas também é dos indivíduos, as mudanças no espaço são de controle do estado, mas também mudam conforme a posse dos grupos sociais que os territorializam. A cidade também é a cede do espaço percebido pela hegemonia da produção capitalista que transforma a Festa na justificava para as inúmeras práticas comerciais. E ainda é pelas memórias e práticas impressas no espaço vivido que a Festa ganha a magnitude de Patrimônio Imaterial do Brasil.

Propulsora das mudanças na estrutura espacial da cidade, a Festa que se torna mercadoria, tem na ruptura do cotidiano, o momento em que os caicoenses se voltam para ver o andor, comer os doces das vovós, reencontrar antigos amigos, rever a escola onde estudou, passar o dia na feirinha de Sant'Ana e adquirir o bordado tradicional da região. O fenômeno se consolida no decorrer dos anos, dos mais novos nos *shows* aos mais clássicos bailes, das caminhadas aos peregrinos, da procissão a cavalgada, a cidade se redimensiona nos últimos dias de julho de cada ano.

E esse texto não teve como linha de análise a quantificação dos dados, sejam em número de valor arrecadado ou impacto na renda direta dos caicoenses, e sim olhar para a Festa enquanto fenômeno que direciona a produção capitalista em diferentes frentes mas também enquanto o fenômeno da espiritualidade materializada na devoção a Sant'Ana que se firma ano a ano.

A tabulação do impacto econômico certamente gerariam ainda outras incontáveis discussões, mas pensar no fenômeno cultural que se ressignifica a cada realidade histórica e se irradia produzindo o espaço da cidade foi o objeto que justificou o olhar e a escrita desse trabalho e ainda muito se tem a pensar sobre esse fenômeno na ciência geográfica caicoense e que seja então inspiração para outros estudos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados** 19 (54), p. 315-332, 2005.
- ARAÚJO, M. A. A. **Sobre pedras, entre rios: modernização do espaço urbano de Caicó (1950/1960)**. Dissertação de mestrado do programa de Pós Graduação em Geografia – UFRN, Natal. 290p, 2008.
- BEZERRA, A. C. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 23, P. 7-18, JAN./JUN. DE 2008
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BERDOLAY, V. Espaço e cultura. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L (ogs). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRANDÃO, C. R. **O vôo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê IPHAN [Festa de Sant'Ana]**. Brasília: Iphan,2010. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em: 22 set. 2011.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CAPEL, H. Dibujar el mundo. Borges, la ciudad y la geografía del siglo XXI. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001
- CARLOS, A.F.A. (org). **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARLOS, A.F.A. (org). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.
- COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: **Introdução à Geografia Cultural**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSTA, O.J.L. Tempos de Festas: espacialidades e simbolismos. In: **Hierópolis: o sagrado, o profano e o urbano**. (org) VASCONCELOS JÚNIOR R.E.P et al. EDITORA: Imprensa Universitária [Universidade Federal do Ceará, 2013.
- CHAUÌ, M., *et al.* **Política cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- CLAVAL, P. A Festa Religiosa. **Revista Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 8, n. 1, p.06-29, abr/2014.

CORTEZ, A. T. Consumo e desperdício: as duas faces das desigualdades. In: ORTIGOZA, S. A. G., CORTEZ, A. T. **Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CORRÊA, R. L. Formas Simbólicas e Espaço Algumas Considerações. **Revista Geographia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 12, março 2007.

CORRÊA, R. L. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (ogs). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, R. L. Tempo, espaço e geografia– um ensaio. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 285-294, jan./jun. 2019.

CORRÊA, R. O Espaço Urbano. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática. S.A, 1995. **Trajetórias Geográficas**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, R. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

CORRÊA, R. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COSGROVE, D. E. Em Direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: **Introdução à Geografia Cultural**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Betrand Brasil: 2003 [1983], p.103-134.

DEL PRIORE, M. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed Brasiliense, 2000.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs). **Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001.

HAESBAERT, R. Desterritorialização sem limites: reflexões geográficas em tempos de pandemia (I). **Boletim n.17 -Ciências Sociais e o Corona vírus**. 09 de abril de 2020

HAESBAERT, R. **Desterritorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2006.

HARVEY, D. Política anticapitalista en tiempos de Coronavirus. In:AGAMBEN, Giorgio (Org.). **Sopa de Wuhan**. Editorial ASPO, 2020.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro: UFF, v.14, n. 28, p. 8 - 39, 2012.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KOSELLECK, R. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

LANA, R.M. *et al.* Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36. 2020

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEVEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Grupo “As impossibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG. Minas Gerais. 2006.

LEVEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: Edufmg, 2008a.

LEVEBVRE, H. O Direito à Cidade. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008b.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), São Paulo (24), 109-123. 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAIA, D. S.; SÁ, N. L. A. R. A festa na cidade no século XIX e início do século XX: lembranças e memórias da cidade da Parahyba–Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 18–39, 2008.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade** (5a ed.). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro:massey Bertrand Brasil, 2015.

MASSEY, D. _Um sentido global do lugar. In A. A. Arantes (Org.), *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papiros, 2000.

MELLO, José Marques de. As Festas Populares: como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. In: **Líbero**, Ano III, V.3, n.6, p.56-63, 2000

MORAIS, I.R.D. **Desvendando a cidade**. Natal: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999.

MORAIS, I.R.D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: Ed. do Autor, 2005.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Editora: HUCITEC, 1994.

SANTOS, M. _1992: a redescoberta da Natureza. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, M **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. [col. Milton Santos] São Paulo: EdUSP, 2006.

SILVA, T, M. A (ciber)geografia das cidades digitais. **Scripta Nova**. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. VIII, núm. 170 (36), 2004.

SILVEIRA, E. J. S. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo, vl. 18, n.1, março 2007.

SPÓSITO, M. E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: **O espaço no fim do século a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Geografia do Turismo na Cultura Carnavalesca: o Sambódromo do Anhembi**. São Paulo: Pau-listana, 2007.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Turismo Religioso**. São Paulo, Aleph, 2004.

ORTIGOZA, S. A. G. Da produção ao consumo: dinâmicas urbanas para um mercado mundial. In: ORTIGOZA, S. A. G., CORTEZ. A. T. **Da produção ao consumo**: impactos socioambientais no espaço urbano. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ORTIGOZA, S. A. G. **Paisagens do consumo**: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p. ISBN 978-85- 7983-128-7.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

RECOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. (Trad. de Alain François.) Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

REIS, J J. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In. JANCSÓ. I & KANTOR. I (orgs). Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 6 (14). p. 95-106. 1992.

RODRIGUES, H. R.; SILVA, A. D. C.; FARIA, T. C. A. As transformações do espaço urbano em cenários epidêmicos: da modernidade ao pós-pandemia. **Oculum Ensaio**, v. 18, 2021.

ROLNIK, R. **O que é Cidade**. Editora Brasiliense – Série Primeiros Passos. São Paulo, 1988.

ROSENDAHL, Z. Uma Procissão na Geografia. EdUERJ, 2018.

ROSENDAHL, Z. O Sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (ogs). **Olhares Geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SALGUEIRO, Teresa Barata; CACHINHO, Herculano. Relações cidade – comércio. Dinâmicas de evolução e modelos interpretativos. In: C. Carreras & S.M.M Pacheco (Org.). **Cidade e Comércio**: a rua na perspectiva internacional, Rio de Janeiro, Armazém das Letras, 2009.

SATHLER, D, LEIVA, G. A cidade importa: urbanização, análise regional e segregação urbana em tempos de pandemia de Covid-19. **Rev. bras. estud. popul.** [online]. 2022

SCHMIDT, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. Trad. Marta Inez Medeiros Marques; Marcelo Barreto. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, 2012.

SILVEIRA, E. J. S. **Turismo Religioso no Brasil**: uma perspectiva local e global. Revista Turismo em Análise. São Paulo, vl. 18, n.1, março 2007.

SERPA, A. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

SOJA, E. W. Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions. Malden (Massachussets): Blackwell Publishers, 2000.

YÁZIGI, E. **Turismo**: uma esperança condicional. 3 ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A - ENTREVISTA DIRECIONADA AO REPRESENTANTE RELIGIOSO DA PARÓQUIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Tese de doutorado: Salve Sant'Ana de Caicó: a ressignificação da festa e a produção do espaço urbano em Caicó/RN.

Discente. Marluce Silvino

Orientador: Jose Borzacchiello da Silva

Entrevista

1. A Festa de Sant'Ana, é um evento religioso que de grande dimensão para Caicó, em sua opinião o que justifica esse fenômeno?
2. Para o senhor qual a relevância da Festa de Sant'Ana?
3. Em sua percepção qual a importância socioeconômica da Festa de Sant'Ana para a cidade?
4. Nos anos de 2020 e 2021 a festa ocorreu de forma diferente em decorrência da pandemia, quais adaptações foram feitas para que a festa se realizasse?
5. Foi observado alguma mudança na dinâmica de participação dos devotos em virtude da pandemia?
6. Nesse momento de pandemia como ficou a contribuição dos patrocinadores da festa?

7. Quais as principais dificuldades enfrentadas para o retorno da festa no modelo presencial? E como se deu a participação dos fiéis nesse momento de retorno?
8. Qual a finalidade dos recursos que são adquiridos com a realização da Festa de Sant'Ana?

Agradecemos a sua contribuição e salientamos que as respostas ao serem utilizadas terão a finalidade acadêmica e científica, sua identificação será preservada e sua fala será usada de maneira idêntica a que foi concedida. Para segurança dos pesquisadores solicito por gentileza que assine a baixo concedendo o uso das informações aqui prestadas no trabalho de conclusão de curso do doutorado em Geografia da Universidade Federal do Ceará e demais publicações de cunho científico.

08 de Agosto de 2023.

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PARTICIPANTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Tese de doutorado: Salve Sant'Ana de Caicó: a ressignificação da festa e a produção do espaço urbano em Caicó/RN.

Discente. Marluce Silvino

Orientador: Jose Borzacchiello da Silva

Entrevista

1. Sendo um evento tradicional que remete a devoção dos caicoenses, para você o que essa festa representa?
2. Descreva a importância dos eventos da Festa para economia e cultura da cidade de Caicó.
3. Quais eventos da Festa você participa?
4. Em sua opinião como foi viver a festa no momento da pandemia?
5. Quais eventos na pandemia você participou?
6. Com o retorno da festa em 2022 no modelo presencial como foi viver os festejos de Sant'Ana após pandemia?

Agradecemos a sua contribuição e salientamos que as respostas ao serem utilizadas terão a finalidade acadêmica e científica, sua identificação será preservada e sua fala será usada de maneira idêntica a que foi concedida. Para segurança dos

pesquisadores solicito por gentileza que assine a baixo concedendo o uso das informações aqui prestadas no trabalho de conclusão de curso do doutorado em Geografia da Universidade Federal do Ceará e demais publicações de cunho científico.

08 de Agosto de 2023.